

UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES - UCAM
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISAS DO RIO DE JANEIRO - IUPERJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA - PPGSP

LORRANA FERREIRA LUCIO

A VOZ PARA A AUTODEFINIÇÃO: ESTUDO SOBRE PODCASTS COM TEMAS
DO FEMINISMO NEGRO NA PLATAFORMA SPOTIFY

RIO DE JANEIRO
2025

LORRANA FERREIRA LUCIO

**A VOZ PARA A AUTODEFINIÇÃO: ESTUDO SOBRE PODCASTS COM TEMAS
DO FEMINISMO NEGRO NA PLATAFORMA SPOTIFY**

Dissertação apresentada à Banca de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Sociologia Política.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Ferreira de Souza

**RIO DE JANEIRO
2025**

Catálogo na Publicação
Biblioteca Central
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ
Bibliotecário responsável: Paulo César do Prado – CRB-7 7131

L937v Lucio, Lorrana Ferreira.

A voz para a autodefinição: estudo sobre podcasts com temas do feminismo negro na plataforma Spotify. /

Lorrana Ferreira Lucio. – Rio de Janeiro, 2025.

136 f.

**Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) –
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro,
2025.**

Orientação de: Prof. Dr. Rogério Ferreira de Souza.

**1. Feminismo negro. 2. Ativismo. 3. Plataformas
digitais. I. Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de
Janeiro. II. Título.**

CDU 396:165.744:061.68

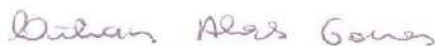
LORRANA FERREIRA LUCIO

“A voz para a autodefinição: estudo sobre podcasts com os temas do pensamento feminista negro na plataforma Spotify”

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro da Universidade Candido Mendes como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.



Prof. Dr. Rogério Ferreira de Souza
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro / UCAM



Profa. Dra. Lilian Alves Gomes
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro / UCAM



Profa. Dra. Ana Paula Alves Ribeiro
Universidade Estadual do Rio de Janeiro / UERJ

Em acordo com o Regimento do Programa de Pós-Graduação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ/UCAM, o candidato no prazo máximo de 30 (trinta) dias, para Teses aprovadas com restrições, deve entregar as cópias exigidas na versão final na Secretaria de Pós-Graduação, como condição final para a expedição do diploma.

RIO DE JANEIRO
2025

*Dedico esta dissertação ao meu
filho, Hyuri Miguel, à luz da minha
vida.*

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a espiritualidade por ter me concedido forças e direcionamento em meus momentos de fraqueza. Agradeço a Exú por ser vivo em minha vida e em meus caminhos. Agradeço a Ogum e Iansã, meus pais espirituais por terem me permitido sonhar tão alto e por essa vitória, espero ser merecedora de tantas bênçãos.

Agradeço ao meu filho, Hyuri Miguel, por todo amor e força que me oferece, por toda compreensão, animação e felicidade que faz parte do nosso cotidiano e me auxiliou a concluir esta dissertação. Agradeço por todos os copos d'água e lanchinhos que me levou no quarto. Infelizmente o nome desse trabalho não pode ser *"importante: dissertação da Lorrana, Lorranchinha"* como você sugeriu, mas no meu coração, esse é o título.

Agradeço ao meu pai, Carlos Alberto, que me ensinou a estudar e a valorizar os livros, te prometi nunca parar de estudar, pretendo continuar cumprindo a minha promessa, pai. Agradeço às minhas mães Patrícias. Agradeço às minhas irmãs, Letícia Lucio, Jamires, Perolla, Maria Cecília e Maria Flor, o amor de vocês me faz mais forte.

Agradeço às minhas amigas e amigos, em sua maioria pessoas negras, por me ensinarem tanto sobre amor, lealdade e compreensão, a minha jornada é mais leve com o meu quilombo formado por várias tribos. E, em especial, agradeço a Yasmin Santos por ser minha companheira fiel, minha melhor amiga, minha comadre, minha parceira que tenho a honra de dividir a vida e trocar dedicatórias desde o pré-vestibular. Agradeço a Jamires Pessanha, minha irmã de vida, eu não tenho palavras para demonstrar todo meu amor e gratidão por você - pra sempre nós. Agradeço ao Robson de Araújo, você foi incansável e essencial nesse processo, obrigada meu amor.

Agradeço a minha psicóloga, Nayara da Silva, por toda escuta, sem você eu não teria conseguido, obrigada por tudo.

Agradeço ao meu orientador, Dr. Rogério Ferreira, obrigada por todo apoio, por ter segurado a minha mão, controlado meu pânico, acolhido minhas palavras e por ter me deixado livre para legitimar meu tema desde a nossa primeira conversa. Sua maneira de enxergar o mundo é fascinante, você acreditou em mim e na minha pesquisa e tornou esse processo mais leve. Agradeço também ao PPGSP por todos os ensinamentos.

Agradeço as mais velhas, as mais novas e as que estão por vir. Agradeço a todas as mulheres negras que viveram, não desistiram, não pararam, não se intimidaram e enfrentaram, principalmente, a academia. Agradeço a todas as ciberativistas negras. Agradeço a todas as minhas ancestrais. E agradeço a oportunidade de ser a continuação.

Introdução	7
Notas sobre metodologia da pesquisa	13
1- Longevidade e compromisso: a trajetória da organização do feminismo negro brasileiro:	19
1.1 Feminismo Negro: notas sobre a fundamentação teórica, conceitos e autoras.	30
2. Ativismo intelectual, ciberativismo e feminismo negro brasileiro: podcasts como mecanismo de ação	43
2.1 Ciberativismo como continuação do legado do feminismo negro brasileiro.	48
3. Análise dos podcasts	70
Considerações Finais	88
Referências bibliográficas	92
Anexo I	95

Introdução

A presente dissertação objetiva analisar produções de episódios de podcasts que discutam temas relacionados ao feminismo negro e, aprofundar os conhecimentos acerca do pensamento feminista negro, ciberativismo de mulheres negras, e como os podcasts se tornaram ferramentas desse movimento.

No panorama geral, os objetos desta pesquisa foram 96 episódios de podcasts, disponíveis na plataforma *Spotify*¹, que apresentavam no título um ou mais dos termos selecionados, sendo estes “*pensamento feminista negro*”; “*interseccionalidade*”; “*Lelia Gonzalez*” e “*Sueli Carneiro*”. Os objetivos desta pesquisa são: 1) investigar quem são as produtoras/es e participantes que estão produzindo narrativas através dos podcasts pesquisados, assim como, 2) analisar qual o perfil educacional dessas pessoas e, principalmente, das mulheres negras, 3) pesquisar se existem aproximações entre esse movimento com o ciberativismo feito por mulheres negras, 4) mapear os programas que discutem essas temáticas e como elas estão inseridas na podosfera² brasileira, apontando o potencial desses meios de comunicação para difundir o pensamento feminista negro.

Esta dissertação busca aprofundar as discussões teóricas sobre o pensamento feminista negro e interseccional, com base em referências fundamentais, tais como bell hooks (1989; 2019), Grada Kilomba (2019), Lélia Gonzalez (1982-2020), Patricia Hill Collins (2019), Sueli Carneiro (2005; 2013) e Flávia Rios (2018), entre outras. Essas autoras apresentam uma abordagem que parte da experiência cotidiana como elemento central para a construção de conhecimento e para a ação social das mulheres negras. Ademais, a pesquisa evidenciou a significativa presença do ciberativismo protagonizado por mulheres negras, ressaltando a articulação e mobilização desse grupo por meio das plataformas digitais.

¹ Seleção dos episódios utilizados aqui: <https://open.spotify.com/playlist/47IWuT0Nz9Yo701R2Z1hn7>

² A podosfera refere-se ao universo de produção, distribuição e consumo de conteúdo em formato de podcast. Este conceito abrange uma ampla gama de práticas e atores, incluindo criadores de conteúdo, plataformas de hospedagem e distribuição, e a audiência. Ela representa um ecossistema midiático dinâmico que facilita a disseminação de conhecimento, cultura e entretenimento, além de proporcionar novas formas de interação e engajamento com o público. A podosfera é a arena onde os podcasts se encontram.

O aprofundamento teórico sobre o pensamento feminista negro e o movimento do feminismo negro permite compreender de que maneira essas reivindicações, fundamentadas em práticas e teorias, contribuem para a formulação de agendas públicas e a construção de agentes sociais. Essas agentes, ao ocuparem espaços na arena sociológica, ampliam o debate acadêmico e inserem temas centrais nas disputas por poder, tanto nos espaços institucionais quanto nas mídias tradicionais e nas chamadas novas mídias.

O aumento das produções feministas negras dentro da academia nas últimas décadas tem sido amplamente discutido, e essa expansão também se reflete em espaços públicos, com o crescimento da representatividade de mulheres negras em diversas posições de relevância, como parlamentares, jornalistas, apresentadoras, atrizes, professoras e escritoras. No entanto, torna-se imprescindível uma análise crítica sobre as dinâmicas desse avanço, especialmente no que se refere às condições que possibilitam essas conquistas e aos agentes envolvidos nesse processo. Em 2011, Sueli Carneiro já destacava a potência do movimento de mulheres negras no Brasil, enfatizando sua capacidade de articulação e mobilização como aspecto central na luta por direitos e visibilidade.

Acredito que nessa década, as mulheres negras brasileiras encontraram seu caminho de autodeterminação política, soltaram as suas vozes, brigaram por espaço e representação e se fizeram presentes em todos os espaços de importância para o avanço da questão da mulher brasileira hoje. Foi sua temática a que mais cresceu politicamente no movimento de mulheres do Brasil, integrando, espera-se que definitivamente, a questão racial no movimento de mulheres. O que impulsiona essa luta é a crença “na possibilidade de construção de um modelo civilizatório humano, fraterno e solidário, tendo como base os valores expressos pela luta anti-racista, feminista e ecológica, assumidos pelas mulheres negras de todos os continentes, pertencentes que somos à mesma comunidade de destinos”. Pela construção de uma sociedade multirracial e pluricultural, onde a diferença seja vivida como equivalência e não mais como inferioridade. (CARNEIRO, 2011, p. 5)

Logo, a presença dessas mulheres negras, cujo uma parte são pensadoras negras, que reafirmam constantemente como a luta se tornou pela construção de um pensamento que auxilie na vida de outras mulheres, ajudando-as a romper com silêncios, violências e seus medos, caminhando no enfrentamento da sociedade racista e viabilizando direitos para outras mulheres e gerações, assim como experienciando o afeto, tudo isso sendo realizado com didática para alcançar a maior quantidade de mulheres negras possível. No Brasil, o movimento do

feminismo negro surgiu a partir do momento em que mulheres negras, ao participarem do movimento negro, eram atingidas com machismo e, ao integrarem o movimento feminista, eram atingidas pelo racismo de mulheres brancas.

Nossos parceiros do movimento reproduzem as práticas sexistas do patriarcado dominante e tentam nos excluir da esfera de decisão do movimento. E é justamente por esse motivo que buscamos o movimento de mulheres, a teoria e a prática feministas, acreditando poder encontrar ali uma solidariedade tão cara à questão racial: a irmandade. Contudo, o que realmente encontramos são as práticas de exclusão e dominação racistas com as quais lidamos na primeira seção deste trabalho. Nós somos invisíveis nos três aspectos do movimento de mulheres; mesmo naquele em que nossa presença é maior, somos descoloridas ou desracializadas e colocadas na categoria popular (os poucos textos que incluem a dimensão racial apenas confirmam a regra geral). (GONZALEZ, 2020, p.148)

Apesar do mito ao forçar um maior protagonismo político de mulheres negras a partir da segunda metade do século XX, em aproximadamente 1970/1980, a presença de mulheres negras na vida política, na construção da intelectualidade e na sociedade brasileira não pode ser datada, pois na historiografia, outras mulheres negras tiveram grande influência antes dessas datas. Collins (2019) incentiva essa reflexão ao citar a importância na recuperação das tradições de intelectuais feministas negras, não somente as intelectuais que estavam na academia ou em locais formais de educação, como também na sabedoria ancestral presente em intelectuais que podem ser encontradas em familiares antepassados. Apesar de estar falando sobre a vida de mulheres negras estadunidenses, suas pensadoras e a história de seu país, o seu texto possui uma serventia ao analisarmos a questão das mulheres negras brasileiras na construção do movimento feminista negro e suas tradições, pois os processos de opressões são similares.

Ao redor do mundo, em 1851, Sojourner Truth, uma importante interlectual, mulher negra não alfabetizada que teve seu discurso registrado por uma outra pessoa, ativista feminista que proferiu o discurso conhecido como “E eu não sou uma mulher” que questiona a ideia de mulher, que até aquele momento era tratado como algo singular e único. Em seu discurso, Truth questiona porque ela não era tratada como essa mulher universal; ela plantava, ela trabalhava, ela tivera filhos, os quais não criou nenhum pois foram arrancados de seu braço para serem vendidos como escravos, ela chorou a dor de uma mãe, entretanto, não era tratada como uma mulher. Diversas obras foram produzidas a partir desse discurso dada a sua genialidade e incrível capacidade de leitura do mundo naquele momento ao

explicar a situação da mulher escravizada, que não recebia os tratamentos direcionados para mulheres brancas.

Ao contextualizar a história do movimento feminista negro brasileiro, fatores como o apagamento histórico e cultural se fazem presentes, entretanto, apesar do esforço coletivo feito por outros intelectuais ao contar a 'história oficial' onde apagam a presença de pessoas negras e, principalmente, a existência e a denúncia de mulheres negras em lutas e contribuições intelectuais para a historiografia brasileira, existe uma tradição intelectual dessa população. Além do uso da ferramenta da história oral entre mulheres negras, ponto que retornarei adiante, pontuarei algumas referências na construção do que hoje conhecemos como pensamento feminista negro, graças a um trabalho árduo de redescoberta de personalidades essenciais para a história, realizado por alguns intelectuais brasileiros.

Ao discorrer sobre a construção dessa tradição em mulheres negras brasileiras, uma dessas personalidades é a Escrava Esperança Garcia, mulher negra que em 1770 escreveu uma carta enviada ao governador vigente do Piauí denunciando as condições de vida que se encontrava, relatando as violências, inclusive as endereçadas ao seu filho que ainda era uma criança de aproximadamente 7 anos e solicitando melhorias para o seu cotidiano e de suas companheiras.³ Apesar de nunca ter tido a sua carta respondida, Esperança encontrou uma forma de articulação para lutar contra a opressão que estava sofrendo, e, buscou uma ferramenta para resolver o problema, não somente individual como coletivamente, pois em sua carta, ela inclui a situação de outras mulheres e crianças que estavam à sua volta. A preocupação com o coletivo, que é uma das principais características do feminismo negro e, consequentemente, do pensamento feminista negro está presente nessa articulação de 1770.

O pensamento feminista negro, baseado principalmente na pluralidade e complexidade da vida das mulheres negras, se apresenta também como uma teoria

³ A carta em questão foi encontrada em 1979 pelo antropólogo Luís Mott, no arquivo público do Piauí, estado onde, posteriormente, no ano de 2017, Esperança Garcia foi considerada pela OAB/PI como a primeira advogada piauiense. Acredita-se que essa carta foi escrita um ano após os seus antigos donos, os jesuítas, serem expulsos do Brasil. Em 2019, foi fundado o instituto Esperança Garcia, instituição que atua em três eixos, sendo eles: educação, intervenção social e direita à memória. <https://esperancagarcia.org/>

social crítica sustentado pela produção e divulgação científica das próprias integrantes e aliados. A autora Lélia Gonzalez categoriza a experiência de mulheres negras no Brasil como “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão.” (Lélia Gonzalez, p.50, 2020). A busca pela representação digna das mulheres negras e as denúncias de violências endereçadas a este grupo se torna uma das bases desse pensamento feminista negro que tem influenciado profundamente a construção de uma epistemologia própria, centrada na sobrevivência digna e livre das mulheres negras e na luta pela autodefinição, participação social respeitosa e desconstrução de imagens de controle.

Collins (2019), em seu livro “Pensamento feminista negro” apresenta o surgimento do pensamento feminista negro como uma teoria social crítica que se dispõem a discutir sobre as injustiças sofridas, as organizações e os conhecimentos produzidos por intelectuais negras; intelectuais estas que não precisam estar necessariamente, interligadas com a academia e/ou educação formal.

Inserir essas mulheres negras no debate público e legitimá-las como intelectuais se torna uma ferramenta de empoderamento, libertando-as dos muros (in)visíveis da academia, onde, sistematicamente, sufoca e silencia suas vozes até essas mulheres sucumbirem e suas contribuições serem descartadas ou indevidamente documentadas. Como uma forma de recontar a sua própria história e construir suas próprias narrativas, intelectuais do movimento feminista negro se organizam na construção do movimento, que abarca a academia e levanta a bandeira de que não existe neutralidade em espaços sociais e acadêmicos, confrontando discursos onde acreditam que a demarcação de identitarismos é prejudicial para o debate científico.

Existe uma frase popular dentro do feminismo negro brasileiro que é “nossos passos vêm de longe”, essa frase simboliza justamente histórias e memórias que foram apagadas, suprimidas e silenciadas dentro desta lógica até aqui apresentada. Grada Kilomba (2019) nomeia este processo como silêncio imposto, onde como resultado a colonização, pessoas negras foram silenciadas, o que reverberou em

violências, apagamentos históricos e transformadas em objetos - objetos sem direito de fala, escolha ou ação.

O processo de retomada da noção de sujeito e não objeto reverbera na presença de mulheres negras em arenas públicas e a construção de referências bibliográficas de mulheres negras pode ser interpretada como um ato de resistência a uma lógica de dominação que as silencia e objetifica, sem considerá-las sujeitos. Essa produção se revela extremamente complexa devido à necessidade de romper com uma lógica que serve como mecanismo de autopreservação para as mulheres negras diante das pressões e discriminações presentes no contexto dominado pela cultura dominante. Documentar, conhecer e pesquisar dentro deste universo é frutífero e caminhar para a linha do empoderamento e rompimento com a produção hegemônica de conhecimento, com os cânones dos conhecimentos tradicionais, onde não é possível encontrar a presença de mulheres, quem dirá mulheres negras.

A disputa pela fala e escrita dentro de espaços de poder se torna peça fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. A busca pela legitimação de literaturas específicas do feminismo negro dentro da sociologia política, apresenta-se como um desafio ao me deparar com a alta presença de autores brancos, europeus e homens e, a singela presença de mulheres, homens negros e mulheres negras, assim como, a baixa presença de autores latino-americanos, africanos e orientais. A ausência destes autores dentro dos moldes 'tradicionais' da academia, além de uma perda intelectual gigantesca, dificulta a aceitação de um trabalho que não tenha como base os cânones da sociologia, logo, ao realizar algumas escolhas de pesquisa, como a da construção de uma dissertação referenciada, em sua grande parte, em autoras negras, exige um trabalho redobrado, pois torna-se necessário reafirmar diversas vezes o rigor científico dessas literaturas.

A minha proximidade com o tema a ser discutido e as escolhas realizadas se deu a partir de articulações e perspectivas adquiridas com o passar dos anos sendo uma ouvinte árdua de podcasts dos mais variados temas mas, principalmente, de programas e episódios com a temática do feminismo negro. Em decorrência dessa experimentação subjetiva que me possibilitou refletir acerca de alguns dilemas da minha vida pessoal, acadêmica e profissional, esta análise me despertou conflitos

subjetivos, expondo medos e receios que estavam adormecidos após sentir que, talvez, o problema fosse individual. Enquanto uma mulher negra, construí preocupações e afetos que inicialmente pareciam naturais como o curso da água, entretanto, ao consumir alguns episódios específicos de podcasts, juntamente ao contato com literaturas do feminismo negro, percebi que, existem situações que podem ser consideradas um ‘padrão’ ao serem vivenciadas pelo grupo de mulheres o qual estou inserida. Assim, surge o meu interesse por esta pesquisa.

Notas sobre metodologia da pesquisa

O desenho desta pesquisa foi construído com intuito de realizar um levantamento de episódios de podcasts produzidos entre 2019-2024, disponibilizados na plataforma do *Spotify* e por produtoras brasileiras. A escolha pelo *Spotify* como plataforma principal para a pesquisa se justifica através de sua popularização no mercado de streaming de áudio⁴, segundo o MIDiA Research, o *Spotify* se consolidou como a maior plataforma de streaming de áudio no Brasil, sendo amplamente utilizado para a reprodução de músicas e podcasts (MIDiA Research, 2023). Essa predominância se reflete na adesão do público: um estudo da Pesquisa Brasileira de Mídia⁵ (PBM, 2022) apontou que o *Spotify* é a plataforma mais utilizada para consumo de podcasts no país, superando concorrentes como *Apple Podcasts* e *Google Podcasts*. Dessa maneira, a visibilidade dessa plataforma foi interessante para a análise dessa pesquisa pois o cerne é compreender como os temas do feminismo negro são tratados, disponibilizados e visibilizados a partir de podcasts no mundo virtual.

O *Spotify* oferece uma interface intuitiva, que facilita o acesso aos conteúdos tanto para os ouvintes quanto para os produtores. Além disso, essa disponibilidade no acesso também conta com uma plataforma estruturada para anúncios, que permite a inserção de episódios patrocinados com pouca sinalização de que é uma publicidade. Esse modelo possibilita que determinados episódios alcancem maior engajamento por meio de recomendações algorítmicas e maior investimento em divulgação, consolidando o *Spotify* não apenas como um espaço de consumo de áudio, mas também como um mercado midiático onde as produções independentes

⁴ Dados disponíveis em:

<https://virgula.me/geek/netflix-e-spotify-lideram-acessos-no-mercado-de-streaming-no-brasil/>

⁵ Disponível em: <https://dataismo.com.br/podcasts-no-brasil-2022-pais-ocupa-terceiro-lugar-mundial/>

e orgânicas podem competir por espaço e reconhecimento desde que insiram dinheiro.

Dentro desta plataforma, os produtores acessam um aplicativo específico, chamado *Spotify for Podcasters*, onde podem disponibilizar os áudios, programas dias e horários para os episódios irem a público, sinalizar se o áudio é explícito ou recomendado somente para maiores de 18 anos, informar se existe publicidade, tipificar se o episódio é completo, um trailer ou um episódio bônus, sinalizar qual é a temporada e qual é o numero do episodio. Assim como, os produtores podem escolher se os ouvintes poderão interagir com comentários ou enquetes, acompanhar as estatísticas, realizar métricas, acompanhar os compartilhamentos e o alcance de cada episódio e as possibilidades de monetização de cada áudio.

Para tentar alcançar os objetivos expostos nesta pesquisa de dissertação, utilizei a metodologia de uma netnografia (KOZINETS, 1997) projetando elaborar um mapeamento dos podcasts que possuíam no título os termos: “*pensamento feminista negro*”; “*interseccionalidade*”; e o nome de duas teóricas brasileiras “*Lélia Gonzalez*” e “*Sueli Carneiro*”. Com essa investigação, torna-se possível registrar e investigar quem são as produtoras dos episódios, com intuito de aprofundar suas visões e percepções sobre as questões norteadoras desta pesquisa. Considerarei como netnografia a definição encontrada no texto de Corrêa e Rozados que a define da seguinte maneira:

Uma ferramenta metodológica que amplia as possibilidades oferecidas pela etnografia tradicional ao permitir o estudo de objetos, fenômenos e culturas que emergem constantemente no ciberespaço a partir do desenvolvimento e da apropriação social das tecnologias da informação e da comunicação (TIC). O método netnográfico adapta técnicas, procedimentos e padrões metodológicos tradicionalmente empregados na etnografia para o estudo de culturas e comunidades emergentes na Internet.(CORRÊA; ROZADOS, 2017, p.3)

A forma como irei categorizar os grupos dentro da netnografia se aproxima da utilizada pelo autor Kozinets. Em seu texto de 1997, ele destaca que para a realização de uma netnografia, é necessário que os critérios de confiabilidade estejam dentro da filtragem das comunidades virtuais e com isso, destaca 4 maneiras de alcançar essa confiabilidade dentro do grupo a ser estudado, sendo elas:

(1) indivíduos familiarizados entre eles, (2) comunicações que sejam especificamente identificadas e não-anônimas, (3) grupos com linguagens, símbolos, e normas específicas e, (4) comportamentos de manutenção do enquadramento dentro das fronteiras de dentro e fora do grupo (KOZINETZ, 1997, p. 9 apud AMARAL, 2008, p. 5)

A definição do grupo pesquisado se apresenta da seguinte maneira: programas de podcasts; produtoras de podcasts ou entrevistadas em um podcast e mulheres negras. As decisões tomadas nesta pesquisa caminham de acordo com as justificativas já expostas. A minha introdução no campo se iniciou com a busca pelo termo “pensamento feminista negro”, onde encontrei 9 resultados, entretanto, considerei poucos para uma análise mais abrangente do tema.

Um breve exemplo dessa minha consideração é o resultado do primeiro episódio encontrado nesta busca inicial. O programa encontrado nesta pesquisa com o título de *‘grifa podcast’* se apresenta originalmente um programa com a temática feminista onde convidam intelectuais especialistas para episódios específicos, com o episódio piloto publicado no dia 01 de outubro de 2019, apresenta uma gama de episódios cuja discussão se baseia em produções literárias de diversas feministas pelo mundo, debatendo os mais plurais braços desse movimento. Em 29 de março de 2021 foi lançado um curso chamado *‘introdução ao pensamento feminista negro’*, onde 6 intelectuais acadêmicas são convidadas a apresentar conceitos e as principais autoras da teoria feminista negra. As aulas foram lançadas uma por mês, até a sua conclusão, no dia 23 de agosto de 2021. Entretanto, após uma investigação, compreendi que na verdade esse curso foi lançado em formato de live no Youtube e o áudio foi disponibilizado em formato de podcast em seguida.

Como o Grifa, existem outros programas que não são produzidos por mulheres negras, mas que possuem episódios sobre o assunto, então considerarei nesta pesquisa os episódios e não os programas. Os episódios, nesse primeiro momento da pesquisa, ocorrem de forma espontânea, sem uma regulação ou padrão que devem seguir como, a duração, o alcance atingido ou quantidade de episódios que o programa possui. O recorte utilizado foi resultado de buscas por episódios que tenham presentes os termos: “pensamento feminista negro”; “interseccionalidade”; e o nome de duas teóricas brasileiras “Lelia Gonzalez” e “Sueli Carneiro”; não foram utilizados os áudios que tenha no título o termo

“feminismo negro” pela dimensão de resultados e variáveis encontrados na plataforma do *Spotify*.

Foi realizado um filtro entre os episódios disponíveis na plataforma do *spotify* durante os meses de junho e julho de 2024, sendo eles 192 episódios que possuem o termo “interseccionalidade” no título, 9 episódios que possuem o termo “Pensamento feminista negro”; 85 episódios com o nome da pensadora feminista negra brasileira “Lélia Gonzalez” e 37 episódios com o nome de “Sueli Carneiro”, incluindo episódios onde a própria autora é entrevistada, totalizando 323 episódios disponíveis até a data de 23 de julho de 2024, pontuando a data específica em decorrência da contínua produção de episódios com esses títulos, o episódio mais recente encontrado nesta busca foi lançado dia 22 de julho de 2024.

Para esta filtragem, foram desconsiderados os podcasts em outras línguas que não fosse o Português/BR pois apesar de serem interessantes, um dos objetivos deste trabalho de dissertação é a compreensão dessa produção de conteúdo na podosfera brasileira. Serão desconsiderados os ‘áudios trailer’ ou chamadas para próximos episódios, serão igualmente desconsiderados episódios com menos de 1 minuto. Alguns resultados não são programas, mas sim leitura dos textos (audiobooks) das autoras ou de conceitos, com isso, irei desconsiderar os mesmos.

Dos 9 resultados encontrados com o título “pensamento feminista negro”, 8 episódios foram aulas em formato de lives no youtube que se transformaram em podcast. Apesar dessas aulas serem de grande aprendizado e repletas de conteúdo, não serão utilizadas por conta desse formato. Utilizarei nesta dissertação a análise de episódios que foram pensados, produzidos e gravados como podcasts e não adaptações de áudios nesse formato. Sendo assim, utilizarei 1 episódio que contém no título o termo “pensamento feminista negro”.

Foram encontrados 192 episódios com o termo “Interseccionalidade.” O termo interseccionalidade, apresentado como um conceito analítico para compreender desigualdades foi absorvido por diversos estudos e áreas do conhecimento, apesar de ser um conceito altamente estudado pelo pensamento feminista negro. Dentro dos resultados dessa pesquisa, foram encontrados títulos que discutiam a interseccionalidade e sexualidade, interseccionalidade e

LGBT+fobia, interseccionalidade e os direitos humanos, interseccionalidade e o serviço social, interseccionalidade na análise de literaturas, interseccionalidade e a discussão sobre pessoas portadoras de alguma deficiência e nesses casos, encontrei um podcast chamado ‘PodcastIN’⁶ que realizou uma série de episódios onde discutiam sobre interseccionalidade e acessibilidade, mas o que me chamou a atenção é que essa série possui a linguagem de sinais (LIBRAS) como língua principal.

Essa absorção do conceito se fez presente durante a pesquisa na plataforma *spotify*, dessa maneira, foram considerados somente os episódios que estão discutindo sobre o conceito com enfoque ao feminismo negro e em mulheres negras, ou seja, não foram considerados os episódios que não tratem da temática da interseccionalidade com enfoque no pensamento feminista negro, descartando assim, os áudios que discutam sobre outras questões. Dessa maneira, realizando os filtros de acordo com o exposto anteriormente, esta pesquisa contará com o número de 44 episódios que possuam no título a palavra “Interseccionalidade” e tratam da questão do feminismo negro.

Ao seguir com filtragem, outro desafio de pesquisa se apresentou: existem episódios que possuem dois ou mais termos pesquisados no título, exemplo: “*EP2: Lélia Gonzalez e Sojourner Thuth: O conceito de interseccionalidade*”, nesses casos, o episódio será contabilizado somente uma vez, considerando o primeiro termo usado no título ao realizar a contagem de episódios específicos.

Dos 85 resultados com o termo “Lélia Gonzalez”, foram utilizados 62 para esta análise. Com o termo “Sueli Carneiro” foram encontrados 37 episódios e utilizando os filtros definidos anteriormente, 20 serão analisados. Em 5 desses episódios, foram realizadas entrevistas com a Dra Sueli Carneiro que atualmente está com 74 anos. A planilha com os dados dos episódios selecionados e com as informações consideradas primordiais está localizada no Anexo I. Não foi possível, neste primeiro momento, averiguar a raça de todos os produtores e convidados dos podcasts, isso porque alguns se identificaram durante a sua fala e outros não. Os interlocutores que falaram sobre a sua heteroidentificação, estão com este marcador na planilha

⁶ Episódios disponíveis em: <https://open.spotify.com/show/7LAj3PrJ7dJSm7pdag1j1x>

Não foram encontrados programas com o termo “pensamento feminista negro” em seu título, entretanto, foram apresentados 16 programas que utilizam o termo “interseccionalidade” em seus títulos, assim como 4 programas com o nome de “Lélia Gonzalez” e 2 programas com o nome de “Sueli Carneiro”, com um enfoque especial onde existe um programa do Instituto Geledés, o qual Sueli Carneiro é a fundadora e diretora (2024).

Por conta do tamanho do campo pesquisado, alguns filtros foram realizados, como o de exclusão de episódios que são trabalhos acadêmicos. Foram encontrados 15 episódios que são trabalhos de graduação, 5 trabalhos de ensino médio e 1 trabalho de ensino fundamental; alguns desses episódios são lançados em ‘programas’ que possuem o mesmo título que o episódio ou são o único produto lançado pelo programa. Um episódio deste formato me chamou atenção, um grupo de alunos do ensino médio de uma escola chamada Escola Estadual Áureo Filho, em Ipecaetá-Bahia, orientado pela professora de filosofia Jordânia Araújo realizou uma entrevista com os familiares de Lélia Gonzalez em 2021, participando Rubens Rufino - Filho de Lélia Gonzalez; Melina Marques - Neta de Lélia Gonzalez; Marcelo Marques - Neto de Lélia Gonzalez e Camila Ceylão - Coordenadora do Projeto Lélia González Vive. O episódio tem 48:55 e é notório a empolgação, nervosismo e honra dos alunos ao conduzirem essa conversa.⁷ Foram mantidos os episódios que são produtos de projetos de extensão em universidades, compreendendo que existe um trabalho contínuo e não somente de uma disciplina. Esses casos somam o número de 9 episódios.

Com a aplicação de todos os filtros, esta pesquisa contou com o número de 96 episódios, com as datas entre 2019 - 2024. 5 episódios foram gravados entre agosto e dezembro de 2019; 18 episódios foram ao ar entre março e dezembro de 2020, ano de início da pandemia de COVID-19; 35 episódios estão datados entre janeiro e dezembro de 2021; e 2022 foram produzidos 14 episódios com as palavras chaves, 13 episódios produzidos em 2023 e 11 episódios até a data de 22 de julho de 2024. O maior número de produções no ano de 2021 pode estar ligado ao contexto histórico que vivenciamos, como o 2º ano de pandemia de COVID-19.

⁷ Episódio disponível em <https://open.spotify.com/episode/0kJbiT5xHoZ0BJN7X1nQQZ>

Esta dissertação foi dividida, após a introdução acima, em três capítulos seguidos de uma conclusão. No primeiro capítulo será abordado o campo teórico do feminismo negro brasileiro, apresentando os principais conceitos que serão utilizados como fundamentação teórica para esta pesquisa. Além disso, pretendo iniciar contando a trajetória da atuação de mulheres negras no movimento negro, momento que antecede a construção institucional do feminismo negro.

No segundo capítulo, pretendo utilizar o conceito de ciberativismo em conjunto com a análise da atuação de mulheres negras nesse espaço, com isso, serão apresentadas e discutidas iniciativas de ciberativismo realizadas por essas mulheres que têm se destacado como importantes estratégias de resistência e empoderamento no contexto atual, a exemplo o portal Geledés, a ONG Criola e o Movimento Mulheres Negras Decidem. O capítulo buscará analisar como essas práticas contribuem para a continuidade e fortalecimento do movimento feminista negro, oferecendo uma plataforma para que as vozes dessas mulheres sejam ouvidas em um cenário global e conectado. Em continuidade, durante o segundo capítulo, será apresentado uma parte da netnografia, demonstrando os dados encontrados entre os participantes e organizadores dos podcasts, como a raça, a escolaridade e a participação de mulheres negras neste universo.

O terceiro capítulo terá um carácter analítico a partir dos resultados encontrados na netnografia, realizando o filtro de analisar somente os programas que contem com a presença de mulheres negras, objetivando explorar as falas das participantes nos episódios de podcasts, relacionando as com os conceitos formados e desenvolvidos pelo feminismo negro. Nas considerações finais, serão discutidos os resultados encontrados, sem a intenção de concluir a pesquisa.

1- Longevidade e compromisso: a trajetória da organização do feminismo negro brasileiro:

Em 2010, Jurema Werneck escreveu um artigo cujo título "Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo" e a primeira frase ganha popularidade dentro do feminismo

negro e seu ciberativismo. Devido a isso, e a importância que o referido artigo teve para o movimento, escolho iniciar esta dissertação resgatando este ensinamento e saudando quem veio antes. Em tempo, busco referenciar todas as minhas antepassadas, que como forma de generosidade, deixaram seus escritos e seus aprendizados para que hoje pudéssemos acessar e constatar que, realmente, existem muitos passos que vêm de um passado e de muito longe.

Feito este preâmbulo, dar-se início à descrição e análise sobre o processo que deu início ao movimento denominado feminismo negro brasileiro. Seu surgimento se dá no contexto das mobilizações dos movimentos sociais e em defesa pela democracia que marcaram a história do Brasil no final da segunda metade do século XX. O feminismo negro brasileiro fundou-se a partir de dois outros movimentos, ou seja, uma espécie de junção do movimento negro com o movimento feminista, pois, mulheres negras não tinham as suas pautas completamente acolhidas em nenhum dos dois movimentos. “Agora chego à questão da participação das mulheres negras propriamente dita. Os primeiros grupos organizados de mulheres negras emergiram dentro do próprio movimento negro” (GONZALEZ, 2020, p.162)

Vislumbrando novos caminhos, as mulheres negras se organizaram na construção de um movimento em busca de uma sociedade justa e igualitária, onde as demandas da população de mulheres negras fossem escutadas e levadas em consideração, ao terem um ambiente de sensibilização e justiça social, lutando pelos direitos sem de ter contato com discursos machistas e racistas dentro do movimento. Como expõe Flavia Rios:

A fim de enfatizar as dimensões raciais da opressão das mulheres, as feministas negras concentraram-se em temáticas como o controle da natalidade e da saúde reprodutiva. Uma preocupação importante era com as taxas de esterilização entre as mulheres pobres, que, em sua maioria, também eram negras, chamando a atenção para a tríplice opressão de raça, gênero e classe. (RIOS, 2018, p.28)

Essas mulheres possuíam uma grande capacidade de mobilização, utilizando ferramentas organizacionais para terem suas denúncias legitimadas, através de diversos meios como o de publicações de textos sobre as desigualdades que as atingiam, organizações de eventos e fóruns que reunissem mulheres negras e na construção de coletivos, até a sua institucionalização como movimento social. Para

a melhor compreensão do contexto de onde surge o feminismo negro brasileiro, faremos uma reflexão acerca do histórico do movimento negro brasileiro.

Como citado anteriormente, a historiografia de mulheres negras que resistiram às violações e violências destinadas a elas se inicia juntamente ao início do processo escravocrata. E não somente mulheres negras, como toda a população escravizada mantinham uma articulação associativa que objetivava a garantia de direitos de pessoas negras, incluindo a liberdade.

Desde a escravidão, esse segmento populacional desenvolveu diversas formas de organização coletiva. Até a Abolição, foram criados grupos ou associações de caráter religioso, cultural e socioeconômico representados por quilombos, confrarias, irmandades religiosas, caixas de empréstimos, etc. (RAMOS, 1938 apud DOMINGUES, 2007, p. 348)

Buscar-se-á, tendo em vista a objetividade que uma dissertação exige, optei em sinalizar os principais movimentos negros que foram documentados e, de certa maneira, institucionalizados a partir de 24 de maio de 1888, dia seguinte à abolição da escravatura. A formação de grupos de ex-escravizados e pessoas negras libertas teve a sua organização seguindo uma tradição, através de clubes, associações ou grêmios, com o objetivo de lutar contra a marginalização que essa população foi inserida no pós abolição.

De cunho eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural, as associações negras conseguiam agregar um número não desprezível de “homens de cor”, como se dizia na época. Algumas delas tiveram como base de formação “determinadas classes de trabalhadores negros, tais como: portuários, ferroviários e ensacadores, constituindo uma espécie de entidade sindical” (DOMINGUES, 2007, p. 103)

Em seu texto “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos” (2004) o autor Petrônio Domingues registra a existência de 248 de organizações de homens e mulheres de cor espalhadas pelo Brasil entre 1888 a 1937. Neste período, duas associações eram organizadas e lideradas exclusivamente por mulheres negras, a Sociedade de Socorros Mútuos Princesa do Sul (1908), em Pelotas, e a Sociedade Brinco das Princesas (1925).⁸ A presença de mulheres negras nessas associações e, posteriormente em instituições do movimento negro, são retratadas como o alicerce do cuidado, organização de eventos e trabalhos assistencialistas, logo, elas fazem parte da construção, organização e são

⁸ Dados disponíveis em:

<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-movimentos-de-mulheres-negras-no-brasil/>

essenciais na história do movimento negro brasileiro para além do simbolismo dessa questão.

No início da década de 1930, a Frente Negra Brasileira teve a sua fundação na cidade de São Paulo, que foi impulsionada por diversos fatores, incluindo a participação da imprensa negra. Com uma espécie de pioneirismo, a FNB é considerada uma das primeiras entidades do movimento negro no século XX que reivindicou igualdade de direitos e participação dos negros na sociedade brasileira.⁹ As mulheres negras ocuparam um essencial papel dentro da FNB, apesar de terem a sua presença pouco citada em documentos e,

As pesquisas não costumam fazer justiça à participação da mulher negra na organização. Para o leitor desavisado, fica a impressão de que a FNB só era composta por homens ou só os homens desempenharam um papel de relevância nela e, por isso, merecem entrar para os anais da história. (DOMINGUES, 2007, p.347)

Esse apagamento sistemático da mulher negra como referência e em lugares de destaque dentro do movimento negro sucedeu em diversas contestações das próprias, inclusive na fundação do feminismo negro, com inúmeras outras ressalvas e apontamentos. Às frentenegrinas¹⁰ eram mulheres negras no início da década de 30 que precisavam, além de lutar contra o racismo, enfrentar os estereótipos e as mazelas sociais que eram destinadas. Dentro da FNB, existiram explanações, proferidas por homens, em congressos, sobre a situação das mulheres negras, como uma ferramenta para denunciar a situação de suas companheiras de movimento. A partir de uma fala de Miguel Barros, um dos principais dirigentes da FNB e, de leitura do contexto econômico e social que a mulher negra se encontrava, a Frente organizou reuniões específicas para tratar da questão. (DOMINGUES, 2007, p.357). Na documentação da FNB, é possível encontrar a presença de mulheres negras compondo o núcleos e diretorias em cidades do interior do Brasil:

No entanto, uma avaliação mais rigorosa da FNB central aponta que as mulheres eram subalternizadas na entidade e alijadas dos cargos das instâncias decisórias, os quais eram monopolizados pelos homens. Nenhuma das frentenegrinas, por exemplo, compôs o “Grande Conselho” (instância máxima da FNB), provavelmente, porque prevalecia a concepção

⁹ Arquivo público que mantém a memória da Frente Negra Brasileira, disponibilizando fotos, exemplares dos jornais da imprensa negra e textos. Dados disponíveis em:

<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/antecedentes-do-ten/frente-negra-brasileira/>

¹⁰ A maneira como as mulheres negras participantes da Frente Negra Brasileira eram chamadas

de que o papel social reservado “às meninas e moças” era o de “futuras esposas e mães” (DOMINGUES, 2007, p.358)

Com efeito, as mulheres negras desenvolveram uma enorme relevância na historiografia do movimento negro, e nesse caso, na Frente Negra Brasileira, apesar de seguirem sendo pouco representadas com este enfoque. No contexto nacional das relações raciais, a década de 1930 foi marcada pela publicação do livro “Casa grande e senzala” de Gilberto Freyre, esta obra foi responsável pela construção da noção largamente abraçada pelo público brasileiro de democracia racial que considerava:

Assim, negros são cidadãos como quaisquer outros e, como tais, não estão sujeitos a preconceito ou discriminação. As imagens do Carnaval e futebol brasileiros são largamente utilizadas (especialmente no exterior) como “provas concretas” da “harmonia racial” brasileira. O que predomina na “democracia racial” brasileira é o preconceito de não ter preconceito. (GONZALEZ, 2020, p.168)

A influência do que hoje é conhecido como o “mito da democracia racial” dentro desse contexto, forjou uma identidade da população negra, construindo os estereótipos que podem ser encontrados até o atual momento dentro da sociedade brasileira. No interior desta sociedade, as mulheres foram retratadas a partir de uma frase “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar”, sendo criado assim alguns estereótipos do lugar social, econômico e político que as mulheres, principalmente as mulheres negras, deveriam ocupar. Lélia Gonzalez reflete sobre essa questão em seus escritos:

O ditado “Branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar” é exatamente como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente, ela é a faxineira, arrumadeira e cozinheira, a “mula de carga” de seus empregadores brancos; como um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente, ela é a mulata do Carnaval cuja sensualidade recai na categoria do “erótico-exótico”. (GONZALEZ, 2020, p.170)

Diante do exposto, as mulheres negras permaneceram com a sua atuação de resistência, capacidade organizacional e buscando formas de enfrentar os fenômenos que as atingiam, inclusive, combatendo os estereótipos que foram inseridas. A visão nacional de que, existiam lugares sociais e culturais pré destinados à presença de mulheres negras e essas, constantemente, eram retratadas como a doméstica, a mulata ou, a mãe preta. Citando, novamente, Lélia

Gonzalez que busca retratar essas imagens da população negra dentro da sociedade Brasileira:

Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler o jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALEZ, 2020, p.70)

Essas figuras representativas das mulheres negras são caracterizadas pela expectativa de disposição contínua para servir, muitas vezes com suas funções e atribuições corporais determinadas por estereótipos. A imagem da 'mulata' é frequentemente vinculada à prontidão para atender aos desejos dos homens que objetificam seus corpos, enquanto, outras mulheres pretas são estereotipadas como aquelas que devem estar sempre preparadas para realizar tarefas braçais, como domésticas e cozinheiras, e/ou incansáveis e afetuosas como as amas de leite. Esses estereótipos evidenciam a construção subalterna da mulher negra dentro dessa lógica cultural, o que reforça a consolidação de uma herança cultural que a relega a um papel de subalternidade no imaginário social.

Podemos pensar em cultura material ou simbólica, e essa ideia de cultura simbólica é muito importante para nós que trabalhamos com "raça". Construímos o sentido de nossa vida social e individual, assim como construímos também os artefatos que nos permitem sobreviver e reproduzir de maneira ampliada a nossa vida em sociedade. (GUIMARÃES, 2003, p.95)

A elaboração do imaginário social sobre mulheres negras, considerando a influência persuasiva em massa dos estereótipos e das representações, desempenhou um papel fundamental na configuração cultural e identitária da nação, contribuindo para tentativas de desumanização e subjugação dessa comunidade.

A FNB teve o seu encerramento em 1937 e, posteriormente, outros movimentos de pessoas negras foram organizados, a exemplo da UHC - União dos Homens de Cor (1943) e o TEN - Teatro Experimental do Negro, ambos alcançando amplamente a comunidade negra e buscando a garantia direitos e espaço na sociedade brasileira. O TEN foi fundado em 1944 por Abdias do Nascimento, como uma iniciativa que objetivava transcender a esfera artística, e tornou-se um projeto político e pedagógico voltado para a valorização da identidade negra e o combate

ao racismo estrutural. Em um contexto no qual o teatro brasileiro relegava atores negros à marginalidade ou os substituía pelo blackface¹¹, o TEN buscou garantir que pessoas negras interpretassem seus próprios papéis e narrativas, rompendo com estereótipos racializados.

Além da produção teatral, a iniciativa promoveu atividades educacionais e debates sobre a participação da população negra na sociedade, consolidando-se como um espaço de formação política e cultural. Para Nascimento (1980), o TEN estava alinhado ao pensamento quilombista, entendendo a arte como ferramenta de resistência e transformação social. Seu impacto ultrapassou o campo artístico, influenciando os debates sobre representatividade e consolidando-se como um marco na luta por direitos da população negra no Brasil.

Em 1950, foi criado o Conselho Nacional de Mulheres Negras, que objetivava a discussão e resolução de necessidades específicas dessas mulheres, a exemplo, a garantia de direitos trabalhistas e um ambiente humanizado para as empregadas domésticas, que em sua maioria, eram mulheres negras. Este conselho é apontado como um dos facilitadores para a formação do feminismo negro brasileiro.

Ao “saltarmos” para a década de 70, englobando o contexto da ditadura militar brasileira que se iniciou em 1964 e, “desarticulou uma coalizão de forças que palmilhava no enfrentamento do “preconceito de cor” no país.” (DOMINGUES, 2007, p. 111). A noção, citada anteriormente que, não poderia existir racismo no Brasil pois o país possuía uma democracia racial e, ao articular falas e políticas raciais estariam incentivando uma segregação racial, tomou conta e, o movimento negro passa por uma espécie de asfixia, tendo seus militantes perseguidos ou mortos por militares. Entretanto, apesar dessa situação, o movimento negro permaneceu articulado, recebendo influências internacionais e mobilizando a população com diversas entidades e grupos organizacionais espalhados pelo Brasil, a exemplo disso, “Em 1972, o Grupo Palmares, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, lançou a ideia de transferirem todas as tradicionais comemorações do aniversário da abolição (13 de

¹¹ Blackface é uma prática racista que consiste na representação caricatural de pessoas negras por atores brancos que escurecem a pele com tinta ou maquiagem, geralmente reforçando estereótipos pejorativos. Originado nos Estados Unidos no século XIX, em espetáculos conhecidos como *minstrel shows*, o blackface foi amplamente utilizado no teatro, cinema e televisão para ridicularizar e desumanizar a população negra. No Brasil, essa prática também esteve presente nas artes cênicas, reforçando a exclusão de atores negros dos palcos e perpetuando imagens estereotipadas sobre a negritude.

maio de 1888) para 20 de novembro, data da morte de Zumbi.” (GONZALEZ, 2020, p.115)

Em 1978, o MNU - Movimento Negro Unificado, inicialmente chamado de Movimento Negro Contra a Discriminação Racial (MNUCDR) foi convocado e estruturado, em resposta a dois casos emblemáticos de violência racial, sendo o assassinato de Robson Silveira da Luz, operário que foi torturado e morto por policiais dentro da delegacia e, a segregação racial direcionada a 4 atletas negros.

Com uma perspectiva revolucionária, de esquerda, lutando pela construção de uma nova sociedade, articulando “raça” e “classe” na luta contra o racismo, e por melhores condições de vida para a população negra, a criação do MNU tornou-se um marco na constituição do que chamamos de movimento negro contemporâneo, e teria inclusive sido o responsável pela difusão da expressão “movimento negro”, utilizado desde então para referir-se genericamente às organizações negras na luta contra o racismo no Brasil. Embora não tenha conseguido “unificar” a luta contra o racismo, o MNU tornou-se rapidamente uma importante organização com representação em vários estados brasileiros, contribuindo tanto para a construção de perspectivas teóricas e de estratégias de organização e mobilização quanto servindo de inspiração para a ampliação do número de organizações negras Brasil afora. (PEREIRA, 2017, p. 17)

A construção e articulação do MNU foram essenciais na luta pela garantia de direitos da população negra, inclusive na redemocratização e na construção da Constituição de 1988. Simultaneamente, Gonzalez chama a atenção para a formação do movimento das favelas: “O movimento de favelas se organizou a partir do subproletariado urbano em associações de moradores.” (GONZALEZ, 2020, p. 91). E, dentro desse movimento de favelas, as mulheres negras ocuparam papéis fundamentais, como cargos de liderança e de mobilização da população atingida.

Na efervescência dos movimentos sociais brasileiros entre 1970 e 1980, militantes negras com espaços de atuação política em outros movimentos, como o negro e o feminista, iniciam a estruturação de um outro movimento social, que posteriormente será chamado de feminismo negro e terá como ideologia principal a solidariedade entre mulheres negras.

Essa movimentação resultou no aumento da presença de mulheres negras com discursos alinhados em eventos e congressos nacionais e internacionais que objetivam discutir sobre a situação das mulheres e das mulheres negras. No ano de 1975, um grupo de ativistas, entre elas, Lélia Gonzalez, escreveram e recitaram o chamado ‘Manifesto das mulheres negras’ no Congresso Brasileiro de Mulheres do Rio de Janeiro, este documento apresentava a situação de múltiplas opressões e

explorações que recaem sobre mulheres negras e foi considerado o 1º posicionamento formal contra o feminismo branco hegemônico. Gonzalez descreve o movimento feminista deste momento como:

O Movimento Feminista ou de Mulheres, que tem suas raízes nos setores mais avançados da classe média branca, geralmente 'se esquece' da questão racial, como já dissemos anteriormente. E esse ato falho, a nosso ver, tem raízes históricas e culturais profundas (GONZALEZ, 2020, p. 102)

Essas mulheres, que até o momento da construção do feminismo negro, integravam o movimento negro e o feminismo; colaborando com as pautas específicas de cada movimento e, pautando as demandas que as atingiam, começam a pertencer a uma dupla militância. Sendo assim, o processo de construção de uma nova articulação objetivando dialogar e solucionar as mazelas que as atingiam particularmente, como as violências sofridas ao desenvolverem seus trabalhos como domésticas nas casas de famílias brancas, ou a falta de acesso à saúde reprodutiva e o debate contra a esterilização forçada que mulheres negras e pobres, principalmente no nordeste eram submetidas, sendo uma forma de controle forçado da natalidade. Inclusive, segundo Flávia Rios (2018), esses foram os primeiros temas a serem debatidos nos encontros e congressos de mulheres negras:

A fim de enfatizar as dimensões raciais da opressão das mulheres, as feministas negras concentraram-se em temáticas como o controle da natalidade e da saúde reprodutiva. Uma preocupação importante era com as taxas de esterilização entre as mulheres pobres, que, em sua maioria, também eram negras, chamando a atenção para a tripla opressão de raça, gênero e classe. (RIOS, 2018, p. 28)

Ressaltando que, este movimento de mulheres teve a sua organização e institucionalização no período da redemocratização emerge de uma maneira plural, interseccional e complexa, abrangendo as pautas citadas anteriormente e, diversas outras, como a questão da hiperssexualização da mulher negra e o combate a estes estereótipos, que posteriormente seriam chamados de imagens de controle como “contornos específicos da objetificação das mulheres negras, bem como as maneiras pelas quais as opressões de raça, gênero, sexualidade e classe se interseccionam” (COLLINS, 2019, p. 139), assim como, a contribuição desta mulher

na cultura brasileira e a sua presença nas artes, uma espécie de discussão que já havia sido levantada pelo Teatro Experimental do Negro - TEN.

A complexidade das demandas do feminismo negro passa a ser debatida em coletivos e eventos pelo Brasil e adquire a sua estruturação em nível nacional a partir de 1980. Um dos marcos iniciais desse processo é a fundação de coletivos autônomos de mulheres negras, como:

Alquatlune (1979), Luiza Mahin (1980), Grupo Mulheres Negras do Rio de Janeiro (1982), Coletivo Mulheres Negras do Estado de São Paulo (1983), Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras (1983) esta última seria a organização que fundaria aquele que talvez seja o primeiro periódico do feminismo negro no Brasil na esfera pública subalterna (Fraser, 1990), formada a partir da imprensa alternativa. (RIOS, 2018, 27)

Em 1985, Thereza Santos e Sueli Carneiro redigiram um levantamento sobre a condição da mulher negra para ser apresentado pelo Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo na III Conferência Mundial de Mulheres em Nairobi. Após este evento, ainda em 1985, ocorreu o III Encontro Feminista Latino-americano em Bertioga (SP).

Esse evento foi marcante para o Movimento de Mulheres Negras brasileiras, pois naquele local, um grupo de mulheres negras vinculadas a movimentos de bairros, desembarcaram de ônibus, elas, que não se inscreveram previamente por questões financeiras, queriam marcar presença. Esse episódio colocava em evidência não apenas a questão racial, mas também apresentava um recorte socioeconômico entre as participantes e organizadoras cuja composição majoritária era de mulheres brancas. Nesse encontro, mulheres negras de diversos países debateram o racismo e foi possível identificar que esta era uma questão que atravessava o conjunto de mulheres negras. Ao final, das 850 participantes, 116 declararam-se negras ou mestiças. Embora haja registros de participações de mulheres negras em eventos anteriores, essa foi sem dúvida a participação mais expressiva (RIBEIRO, apud SILVA, 2020, p. 65).

Da necessidade de ter de enegrecer o feminismo, como Sueli Carneiro retrata, em 1988, aconteceu em Valença-RJ, o I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN), que reuniu cerca de 450 mulheres de 19 estados do Brasil. Este encontro fez parte da estruturação nacional do movimento com discussões sobre os 100 anos da abolição, os direitos reprodutivos, legalização do aborto e quais as possibilidades políticas, estruturais e organizacionais que deveriam ser seguidas. Durante o encontro ocorreram apresentações culturais e de religiões de matrizes

africanas, inclusive, existiu a possibilidade de realizar jogos de búzios com as mães de santo presentes no encontro, informação retirada através de um vídeo de gravações do encontro disponível no Youtube¹². Outros eventos considerados chaves para esse momento foram organizados, como cita Angela Figueiredo (2018):

Alguns importantes eventos que contribuíram com a formação do referido movimento a partir de 1985: os Encontros Nacionais Feministas (ENF) – sendo os últimos ocorridos em Garanhuns-PE (1987), Bertioga-SP (1989) e Caldas Novas-GO (1991) – bem como os Encontros Feministas Latino Americanos e do Caribe, a partir do terceiro de um total de seis encontros – Bertioga, em 1985, no Brasil; Taxco, em 1987, no México; San Bernardo, 1990, no Chile; e Costa del Sol, no El Salvador, 1993. (FIGUEIREDO, 2018, p.1086)

A autora continua ao demonstrar as movimentações das mulheres:

No período entre 1988-1991 ocorreu um aumento significativo organizações femininas negras em todo o Brasil, e em 1993 foi realizado o I Seminário Nacional das Mulheres Negras em Atibaia-SP e em 1994, o segundo encontro, com o objetivo de refletir sobre os aspectos relacionados às, desigualdades de gênero e de raça, o direito à terra, à habitação e as políticas públicas voltadas para a saúde. (FIGUEIREDO, 2018, p.1086)

Angela Figueiredo demonstra como a noção da tríplice opressão se fez presente nas reflexões dessas mulheres que perpassam por diversas complexidades na busca por uma justiça social. Além dos eventos citados, o engajamento político de mulheres negras foi ganhando uma estruturação e mobilização com a presença dos coletivos, grupos de estudos e seminários que reuniram essas mulheres por todo o Brasil. A agenda do feminismo negro é implementada em debates públicos e privados, sendo um deles a Constituinte de 1987-1988, juntamente com o MNU - Movimento Negro Unificado, na disputa para a criação de políticas públicas feitas para a população negra e a ampliação da visibilidade das pautas que atingiam a mulher negra.

No início da década de 90, essas mulheres protagonizaram outros seminários e eventos com os mesmos objetivos e propuseram, no II Seminário Nacional de Mulheres Negras (1994), realizar um diagnóstico acerca da inserção de mulheres em movimentos negros e de mulheres, como a situação da percepção dessa mulher perante as práticas de racismo e o sexismo que eram constantemente expostas. A construção do feminismo negro brasileiro foi realizada por diversas mãos, entre ativistas, faveladas, acadêmicas, líderes religiosas, e outras pluralidades. “Não

¹² Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VLib9atLXW0>

posso falar na primeira pessoa do singular de algo dolorosamente comum a milhões de mulheres que vivem na região; refiro-me às ameríndias e amefricanas, subordinadas a uma latinidade que legitima sua inferioridade.” (GONZALEZ, 2020, p.141). Lélia Gonzalez categoriza essas mulheres negras como ameríndias e amefricanas, sendo possível identificar nessa fala a premissa do movimento, que se solidifica no que, posteriormente, Vilma Piedade (2017) vem chamar de *dororidade*, sendo um conceito que se refere à solidariedade e empatia entre mulheres negras.

Dessa maneira, o compartilhamento de experiências sociais, juntamente a atuação política, a capacidade organizacional e a empatia com outras mulheres negras formou o pensamento feminista negro, que emerge como uma forma política, ideológica e teórica, que obriga ao Estado, academia e outras estruturas de poder a inserir suas agendas públicas em seus debates. A presença de mulheres negras como sujeitas em arenas públicas e na disputa de poder alcança certa ascensão a partir do momento em que essas estruturas são incomodadas pela voz dessas bellativistas, no processo de erguer a voz (bell hooks, 2019) para denunciar todo o silenciamento, apagamento e ausência de corpos femininos e negros na hegemonia branca e masculina que é a formação do Estado Brasileiro e de toda a sua nação.

A escolha de pesquisa realizada nesta dissertação caminha no sentido de referenciar, mesmo que de forma breve, mulheres negras que vieram antes e abriram caminhos para que hoje me fosse possível estar escrevendo uma pesquisa sobre este movimento, por mais que, no ano de 2025, ainda existam notícias e evidências com dados de que algumas das situações vivenciadas por mulheres negras do século XX seguem sendo vivenciadas pelas negras do século XXI. Entretanto, seguiremos sendo a continuação dos sonhos das nossas ancestrais.

1.1 Feminismo Negro: notas sobre a fundamentação teórica, conceitos e autoras.

Um grupo subalterno que teima em reverberar a sua voz para todos que puderem ouvir, resiste com a sua produção acadêmica, para que todos que puderem ler, reconstroi a sua memória, para todos que puderem lembrar, reafirma a sua presença e encaminha um recado, para todos que puderem entender. Durante a

minha trajetória acadêmica, e, antes mesmo do início da minha graduação, a ‘sociedade’ me encaixou e lembrou qual deveria ser o estereótipo a ser seguido e como seria o curso *natural* da minha existência, afinal, uma neguinha que foi mãe na adolescência e moradora da Baixada Fluminense já estava pronta para ser uma adulta e ser encaixada dentro dessa imagem de controle. Ao romper com essa imagem, me deparei com diversas outras e, juntamente, me deparei com a noção de autodefinição (COLLINS, 2016). Dessa forma, se construiu um campo de disputa interna: Em quem devo acreditar? Nas definições que me oferecem ou nas definições que me identifico? Coloco essa questão no início dessa sessão com um único objetivo: expor a minha dificuldade e de diversas outras pesquisadoras, em validar que o pensamento feminista negro e o pensamento feminista negro brasileiro são teorias sociais o suficiente para se tornarem uma dissertação. É uma tese. É um livro. E muito mais.

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. Por isso, repito uma pergunta reflexiva, que me impus um dia ao pensar a minha escrevivência e de outras. Indago sobre o ato audacioso de mulheres que rompem domínios impostos, notadamente as mulheres negras, e se enveredam pelo caminho da escrita: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita”? (EVARISTO, 2020, p. 35)

Por isso, referencio Conceição Evaristo, quando incentiva a fomentação dessa escrevivência dentro de produções acadêmicas. Com esse ensinamento, compreendo que o texto não pode ser do outro, o texto é de quem escreve e dessa forma, o texto é *meu*. Com todo o rigor científico, munido de metodologias e evidências científicas, ético, comprometido com a sociologia, revisado e orientado pelo Dr Rogério Souza. Entretanto, sem uma falsa neutralidade que a academia solicita, não existe neutralidade nas Ciências Sociais, não é possível existir neutralidade em um ambiente onde grupos específicos são vítimas de diversas situações, inclusive, vítimas de epistemicídio. (CARNEIRO, 2005)

.Perceber os problemas de legitimação que a teoria do feminismo negro enfrenta dentro da academia me permitiu realizar diversos questionamentos e reflexões, além de ampliar meu olhar e minha escrita para pesquisadoras e

escritoras negras. O lugar socialmente construído no imaginário para as mulheres negras condiz com o de serviçal, independente da posição. Servir aos desejos de uma academia, que cobra neutralidade e maior rigor científico dos ‘identitários’ me fez perder muito tempo considerando que precisava de conceitos, análises e teorias sociológicas para sustentar a minha problemática dentro do feminismo negro, entretanto, aprendi que essa relação não funciona desta maneira. De acordo com Collins, o feminismo negro pode oferecer lentes que pretende ser mais apuradas e limpas para a sociologia, e não o contrário. E esse confronto com a lógica hegemônica se apresenta como uma herança a ser assumida.

A dinâmica proposta para a consolidação do feminismo negro como uma teoria crítica social e uma corrente epistemológica tem origem na década de 1980, como citado anteriormente. Importante ressaltar que, este movimento não se reduz ao cânone de uma academia ou ciência, menos ainda, pode ser definido a uma única área de atuação. O feminismo negro brasileiro está presente em múltiplas frentes, sendo uma delas a produção acadêmica. Um dos focos desta dissertação se torna o que algumas pensadoras chamam de *pensamento feminista negro*, para discutir justamente essa aliança da militância com a vida acadêmica.

O pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras. (...) Dessa forma, enquanto o pensamento feminista negro pode ser registrado por outras pessoas, ele é produzido por mulheres negras (...) o papel feminista negro contém observações e interpretações sobre a condição feminina afro-americana que descreve e explica diferentes expressões de temas comuns (...) não existe uma plataforma feminista negra a partir da qual se possa medir a “precisão” de uma pensadora; nem deveria haver uma. Em vez disso, como defini acima, existe uma longa e rica tradição de um pensamento feminista negro. (COLLINS, 2016, p.101 e 102)

O pensamento feminista negro emerge como uma força identitária, ideológica e política, que desafia as estruturas de poder cultural, social e econômico ao questionar e desconstruir os estereótipos que moldam as percepções sobre as mulheres negras, objetivando alcançar uma justiça social para mulheres negras. Dentro da academia, este movimento surge contra o apagamento sistemático dos temas relacionados à população de mulheres negras. No ano de 1989, bell hooks escreveu sobre este movimento em seu livro *Erguer a voz*: “Recentemente, os esforços de mulheres negras escritoras para chamar a atenção para o nosso

trabalho servem para sublinhar tanto nossa presença quanto nossa ausência” (hooks, 2019). A problemática caminha em torno do questionamento dessa suposta inexistência de mulheres negras nesse lugar, como a luta pela visibilização da produção acadêmica dessas mulheres.

Cabe salientar que, essa dificuldade se torna pauta para negras acadêmicas estadunidenses, por exemplo, como o trecho citado acima, de uma autora estadunidense, entretanto, ao aplicar uma maneira de interseccionalidade, a invisibilização experimentada por mulheres brasileiras e latinas possui uma camada sobreposta. A exemplo dessa situação, em 2019 a filósofa Angela Davis esteve no Brasil e recitou uma frase que ecoou pelos corredores das universidades, percorreu discussões na internet e, até o presente momento, segue sendo usada quando recomendam a leitura de Lélia Gonzalez. Davis falou que “Eu aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês comigo”. A sensação que tenho é de que para Lélia Gonzalez ser legitimada, foi necessário que uma estadunidense reivindicasse. Ambas autoras possuem sínteses essenciais para os projetos políticos e suas utopias, projetando o alcance a justiça social, entretanto, dentro da hegemonia intelectual brasileira, a legitimação da escrita de Lélia Gonzalez aflora a partir de outra trajetória.

Invaldar os conhecimentos desenvolvidos por um grupo subordinado beneficia a hegemonia dos grupos dominantes, uma vez que esse processo transmite uma passividade do grupo oprimido. Nessa abordagem, o pensamento feminista negro rebate essa perspectiva na documentação de sua teoria. Collins(2019) retrata que: “Recuperar as ideias das mulheres negras também implica descobrir, reinterpretar e analisar as ideias de subgrupos da coletividade mais ampla das estadunidenses negras que foram silenciadas.” (COLLINS, 2019, p.50)

O desafio imposto é o de arquitetar este pensamento, inclusive, indagar os processos de apagamento histórico e cultural presentes nessa relação. Ativar as memórias de mulheres que foram escravizadas e, mesmo com essa condição, não deixaram de lutar, contribui para a descolonização da ideia de que, a população negra não apresentava resistência perante as opressões e violações que sofreram. Angela Davis exemplifica como a escrita e a leitura por vezes eram utilizadas como ferramentas de resistência para essas mulheres. “Em muitos casos, a resistência

envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como transmissão desse conhecimento aos demais.” (DAVIS, 2016, p.34)

A tradição na transmissão de conhecimentos se faz presente em diversos contextos de resistência e no cotidiano de mulheres negras. Esse processo abrange não apenas os conhecimentos registrados por escrito ou veiculados no meio acadêmico, mas também aqueles presentes nas narrativas orais, nos saberes populares e ancestrais, nas construções culturais e organizações sociais, em espaços como as favelas, periferias e nas pastorais. E, essa tradição se perpetua como o princípio básico para o pensamento feminista negro do início do século XXI.

Desenvolver o pensamento feminista negro também implica buscar sua expressão em posições alternativas e entre mulheres que não são comumente vistas como intelectuais. (...) as intelectuais negras não necessariamente são acadêmicas nem encontradas apenas na classe média negra (COLLINS, p.51)

A complexidade do pensamento feminista negro e de sua estadia na academia compoe o desafio da compreensão plena desse movimento. A inserção de mulheres negras no debate público, por exemplo, é uma das maneiras para que suas vozes alcancem o grupo dominante. Dentro da academia, esse movimento contra o silenciamento sistemático que fornece espécie de ativismo político à trajetória e sua formação, contribuindo ideologicamente com uma ferramenta de empoderamento, principalmente, na autoconfiança desse grupo e de suas teorias. Grada Kilomba (2019) nomeia o processo como silêncio imposto, onde como resultado a colonização, pessoas negras foram silenciadas, o que reverberou em violências, apagamentos históricos e transformadas em objetos - objetos sem direito de fala, escolha ou ação.

Não é que não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós. De ambos os modos, somos capturadas/os em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a. (KILOMBA, 2019, p. 51).

Essa academia, considerada violenta para grupos colocados à margem da sociedade, desenvolveu mecanismos para a absorção de conhecimentos oriundos da população subalterna. O processo de retomada da noção de sujeito reverbera na presença de mulheres negras em arenas públicas e na construção de referências bibliográficas de mulheres negras, na contramão dessa lógica de dominação que as silenciam e objetificam, sem considerá-las individuais. Dessa maneira, a assimilação desses conhecimentos pela academia não foi realizada pelo puro desejo de inclusão, mas sim como uma resposta à luta e a resistência de, nesse caso, mulheres negras, e em outros casos, de grupos marginalizados, como LGBTQ+, mulheres, negros, indígenas, imigrantes, trabalhadores, entre outros.

. A existência de uma ou duas teóricas negras não é um indicador de que esse movimento foi extinto, mas sim, adaptado. Collins (2019), reflete sobre um desses mecanismos que a academia desenvolveu para asfixiar a produção de mulheres negras, a redução do pensamento feminista negro em autoras pontuais auxilia na homogenização da teoria, sem considerar a complexidade de tal. Além de contribuir para a ideologia da meritocracia, onde um indivíduo alcança determinado lugar pelo seu mérito, sem alinhar outros pontos. “Essa abordagem vai contra a tendência, em vigor na produção acadêmica dominante, de canonizar umas poucas mulheres negras como porta-vozes do grupo e recusar-se a ouvir qualquer outra que não essas eleitas.” (COLLINS, 2019, p. 17)

O campo de disputa na produção, reconhecimento e reprodução do conhecimento forjado como neutro, principalmente advindo do continente europeu, apresenta-se como um desafio consolidado para os grupos minoritários, e nesta pesquisa especificamente, ao feminismo negro. Essa disputa é conceituada como epistemicídio, por Sueli Carneiro, que em seu texto aprofunda essa noção e a define como:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para

alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p.97)

Dessa maneira, segundo a autora, a lógica envolvida no processo do epistemicídio tem um objetivo evidente: hierarquizar um conhecimento e deslegitimar os outros, colaborando com a dominação europeia. A academia, forjada a partir de uma perspectiva de ciência e de civilização, se apresenta como um local violento para mulheres negras. O resultado desse epistemicídio pode ser refletido no processo de instalação da teoria do feminismo negro, e como escolha política, o enfrentamento realizado por essas autoras.

O pensamento feminista negro se apresenta de maneira plural, diverso e complexo e, por isso, não busco uma definição fechada para o mesmo. Intelectuais negras reafirmam constantemente que a luta gira em torno da solidariedade, tencionando a disputa pela construção de um pensamento que auxilie na vida de outras mulheres, ajudando-as a romper com silêncios, violências e seus medos, caminhando no enfrentamento da sociedade racista e viabilizando direitos para outras mulheres e gerações, assim como experienciando o afeto, tudo isso sendo realizado com didática para alcançar a maior quantidade de mulheres negras possível e, que o resultado ao alcançar esses objetivos seja a justiça social.

Um papel para mulheres negras intelectuais é o de produção de fatos e de teorias sobre a experiência de mulheres negras que vão elucidar o ponto de vista de mulheres negras para mulheres negras. Em outras palavras, o pensamento feminista negro contém observações e interpretações sobre a condição feminina afro-americana que descreve e explica diferentes expressões de temas comuns (COLLINS, 2016, p.102)

De fato, essa teoria foi construída por muitas mãos, com diversas linhas de pensamentos e com a perspectiva de uma análise mais abrangente e especializada. A formação de um ativismo intelectual permeia a teoria do feminismo negro, sendo essa escolha consciente e objetiva, como uma forma de ter suas vozes ouvidas e que a sua ausência em instituições acadêmicas seja corrigida.

Duas das ferramentas que podem ser utilizadas na elaboração do pensamento feminista negro são: a autodefinição e a autoavaliação que Patrícia Hill Collins(2016) conceitua como:

Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da

condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras. (COLLINS, 2016, p.102)

Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos. (COLLINS, 2016, p.104)

Dessa maneira, a autodefinição e a autoavaliação resultam em uma espécie empoderamento, pois quando você se autodefine e se autoavalia, você parte do processo de retomada para a sua individualidade e subjetividade, sendo assim, ao ser utilizado por mulheres negras que constroem o feminismo negro, essa teoria se torna sobre o grupo que essa pessoa pertence como sujeito ativo e não mais ao outro, baseado na neutralidade e na passividade, como a teoria estruturada pelo branco europeu citou. Essas ferramentas, ao serem utilizadas por essas mulheres, contribuem juntamente para a quebra do silêncio imposto e, passam a protagonizar outras fases da luta por uma justiça social que as humanize.

A evolução do entendimento do que é o feminismo negro é acompanhada pela evolução da tecnologia e ativismo e, precisamente no contexto brasileiro, é atingida pelo aumento de mulheres negras no ensino superior, assim como, a extensão do debate feito por essas mulheres na política e em instituições de poder. O acesso à questão da situação da mulher negra se estrutura no território brasileiro ao contar esforços de diversas intelectuais e ativistas citadas anteriormente entre outros nomes essenciais. O conhecimento pelo conhecimento não é suficiente - o pensamento feminista negro deve estar ligado as experiências vividas pelas mulheres negras e ter como objetivo mudar essas experiências para melhor (COLLINS, 2019, p.77).

A inserção de mulheres negras no mundo do trabalho, na ordem competitiva do capitalismo, na hierarquia acadêmica, na vida sexual, sua expressão cultural e em todos os outros âmbitos do seu cotidiano é tema de interesse do feminismo negro, que possui diversas teorias e intelectuais que buscam estudar as complexidades envolvidas.

Um dos desafios desse feminismo negro se apresenta como a luta contra o silêncio, problemática presente em variadas obras da teoria. Audre Lorde (2020) discorre sobre a importância de romper com o silêncio ensurdecedor que esmaga as possibilidades de liberdade de mulheres negras, assim como essas precisam ser ouvidas. Lorde fala que os silêncios não são formas de proteção, ao contrário, ficar em silêncio pode causar arrependimentos e diferentes sofrimentos. A mesma sugere que esse silêncio seja transformado em linguagem e ação, promovendo uma ressignificação desse ato: Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo. (LORDE, 2020, p.54)

Em concordância com essa teoria, bell hooks avança no debate e conceitua como o ato de falar, o ato de “erguer a voz” se torna uma rebelião. O silêncio, dessa maneira, se torna improdutivo, além de ser uma marca da dominação, a execução do poder. Grada Kilomba (2019) apresenta a sua tese em torno da máscara do silenciamento, que foi utilizada durante o processo escravocrata no rosto de pessoas negras, impedindo que as mesmas se alimentassem livremente e, “mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e tortura.” (KILOMBA, 2019, p.33)

A autora interpreta essa máscara como a representação do colonialismo, da submissão em que pessoas negras eram colocadas dentro desse período, e, ao relacionar o silêncio com o medo, é possível encontrar a raiz desse sentimento que Lorde cita. O trauma ancestral e a visibilização de imagens de controle de mulheres negras caladas, subservientes, passivas e submissas incentivam o silêncio desse grupo e, da mesma maneira, alimentam o medo das consequências caso quebrem este silêncio, consequências essas que podem ser institucionais, como denunciar um caso de racismo e assédio moral no ambiente de trabalho e ser demitida, violentas, como aparece em discursos de mulheres que são vítimas de violência doméstica onde dizem não denunciar seus agressores por receio de resultar em uma outra violência, ou, mulheres que temem a força do estado e permanecem em silêncio quando tem seus direitos constitucionais violados, ou, até mulheres negras

que escolhem não adentrar¹³ em uma carreira política por medo de serem assassinadas, como foi Marielle Franco, ou sofrer atentados, como sofreu Taina de Paula durante o período eleitoral de 2024¹⁴.

São inúmeros os casos onde a máscara do silenciamento, alimentada pelo medo, medo do patriarcado, medo da dominação está imposta perante mulheres negras. Além do medo de falar, Lorde e Kilomba retratam o receio de ser ouvida e interpretada de maneira distorcida, causando incômodos.

O ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem escuta, isto é, entre falantes e suas/seus interlocutores. Ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/aqueles que são ouvidas/os são também aqueles que “pertencem”. E aquelas/es que não são ouvidas/os se tornam aquelas/es que “não pertencem”. A máscara recria esse projeto de silenciamento e controla a possibilidade de que colonizadas/os possam um dia ser ouvidas/os e, conseqüentemente, possam pertencer. (KILOMBA, 2019, p.43)

Dentro da lógica de dominação colonial e branca, aquelas que serão as últimas a serem ouvidas são as mulheres negras. Com isso, essas mulheres criam a sensação de não pertencimento, o processo que é o oposto da autodefinição e autoavaliação. Na retomada pela sua individualidade e dentro do feminismo negro, essas mulheres são encorajadas por outras mulheres a romper com esse medo ao falarem e se expressarem, assim como, a aprender ouvir suas iguais.

E nos lugares em que as palavras das mulheres clamam para ser ouvidas, cada uma de nós devemos a nossa responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las, de compartilhá-las e de analisar a pertinência delas em nossa vida. (...) Podemos aprender a agir e falar quando temos medo da mesma maneira como aprendemos a agir e falar quando estamos cansadas. Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos

¹³ Marielle Franco (1979–2018) foi socióloga, ativista dos direitos humanos e vereadora da cidade do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Mulher negra e oriunda da favela da Maré, sua atuação política esteve centrada na defesa dos direitos das populações periféricas, das mulheres, da comunidade LGBTQIA+ e no combate à violência policial. Em 14 de março de 2018, Marielle foi assassinada a tiros, junto com seu motorista Anderson Gomes, em um crime de grande repercussão nacional e internacional. As investigações indicam que o assassinato teve motivação política, dado seu posicionamento crítico em relação à atuação das forças de segurança pública. Seu legado permanece como referência na luta por justiça social e direitos humanos no Brasil.

¹⁴ Materia disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-10/vereadora-taina-de-paula-e-alvo-de-tiros-no-rio>

em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará. (LORDE, 2019, p.55)

O falar, dessa forma, é essencial no processo de empoderamento e na trajetória do feminismo negro, assim, o compromisso de feministas negras gira em torno de que suas vozes sejam ouvidas, lidas e consumidas, inclusive para pessoas que estão de fora, como homens brancos, negros, mulheres brancas, pessoas não binárias, entre outras. É importante que todos assumam essa responsabilidade, não somente o grupo que protagoniza a luta. Segundo bell hooks (2019):

A linguagem também é um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para recuperar a si mesmo - para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação - uma resistência. A Linguagem também é um lugar de luta.

Ouso falar com o oprimido e opressor com a mesma voz? Ouso falar com você em uma língua que nos levará além das fronteiras da dominação, uma língua que não irá te cercar, prender, segurar? A língua também é um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para ler a si mesmo - para reunir, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas estão em ação - em resistência. A linguagem também é um lugar de luta. (hooks, 2019, 73-74)

Dentro dessa perspectiva, o movimento feminista negro brasileiro encontrou na imprensa negra uma maneira de repercutir a sua voz e manter essa luta ativa. Lélia Gonzalez, ao chamar o português de pretuguês¹⁵, reivindica essa linguagem culta, onde quem é considerado pertencente é o branco e masculino. Flavia Rios (2018) realiza uma espécie de retrospectiva acerca desse tema, citando artigos e textos de intelectuais e ativistas negras sobre mulheres negras que foram publicados durante toda a década da redemocratização.

Tratava-se de uma intelligentsia feminista, que discutia diversos assuntos pertinentes à condição de desigualdades das mulheres brasileiras, bem como os enfrentamentos para o estabelecimento do feminismo no país e o horizonte da ação coletiva com vistas à construção de uma agenda política referente aos direitos das mulheres. (RIOS, 2018, p.27)

Os informativos, nesse período, objetivavam comunicar acerca dos eventos e das movimentações do MNU e do feminismo negro, por ter em vista que esse era o canal de comunicação mais eficiente. E, durante esse período, organizou-se o

¹⁵ Lélia Gonzalez define o pretuguês como: aquilo que chamo de “pretuguês” e que nada mais é do que a marca de africanização do português falado no Brasil. (GONZALEZ, 2020, p. 158)

Nzinga Informativo, que pode ser considerado o primeiro periódico do feminismo negro brasileiro, pautando os contextos políticos e históricos do país.

Nesse sentido, trata-se de um periódico que aparece na cena pública no processo de formação do feminismo negro brasileiro, resultante do adensamento das redes feministas no âmbito regional, nacional e global, bem como das articulações e organizações dos movimentos negros e dos movimentos portadores do discurso de liberalização sexual no interior do campo progressista, atuantes no ciclo político da retomada da democracia no país. (idem, 2018, p.29)

No Nzinga, que se apresentou como um jornal que objetiva “divulgar as questões específicas das mulheres negras”, essas mulheres negras ganharam voz para explanar seus percalços. Durante esse período, a reivindicação dessas mulheres era a luta pela visibilidade e a importância de trabalhar com a interseccionalidade e compreender sobre as dominações que somente mulheres negras eram vítimas. Rios chama a atenção para a formação política que esse informativo oferecia, principalmente por ser oriundo de um movimento social.

O caráter formativo e popular do Nzinga Informativo pode ser flagrado desde os territórios por onde suas ativistas vinham e circulavam, mas também pelo tipo de literatura divulgada pelo periódico. Na seção “Lendo e aprendendo”, as editoras lançavam mão dos materiais disponíveis para a formação política de seu público. Por esse viés, é possível conhecer, em partes, o tipo de produção que circulava no interior do ativismo e suas recomendações de leitura. Em geral, eram escritos mais acessíveis ao grande público; muitos eram (e alguns ainda são) temas-tabu, a exemplo dos livros da coleção Primeiros Passos – O que é racismo; O que é feminismo –; ou mesmo a circulação do texto mimeografado sobre o aborto. Dos repertórios de ação, destacam-se os cursos de formação, as reuniões de coletivos, seminários, lançamentos de livros, as festas religiosas e os bailes negros. Toda essa diversidade de atividades é indicadora dos laços de solidariedade entre o ativismo em questão, mas também parece expressar o padrão mais geral das formas de agir e de lazer de integrantes dos movimentos sociais durante a redemocratização. (RIOS, 2018, p.36)

A fala, nesse sentido, a escrita de mulheres negras protagonizou a fundação de organizações idealizadas, criadas e executadas por mulheres negras que visam oferecer serviços à população de mulheres negras. Angela Figueiredo relembra alguns:

O GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra, criado em 1988 - tendo como fundadoras as integrantes Solimar Carneiro, Edna Roland, Sueli Carneiro, Ana Lucia Xavier Teixeira e Maria Lucia da Silva, que se reuniram na casa de uma das integrantes e fundaram uma

organização política de mulheres negras que tem como objetivo lutar contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. A organização carioca, CRIOLA fundada em 1992, cuja atuação está voltada para a defesa e promoção dos direitos das mulheres negras.

Em 2010 foi criado o ODARA: Instituto da Mulher Negra, uma organização negra feminista de combate ao racismo, sexismo, a lesbofobia. O Instituto surgiu para se opor ao racismo e ao sexismo, através do empoderamento das mulheres, tanto no sentido econômico, quanto social e político. (FIGUEIREDO, 2018, p.1087)

Esses são alguns exemplos de organizações com essa temática e com essa idealização e essas organizações são mecanismos dentro do ativismo do feminismo negro para acessar o maior quantitativo de pessoas possíveis. A proximidade do feminismo negro brasileiro com a imprensa alternativa como uma espécie de ativismo resulta, no início do século XXI, na maior visibilidade de temas sobre o feminismo negro. A fala de pessoas subalternas não costumam ser levadas para as pautas da mídia convencional, por isso, é necessário uma mídia alternativa comprometida com o ativismo e a busca pela justiça social.

Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito - a voz liberta. (hooks, 2019, p. 39) O posicionamento de falar está articulado com o ativismo, seja ele qual for. O símbolo do megafone em manifestações é um desses exemplos construídos em imaginários sociais. Segundo a psicologia, a fala é uma ferramenta para organizar e se curar do que mais lhe aflige e, ao ecoar essa fala para outras pessoas, o ativismo está presente.

Está breve análise do movimento feminista negro brasileiro demonstra o espaço conquistado por essas mulheres na conjuntura brasileira, compartilhando a voz e a visibilidade das mulheres negras no processo de construção de um espaço onde suas lutas, experiências e saberes possam ser reconhecidos e compartilhados. Através de iniciativas como o Nzinga Informativo e outras organizações, essas mulheres conseguiram romper com os silenciamentos impostos pela estrutura colonial e patriarcal, criando meios próprios de divulgação e reflexão sobre suas realidades. A luta pela interseccionalidade, no âmbito das opressões vivenciadas por essas mulheres, demonstra como a linguagem, o ato de falar e de ser ouvida tornam-se ferramentas essenciais para o empoderamento e a transformação social. Ao dar voz a essas experiências, o feminismo negro no Brasil não só questiona as estruturas de poder dominantes, mas também propõe uma

forma de entender a luta por justiça social, onde a pluralidade de experiências se torna um ponto central na construção de um futuro mais inclusivo e equitativo.

2. Ativismo intelectual, ciberativismo e feminismo negro brasileiro: podcasts como mecanismo de ação

O caráter formativo que o feminismo negro desempenha se apresenta como resultado dessas histórias contadas no capítulo I e de diversas outras. Partindo da compreensão de que esse movimento se funde na construção do coletivo, que rompe com a individualidade e com outras opressões a partir de sua fala, e dessa maneira, alcança a outras mulheres de diversas formas, sendo a principal, pela oralidade. A preocupação de teóricas em discutir sobre a linguagem, a tradução e a fala caminham para o encontro de uma didática e organização que seja possível articular quem fala, quem escuta e quem se empodera a partir dessas ações, considerando que esse fluxo impacta em transformações nas estruturas sociais. E como escreveu hooks¹⁶, em seu texto *Erguer a Voz* (2019) a linguagem e a língua são lugares de luta. (HOOKS, 2019, p.74) E acrescento ainda, que ambas são instrumentos de luta.

O ativismo intelectual de feministas negras age em diversos segmentos e conta com uma abrangente diversidade de atuação e de mulheres. Nos 20 primeiros anos do século XXI, o ativismo assumiu novas formas com o avançar das tecnologias de comunicação e da internet, sendo uma delas, o ciberativismo. Essa revolução tecnológica (LÉVY, 1999) protagonizou uma mudança significativa em inúmeras áreas da vida cotidiana, sendo uma delas, na atuação política de movimentos sociais, e neste contexto, surge o ciberativismo. Segundo Alcântara (2015) este ciberativismo se apresenta como um fenômeno enigmático, com a sua capacidade de inovação, entretanto, está relacionado com as alterações da vida social como um todo. A mesma autora compreende que o conceito de ciberativismo não está fechado mas, que o mesmo deve ser utilizado pela sociologia como conceito analítico para a compreensão de como os movimentos sociais os utilizam.

¹⁶ bell hooks, um dos principais nomes na produção da teoria feminista negra, optou por escrever seu nome em letras minúsculas como um gesto político, buscando deslocar o foco da autoria individual para a força coletiva de suas ideias.

Essa noção exige uma compreensão abrangente de comunicação, que vá além da utilização de ferramentas comunicativas e problematize a comunicação a partir de outros elementos dos movimentos sociais. Nesse sentido, o resgate de eixos de discussão e ferramentas analíticas desenvolvidas pela sociologia dos movimentos sociais, como organização, difusão, repertório, identidade, frame pode ser um caminho frutífero para o desenvolvimento de marcos analíticos sobre o ciberativismo. (ALCANTRA, 2015, p.21)

Queiroz (2017) define o ciberativismo como:

O ciberativismo surgiu da apropriação das redes sociais da internet pelos ativistas que defendem causas humanitárias, políticas, culturais e econômicas. Alguns desses processos começam tendo como foco determinada comunidade ou cidade, mas cujas ramificações e interesses ultrapassam fronteiras espaciais e ganham o mundo na defesa de direitos coletivos. A ação desses ativistas ocorre em um mundo híbrido, que congrega estratégias organizadas e deflagradas tanto no mundo real como no espaço virtual. A luta se dá no espaço público, muitas vezes em confronto com o poder estatal, político e financeiro, luta que depende não somente da troca de mensagens nas redes sociais, mas da construção de projetos que delineiam reivindicações e desejos de mudanças reais na sociedade. As propostas precisam ser delineadas de forma concreta, para não ficar apenas nas palavras de ordem das manifestações de rua, que podem ser esquecidas na esteira do tempo. (QUEIROZ, 2017. p.4)

Dessa forma, os ativistas dos movimentos sociais e as pessoas que participaram das manifestações de protesto em todo o mundo viram na Internet – mais especificamente nos blogs e redes sociais –, uma oportunidade de ampliar o poder de comunicação e defesa da causa em foco. O meio digital tornou-se, então, o canal de comunicação utilizado pelos ativistas. Como foi observado por Gajanigo e Souza (2014), desde 1970 um processo entra em curso frente ao avanço da globalização e do neoliberalismo, dando início ao que se convencionou denominar “sociedade em rede” (2014, p.579). Será neste contexto, da sociedade em rede, que inúmeras manifestações promovidas por movimentos sociais, cada vez mais difusos quanto às demandas e lutas políticas, passam a disputar o espaço público e político *pari passo* com atores políticos ditos tradicionais. Segundo os autores:

Desde início, o caráter contra-hegemônico esteve presente nesses movimentos, principalmente com as mobilizações em torno da repulsa à globalização e ao modelo neoliberal dos anos de 1990. (...) As formas de manifestação se mesclaram em desobediência civil e ações lúdicas, carnavais e protestos, atividades em redes sociais virtuais, sites e blogs, ou em ações diretas nos espaços públicos. (Gajanigo e Souza, 2014, p.580).

As mudanças nas tecnologias de comunicação, o surgimento dos novíssimos movimentos sociais e o ciberespaço como um outro espaço para manifestações política e social serviu de pano de fundo para o surgimento do ciberativismo. Esse ciberativismo aflora a relação do virtual versus real, promovendo um engajamento que pode resultar em impactos físicos, como exemplo, as manifestações no Brasil de 2013: boa parte da organização as manifestações desse período foram articuladas através de redes sociais como o Facebook e o Twitter. Um ponto a ser colocado, é a noção de que o mundo virtual é também o mundo real, onde o engajamento com esse ativismo pode aparecer de inúmeras formas, com diferentes funcionalidades e objetivos. Inclusive, a oposição a alguns grupos e movimentos surge na arena virtual, tal qual surge em locais físicos, pessoais, no cotidiano.

Dessa forma, os ativistas de movimentos sociais e as pessoas que participaram das manifestações de protesto em todo o mundo viram na Internet – mais especificamente nos blogs e redes sociais –, uma oportunidade de ampliar o poder de comunicação e defesa da causa em foco. O meio digital tornou-se, então, o canal de comunicação utilizado pelos ativistas.

O ciberativismo me encontrou no ano de 2015, quando chego no pré vestibular social, localizado em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense. Em conversas com quem se tornaria minha melhor amiga, Yasmin Leal, percebi que ela falava de um assunto que eu não conhecia, ela questionava relações sociais e esses questionamentos me parecem corretos, mas não conseguia entender plenamente o que estava sendo debatido. Yasmin citou alguns grupos no Facebook e recomendou a minha entrada. Solicitei a participação em diversos grupos, principalmente os que tinham no nome termos como *"feministas"*, *"feminismo"*, *"manas"*.

Fui aceita em inúmeros. Nesse momento, acessei um novo mundo. Nunca tinha questionado tão profundamente as relações de gênero, compreendi que a carga da maternidade que estava sob meus ombros era fruto do patriarcado, aprendi novas palavras - como sororidade - novas lutas, novas reivindicações. Esse foi o início da minha construção crítica, posteriormente, prestei vestibular para Ciências Sociais, gostaria de compreender a fundo as relações sociais dessa sociedade. E a minha participação em grupos foi cada vez mais ativa. Meu perfil pessoal no Facebook triplicou de 'amizades', acessava sempre buscando os "textões" e escrevia alguns, inclusive relatos sobre a minha vivência como mãe solo. Fiz grandes amigas nesse processo.

Em dado momento, após o meu ingresso na universidade e o contato com outras realidades, o acesso a outras informações e novos questionamentos percebi que aquela militância não estava me incluindo completamente. As discussões sobre saúde reprodutiva, aborto, patriarcado, violência doméstica, feminicídios faziam sentido, mas quando algo caminhava para o capital econômico, me sentia excluída. Quando a reivindicação de mulheres brancas estava pautada em respeito ao corpo feminino, mas não discutiam sobre a hiperssexualização que as mesmas praticavam contra pessoas negras, sendo homens ou mulheres. Essas contradições foram suficientes para me afastar desse assunto e, por um tempo considerável, não me considerei feminista. Costumava dizer que eu era muito negra para ser feminista. Anos mais tarde, descobri o feminismo negro, que me trouxe até aqui. Entretanto, o ponto a ser discutido gira em torno do potencial que o ciberativismo possui para ser a porta de entrada desse conhecimento com indivíduos de realidades variadas.

Dentro deste ciberativismo existe a mobilidade em espaços midiáticos de atores oriundos de movimentos sociais, sendo assim, um facilitador na circulação de debates específicos dentro das arenas públicas. A formação de redes a partir desses ativistas constrói uma rede de compartilhamento de informações, conhecimentos e compartilhamento de histórias para indivíduos subalternizados¹⁷. Uma espécie de democracia digital se torna protagonista nesse processo, com a ideia de que existe um acesso a internet de maneira igualitária, entretanto, cabe salientar que as desigualdades sociais manifestam-se dentro deste fenômeno, dificultando essa democratização digital.

Entretanto, essa maneira de ativismo pode ser benéfica para os atores sociais que não possuem espaço em mídias tradicionais. A utilização por movimentos sociais de uma imprensa alternativa é anterior ao ciberativismo, com a chegada da tecnologia, essa movimentação conta com uma facilidade na divulgação de temas e agendas para a população. Os eventos que objetivam tratar das questões que atingem as mulheres negras são tradicionais no contexto do feminismo negro, assim como a imprensa alternativa que os divulga. Flavia Rios

¹⁷ Baseando-se em *Memórias da Plantação* (2019), de Grada Kilomba, os subalternos são aqueles cuja voz e narrativa são historicamente silenciadas pelos regimes coloniais e pelas estruturas de poder hegemônicas. A autora evidencia como a subalternidade não é apenas uma condição material de opressão, mas também uma imposição epistêmica, na qual grupos racializados, especialmente pessoas negras, são sistematicamente excluídos dos espaços de produção de conhecimento e representação. Assim, a subalternidade, na perspectiva de Kilomba, não se restringe à marginalização econômica e social, mas se manifesta na negação do direito de falar, interpretar e construir suas próprias histórias.

(2018) considera essa imprensa alternativa é “um forte indicador da densa produção dos agentes civis desejosos da transformação social por vias democráticas.” (Rios; e Freitas, 2018, p. 29)

Ao se estudar a imprensa feminista na Ciência Política, o foco está em como esses grupos de mulheres se articulam para produzir jornais que levam em suas páginas (impressas ou digitais) bem mais do que palavras, notícias, comentários, artigos, charges, resenhas. Nesses veículos estão expressos gritos por liberdade, autonomia, justiça, reconhecimento, democracia e cidadania. Também há o enfrentamento pelas condições abjetas de mulheres consideradas como trabalhadores de segunda categoria, visto que realizam os serviços que ninguém se prontificaria a fazer. (RIOS; FREITAS, 2018, p.152)

Operando as ferramentas da imprensa alternativa e da imprensa feminista, o ciberativismo as mulheres negras se expressam de variadas maneiras ao utilizar o espaço virtual, buscando que a sua audiência - nesse caso, outras mulheres negras, acadêmicas ou não acadêmicas - compreenda e seja impactada com seus conteúdos. Múltiplos eventos e ações digitais e físicas foram organizados a partir da presença do feminismo negro nas redes, continuando a tradição que esse movimento dispõe. Com outros modos de interação entre as ativistas e sua audiência, em 2015 foi organizada a 1º Marcha Nacional das mulheres negras em Brasília.

A 1ª Marcha Nacional de Mulheres Negras, realizada em novembro de 2015, em Brasília, foi organizada e planejada em reunião presencial com diversas organizações e movimentos sociais. Contudo, foi através das redes sociais que ela conseguiu arregimentar militantes dos mais diversos estados. Além disso, as informações eram difundidas por meio das páginas do facebook, o que facilitou a comunicação entre a comissão organizadora e as militantes. (MALTA, 2016, p.66)

Este se coloca como um exemplo das articulações virtuais de mulheres negras que buscam por uma justiça social e manuseiam a internet como sua aliada nesse objetivo. A partir dessa organização, plataformas digitais ocupam um papel na rotina do feminismo negro, que criam novos circuitos para difundir estrategicamente assuntos que lhe interessam. A presença das vozes de mulheres negras no ciberativismo se desdobra em múltiplas frentes, tornando-se um desafio, em 2025, mapear todas as influenciadoras digitais negras ou cada canal no YouTube dedicado a essa temática.

hooks¹⁸ retrata que, além da importância de mulheres negras falarem, sobre o que essas mulheres estão falando é a chave desta equação. A voz libertadora é aquela que confronta, que incomoda e que exige que o receptor mude tanto suas maneiras de ouvir quanto de ser. (HOOKS, 2019) Com isso, a seguir, foi realizado um mapeamento acerca dos temas e das formações políticas que o ciberativismo negro desempenha.

2.1 Ciberativismo como continuação do legado do feminismo negro brasileiro.

O ciberativismo de mulheres negras se apresenta como a adaptação digital do legado do feminismo negro brasileiro e mecanismos como o podcast são ferramentas utilizadas por essas ativistas. Dentro do ciberativismo do feminismo negro é possível identificar dois perfis principais: a presença de organizações que realizavam um trabalho de articulação e mobilização anterior à internet, e se adaptou ao ciberespaço, aprimorando o uso das ferramentas e plataformas digitais e se beneficiando com essa possibilidade, a exemplo, do Portal Geledés e o site Criola que potencializaram sua atuação na internet. E, a outra vertente, que são os sites e as organizações que surgiram e se consolidaram no mundo real a partir da internet.

As ciberativistas negras dão continuidade ao legado do feminismo negro ao erguerem suas vozes e estamparem as estéticas de suas companheiras. E, um dos mecanismos usufruídos dentro da internet são os portais de divulgação do conhecimento, entre eles: Portal Geledés¹⁹ que é um produto do Geledés, fundado em 1988, 100 anos após a abolição da escravidão e no mesmo ano da Constituição Federal Brasileira, por Sueli Carneiro - atual diretora - e outras feministas negras, sendo elas: Solimar Carneiro, Edna Roland, Ana Lucia Xavier Teixeira e Maria Lucia da Silva, e que originalmente se apresenta como:

¹⁸ bell hooks adotou a escrita de seu nome em letras minúsculas como uma escolha política e simbólica. A autora justifica essa decisão como uma forma de deslocar a atenção do indivíduo para a sua obra e suas ideias, enfatizando o conteúdo de sua produção intelectual em vez de sua identidade pessoal. Além disso, essa escolha desafiava convenções gramaticais e hierárquicas da língua, alinhando-se à sua crítica às estruturas de poder e dominação.

¹⁹ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>

Uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigente na sociedade brasileira.

Consolidando as discussões sobre a problemática da mulher negra como aspecto fundamental da temática de gênero na sociedade brasileira e impulsionando o debate sobre a necessidade de adoção de políticas públicas inclusivas para a realização do princípio de igualdade de oportunidades para todos. (GELEDÉS, 2023.)

O Portal Geledés foi fundado em 20 de novembro de 1997 na internet, sendo um dos principais e mais antigos sites sobre a situação da população negra e da mulher negra em específico. No portal é possível encontrar as áreas de atuação do Geledés, inclusive os projetos em conjunto que são mantidos, como o *Coletiva Negras que Movem*, o *Centro de Documentação e Memória Institucional* e o projeto de uma web série nomeada de *Geledés - Caminhos e Legados*.

O portal atua como um facilitador na divulgação de matérias sobre as relações raciais no Brasil e no mundo, e em conjunto, com a publicação de artigos de autoras e autores negros, o mesmo promove ainda cursos, aulas e oficinas dentro da temática racial, contribuindo para a formação política. Além de manter uma seção em seu site chamada *África e sua Diáspora*, que objetiva promover a reflexão sobre essa temática. O Geledés organiza um podcast que carrega o nome do instituto, o programa foi lançado na plataforma do *spotify* dia 16 de dezembro de 2022. Até o presente momento, foram ao ar 12 episódios com temas distintos.

Com o intuito de enfrentar o racismo e defender a promoção dos direitos das mulheres negras, em 1992 a ong Criola foi fundada, em meio a uma campanha contra esterilização em massa encampada pelo Fórum Itinerante de Mulheres Negras do Rio de Janeiro. (SILVA, 2018, p.38) No mesmo ano de sua fundação, a organização ministrou uma formação da Rede AidsInformação Criola, direcionada para o combate à epidemia de Aids. Em seu site está presente a seguinte descrição:

Nossa missão é instrumentalizar as mulheres negras – jovens e adultas, cis e trans – para o enfrentamento ao racismo, sexismo, lesbofobia e transfobia. E ainda para atuar nos espaços públicos, na defesa e ampliação dos seus direitos, da democracia, da justiça e pelo Bem Viver. (CRIOLA, 2022)

Na missão de instrumentalizar as mulheres negras, a instituição oferece ferramentas que contribuam com este objetivo em sua plataforma. A primeira, é uma espécie de linha do tempo que apresenta feitos históricos do feminismo negro no

Brasil entre 1980-2022 e como estes acontecimentos intervêm na jornada da organização. No âmbito de atuação, Criola executa 4 frentes, sendo elas: Produção de conhecimento, com a confecção de relatórios, cartilhas, e a publicação de pesquisas e livros. Uma outra contribuição dessa frente é o *Repositório Esperança Garcia*, projeto de autoria da organização é definido como:

Este repositório busca reunir, organizar, preservar e disseminar a produção científica, cultural e intelectual referente ao enfrentamento do racismo no sistema de justiça. Inspiradora deste espaço, Esperança Garcia é reconhecida como a primeira mulher advogada do Brasil. Escravizada, ela redigiu uma petição dirigida ao governador reivindicando a própria liberdade e o direito à vida. (CRIOLA, 2022)

Dentro do repositório, os temas produzidos são divididos por #: #encarceramento em massa, #genocídio da população negra, #leis, resoluções, portarias e jurisprudência, #mulheres negras, #política de drogas, #racismo, #racismo religioso, #relatórios, #vídeos e #violência policial, possibilitando uma facilidade ao acesso. Por todo o site da Criola essa é a estrutura, com outros temas mas respeitando essa forma sistemática.

Outras frentes de atuação são a Formação e suporte a lideranças negras; Pressão em instâncias públicas e ações políticas no contexto de crises. Dentro da plataforma, encontra-se uma aba chamada *Defenda-se* em que acolhe e orienta quais são as ações que uma pessoa que sofreu ou presenciou um cenário de racismo deve ter. E ao abrir a página, uma das primeiras frases chama atenção para a concepção de que a discriminação racial também pode acontecer nos meios digitais²⁰. A ONG conta ainda com uma Política de Salvaguarda e mantém as informações acessíveis em seu site.

Um dos projetos da Criola se chama *Plataforma Alyne*²¹ (2015) e objetiva ser um espaço virtual para a adesão e inclusão de petições públicas em defesa dos direitos das mulheres negras, administrada por Criola. (ALYNE, 2015) Outra iniciativa localizada dentro do site da Criola é a da *Rede Nacional de Ciberativistas em Defesa das Mulheres Negras*, fundada em 2017. A Rede de Ciberativistas Negras emergiu a partir do “Mulheres Negras Fortalecidas na Luta contra o Racismo e Sexismo”, financiado pela Embaixada Britânica, executado pela Oxfam Brasil²² em

²⁰ Disponível em: <https://criola.org.br/defenda-se/>

²¹ Disponível em: <https://alyne.org.br/>

²² Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/historia/>

parceria com a ONG Criola, Ação Educativa, Fase, Ibase, Inesc e Instituto Pólis. A rede foi fomentada por ativistas negras do Brasil que objetivavam proporcionar uma maior organização nas denúncias de violações de direitos das mulheres negras. Segundo o site Criola, a rede:

Atua em defesa dos direitos das mulheres negras, buscando desencadear ações rápidas, através do ciberativismo, bem como potencializar estratégias de comunicação desenvolvidas por mulheres negras que contestem narrativas racistas e sexistas no âmbito online e offline. O objetivo é visibilizar denúncias de violação dos direitos, estimulando a geração de respostas à vulnerabilidade das mulheres negras no Brasil, de modo que essas ações resultem em mudanças nas políticas públicas que afetam a vida das mulheres negras e intensifiquem os processos participativos. A rede tem representação em todas as regiões brasileiras, através de grupos, coletivos e representantes individuais que desenvolvem ações, projetos, estudos e pesquisas sobre temas relacionados com a vida das mulheres negras, sempre na perspectiva da defesa, proteção e promoção dos direitos humanos. (CRIOLA, 2017)

Assim, a rede de ciberativistas negras se consolida como uma ferramenta de atuação e mobilização entre mulheres negras de todo o país, e uma das reverberações é a criação de núcleos da Rede pelo Brasil, como ocorreu em Ceará, Fortaleza e Cariri. Na seção *Fique por Dentro* estão disponibilizadas as publicações do blog, o canal do *You Tube* e o programa de podcast organizado pela instituição. Por fim, Criola integra e articula com o fortalecimento de 16 iniciativas nacionais e internacionais, além de ter contribuído com o Observatório de Direitos Humanos – Crise e COVID-19²³, juntamente com outras 34 organizações sociais e movimentos populares na organização e garantia dos direitos humanos durante a pandemia que teve início em 2020.

Em 2000 foi criada a AMNB²⁴ - Articulação de Organizações de Mulheres Negras, que se apresenta como uma rede de organizações de mulheres negras. Essa rede tem um papel relevante na mobilização de outras organizações, contribuindo na visibilidade de outras instituições de mulheres negras.

A AMNB tem como missão institucional promover a ação política articulada de grupos e organizações não governamentais de mulheres negras brasileiras, realizando o enfrentamento ao racismo, ao sexismo, à opressão de classe, à lesbofobia e à todas as formas

²³ Disponível em: <https://observadhecovid.org.br/>

²⁴ Disponível em: <https://amnb.org.br/>

de discriminação, a fim de contribuir para a transformação das relações de poder existentes no Brasil.

A AMNB produz uma ferramenta digital para a propagação de seus conteúdos e suas notícias. A articulação compõe o Comitê Impulsionador da Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e o Bem Viver que ocorre desde 2015 e no ano de 2025 completará 10 anos. No site da AMNB está disponibilizado um mapeamento das instituições parceiras espalhadas pelo Brasil.

Outra instituição essencial nessa discussão é o ODARA - Instituto da Mulher Negra²⁵, sediado em Salvador -BA e fundado em 2010 com o compromisso de atuar pelo fortalecimento da autonomia e garantia de direitos das mulheres negras, e pelo enfrentamento às violências raciais e de gênero. (ODARA, 2025) A atuação do instituto gira em torno de apoiar outros programas, agendas e projetos que objetivam combater os efeitos do racismo, sexismo e opressões que provocam desvantagens sociais à população de mulheres negras. Um desses programas se chama “Programa de Educação e Formação Política” que atua

Na construção de espaços de reflexão e aprendizados para meninas e mulheres negras, cis e trans, produzindo estudos, pesquisas e intercâmbios que visam o fortalecimento da incidência do movimento de mulheres negras, sobretudo na Região Nordeste. Através do programa, fazemos enfrentamento ao epistemicídio, incentivando a produção de narrativas, memórias, metodologias e escrituras feministas decoloniais.

Dentro desse programa existem 5 projetos, sendo eles: Incidência Política na Educação (2024); Formação de Professores/as para trabalhar com a Lei 10.639/2003 (2022); Escola de Ativismo e Formação Política para Mulheres Negras – Beatriz Nascimento (2020-2022); Ayomide Odara (2021-2022)²⁶. A organização conta com outros 4 programas, sendo eles o Núcleo de Juventudes Negras Odara que atua fornecendo uma formação política para as juventudes na Bahia, no Nordeste, no Brasil e na América Latina. O programa de Direitos Humanos, o programa de Comunicação e o programa de saúde de mulheres negras.

Na plataforma digital do ODARA, está disponibilizada uma seção chamada *Narrativas* onde estão todos os textos de diversas temáticas raciais produzidos pelo Programa de Comunicação. Outra forma de divulgação de conhecimentos que o

²⁵ Disponível em: <https://institutoodara.org.br/quem-somos/>

²⁶ Saiba mais em: <https://institutoodara.org.br/programa/educacao-e-formacao-politica/>

instituto organizou é o chamado Espaço Griot - Ana Célia da Silva²⁷, que é um acervo bibliográfico de intelectuais negras e está presente no site do ODARA.

Uma articulação organizada pelo ODARA em parceria com o AMNB foi a construção do Março de Lutas²⁸ que teve a sua primeira edição em 2019. Em seu site, é apresentado como uma agenda online coletiva com o protagonismo de mulheres negras na partilha de práticas, experiências e denúncias para o enfrentamento ao racismo. O site do #MarcodeLutas disponibiliza debates sobre o cotidiano de mulheres negras, revista eletrônica, lives e outras ferramentas de divulgação, buscando a celebração do legado construído pelos antepassados que resistiram na luta pelos direitos e cidadania da população negra. Na mesma linha de atuação, a instituição ODARA lançou o Julho Das Pretas.

O Julho das Pretas é uma ação de incidência política e agenda conjunta e propositiva com organizações e movimento de mulheres negras do Brasil, voltada para o fortalecimento da ação política coletiva e autônoma das mulheres negras nas diversas esferas da sociedade. A ação foi criada em 2013, pelo Odara – Instituto da Mulher Negra, e celebra o 25 de Julho, Dia Internacional da Mulher Negra Afro Latina Americana e Caribenha. (ODARA, 2025)

O Julho das Pretas²⁹ se inicia com a proposta de colocar no cerne do debate as demandas das mulheres negras da Bahia e promover visibilidade e voz para as mesmas, e com o passar das edições a sua área geográfica de atuação foi aumentando. Com o avanço da tecnologia, essa agenda ocupa de forma conjunta o ciberespaço, protagonizando o #JulhodasPretas, que se torna uma hashtag que coloca em pauta temas relacionados às desigualdades de gênero e raça a que mulheres negras estão submetidas, tanto quanto, pontua as trajetórias de superação e a tentativa da construção de uma equidade para essas mulheres.

Outra intervenção do Julho das Pretas é o projeto Julho das Pretas nas Escolas³⁰, que é uma iniciativa organizada a partir do Programa Ayomide Odara e desde 2019 objetiva construir em escolas baianas, sendo públicas ou privadas, assim como creches e universidades, reflexões para o enfrentamento às violências e ao racismo que afetam meninas e adolescentes negras.

²⁷ Disponível em: <https://institutoodara.org.br/espaco-griot/>

²⁸ Saiba mais em: <https://amnb.org.br/marcodeutas/>

²⁹ Saiba mais em: <https://institutoodara.org.br/julho-das-pretas/>

³⁰ Saiba mais em: <https://institutoodara.org.br/julho-das-pretas-nas-escolas/>

Considero as 4 instituições citadas anteriormente como as precursoras da mobilização pelo ciberativismo feminista negro, sem a intenção de reduzi-las ou invisibilizar outras organizações. Essas organizações são destacadas nessa dissertação em razão de sua tradição e consolidação na história do feminismo negro brasileiro.

Ao refletir sobre as duas principais vertentes do ciberativismo de mulheres negras, onde uma conta com a presença digital de organizações que atuaram inicialmente fora da internet e utilizam das ferramentas ao seu favor, e a outra vertente, parte de iniciativas e movimentos que se organizaram dentro do ciberespaço e posteriormente conduzem mobilizações no espaço físico, sendo oriundos do mundo virtual.

O Mulheres Negras Decidem³¹ é um desses espaços inaugurados na internet. O movimento MND surgiu em 2018 após uma imersão sobre dados de representação política, imersão intitulada *Minas de Dados* e oferecida pela Transparência Brasil, Olabi e Data_Labe. As 5 mulheres negras fundadoras são Gabriele Roza, Lorena Pereira, Juliana Marques, Diana Mendes e Ana Carolina Lourenço. Inicialmente nomeado como Rede Umunna, foi renomeado como Mulheres Negras Decidem.

Qualificamos e promovemos a agenda liderada por mulheres negras na política institucional, fortalecendo a democracia brasileira, usando como estratégia a superação da falta dessa representatividade nas instâncias de poder. Com isso, atuamos por meio de formação política, reposicionamento de temas na agenda pública e pesquisas centradas em dados. (MULHERES NEGRAS DECIDEM, 2025)

Essa rede conta, atualmente, com aproximadamente 200 ativistas articuladas por 21 estados do país e o Distrito Federal³². Com a sua principal temática envolta da representação política de mulheres negras e seus impactos, o MND mobilizou, junto a outras instituições, a campanha #MinistraNegraJá³³, que objetivou a nomeação de uma jurista negra para o cargo no STF, denunciando que, em 132 anos de STF, uma mulher negra nunca foi nomeada como Ministra da Suprema Corte.

³¹ Disponível em: <https://mulheresnegrasdecidem.org/>

³² Dados disponíveis em: <https://mulheresnegrasdecidem.org/sobre/>

³³ Disponível em: <https://mulheresnegrasdecidem.org/ministra-negra-ja/>

A campanha #MinistraNegraJá tem o intuito de visibilizar os feitos de um grupo de juristas negras que têm notório compromisso com a defesa dos Direitos Humanos e com a transformação do nosso sistema de justiça. Através de estudos, produção e divulgação de dados, ações de mobilização e reflexão, queremos chamar a atenção de toda a sociedade para a urgência de ter mais mulheres negras na corte constitucional. (idem, 2023)

Além dessa explicação e mobilização, o MND dispõe da biografia de 3 juristas negras que cumprem com os requisitos para assumir o cargo, assim como disponibiliza na plataforma um estudo chamado “Mulheres negras pela transformação do poder judiciário”. Outra campanha protagonizada pelo movimento é #MulheresNegrasEleitas, que tem o intuito de:

Promover o letramento racial eleitoral da população para que mulheres negras progressistas possam adquirir capital político, financiamento e tempo hábil, a fim de garantir fôlego na disputa eleitoral para converter em votos. (idem, 2025)

Essa mobilização focada teve início em 2024, entretanto, em 2022 o MND realiza a pesquisa “Porque votar em mulheres negras: um balanço dos mandatos das parlamentares negras entre 2018 e 2022”, em 2021 lançam o livro “A Radical Imaginação Política das Mulheres Negras Brasileiras” e criam uma Rede Nacional de Mulheres Negras na Política, como resultado da articulação política nas eleições de 2020.

Essas *hashtags* foram as 2 campanhas idealizadas por ativistas do Mulheres Negras Decidem, entretanto, não resumem a atuação do movimento. Como citado na descrição do MND, o principal objetivo é fornecer formação política para mulheres negras, com a disponibilização de cursos, oficinas, livros, relatórios, ciclos de formação, construção de proximidade entre as ativistas, podcasts, lives e uma minissérie.

Em 2020, o MND realizou uma pesquisa chamada Mulheres Negras de Decidem Para Onde Vamos com 245 ativistas negras de todos os territórios brasileiros em parceria com o Instituto Marielle Franco³⁴. O Instituto foi criado em 2020 pela família de Marielle Franco, vereadora negra que foi brutalmente assassinada em 2018, e tem como missão inspirar, conectar e potencializar mulheres negras, pessoas LGBTQIA+ e periféricas a seguirem movendo as

³⁴ Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/futuro>

estruturas da sociedade por um mundo mais justo e igualitário. (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, 2020)

Um dos projetos dessa instituição é a Escola Marielle³⁵, que se apresenta como um espaço de formação para o fortalecimento de meninas e mulheres negras, pessoas LGBTQIA + e pessoas periféricas com o intuito de construir uma sociedade mais justa. A escola oferece uma formação dividida em 4 módulos, sendo eles: 1 - Mulheres Negras Radicalizando a Democracia; 2 - Mecanismos de Enfrentamento à Violência Policial; 3 - Contando nossas histórias a partir de pedagogias afro referenciadas; 4 - Justiça Climática para Parlamentares e Assessoras.

O ciberativismo de mulheres negras se torna um movimento plural e as áreas de atuação aqui destacadas são a formação política e a agenda política. Dessa maneira, o Portal Geledés, Criola, AMNB, Odara, Mulheres Negras Decidem e o Instituto Marielle Franco contribuem para a circulação da produção científica do feminismo negro, compreendendo que não são somente textos acadêmicos e produzidos dentro de universidades, mas sim todo o conhecimento que faz parte da teia do pensamento feminista negro.

A expertise desse movimento ao utilizar as ferramentas e plataformas digitais não se resume a uma rede social específica, ou seja, as instituições estão presentes em redes sociais mas possuem uma facilidade na adaptação em outros canais e formas de divulgação. As redes sociais são aliadas na propagação de seus conteúdos, entretanto, não é a tecnologia principal.

A mobilização do ciberativismo presente no feminismo negro ocorre além das principais redes e operam juntamente com elas. A ação dessas ciberativistas ocorre em uma realidade híbrida, tanto para iniciativas que atuam historicamente no mundo real, quanto para iniciativas que emergem no mundo virtual, as propostas de ações e os possíveis impactos desse movimento movem os dois mundos em busca de um mundo mais justo.

2.2 Podcast como ferramenta do ciberativismo de mulheres negras

O protagonismo de mulheres negras em arenas públicas e na disputa por narrativas que as humanizem combate a noção de passividade que foi atribuída

³⁵ Disponível em: <https://www.escolamarielle.org/>

para grupos subalternos. A instrumentalização e a organização de mulheres negras dentro de espaços dominantes, como nas mídias, política e na produção de conhecimento, alcançaram mecanismos para ampliar suas vozes, seus conhecimentos e suas pautas, atingindo cada vez mais mulheres negras.

Dessa forma, a troca entre mulheres negras que partem dessa organização passam a ser analisadas como um lugar de aprendizados, onde o contato, a conversa e a troca entre elas é considerado como processo de formação, que resulta na construção de uma visão empoderada e política, de uma maneira pedagógica e dinâmica, como as bases do pensamento feminista negro.

Nessa direção, como já mencionado anteriormente, o objeto de pesquisa desta dissertação são os podcasts que tratam de algumas temáticas e autoras do feminismo negro brasileiro, sendo eles: pensamento feminista negro, interseccionalidade, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro. Compreendendo que esses termos são essenciais na construção de uma formação política, mesmo para pessoas que não tenham contato prévio com o feminismo negro.

A escolha por episódios e não programas que que tratassem desses termos dentro da plataforma foi construída a partir de uma pesquisa empírica, inicialmente, ao perceber uma possível maior disponibilidade de episódios dos mais vários programas com títulos semelhantes e uma possível escassez de programas. Como citado na introdução desta dissertação, durante a netnografia foram encontrados 22 programas com os termos chaves, logo, uma pequena quantidade amostral para a construção de uma dissertação. A escolha por episódios com as palavras-chaves foi frutífera, a execução de uma espécie de divulgação científica chamou a minha atenção e essa hipótese foi levantada.

Com o universo de 96 episódios, a seguir, farei uma análise dos resultados encontrados a partir da netnografia que teve como principal filtro, a busca por episódios com as 4 palavras-chaves. Desses episódios, 73 tiveram a participação exclusiva de mulheres, 72 cis e 1 trans. Com a presença masculina, foram 23 episódios, sendo que em 19 homens aparecem como produtores ou co-produtores de programas, que por vezes são convidados a falar sobre o assunto. Entre os episódios produzidos e com a participação de homens, o único que tem foco na discussão da psicanálise pela perspectiva de Lélia Gonzalez é produzido pelo Pedro Zanola, mestrando em psicologia clínica e psicólogo. Além disso, entre os entrevistados dos episódios está Vinicius Santana, mestrando em filosofia política

pela USP e pesquisador da obra e vida de Sueli Carneiro e, Januário Garcia³⁶, fotógrafo brasileiro, ativista do movimento negro e figura importantíssima na construção do MNU. Januário participou do episódio intitulado *#128 - Uma homenagem a Lélia Gonzalez, por Januário Garcia, Zezé Motta, Flavia Rios e Márcia Lima* em fevereiro de 2021, em junho deste mesmo ano ele faleceu, sendo esse podcast uma das suas últimas aparições públicas.

No programa chamado *Introdução à - Sua formação política e social pode começar aqui! #AquecimentoParaAsEleições2022* o produtor Théo Souza e a convidada Jow Araujo conversam sobre o conceito de interseccionalidade e exemplificam relações onde é necessário a aplicabilidade do conceito. O que chama atenção nesse programa é o seu nome, que demonstra a intenção de oferecer uma formação política que reverbere nas eleições. O programa *Pretitude Podcast - Podcast voltado para a história dos pretos e pretas*, produzido por Silvio José de Mello Neto, objetiva contar a história dos pretos e das pretas e, em seu primeiro e único episódio, o graduando em história conta a história de Lélia Gonzalez. Rodison Roberto Santos, pós-doutor em filosofia, é produtor de um podcast chamado *Livros e Leituras* e, em um episódio o foco é a filósofa Angela Davis, que ele considera como *filósofa da interseccionalidade*. Os 4 homens aqui citados, são homens negros.

Com relação a raça das/dos participantes, sendo entrevistadas/os ou produtoras/es, tivemos a presença de 68 mulheres negras. Em 23 episódios, algumas intelectuais participaram em mais de uma ocasião, como é o caso da professora Dra Núbia Moreira. Ela é entrevistada no episódio *Conversas camaradas #01: Patricia Hill Collins e a interseccionalidade como teoria social crítica* do podcast Rádio Boitempo e no episódio *Lado Black #109 - Interseccionalidade, com Núbia Regina Moreira* do programa *Lado Black - Somos um pontinho preto na podosfera brasileira*.

Outra intelectual e pesquisadora negra que aparece em mais de um episódio é a professora Dra Flavia Rios, ela participa de 4 episódios, todos após o lançamento do livro *Por um Feminismo Afro-latino-americano*, da editora Zahar, onde Flávia é organizadora, juntamente com Marcia Lima dos escritos de Lélia Gonzalez. Flávia é convidada para um episódio com o título *Entenda a originalidade*

³⁶ Saiba mais em: <https://ims.com.br/2023/10/23/januario-garcia-fotografo-e-ativista/>

de *Lélia Gonzalez*, expoente do feminismo negro no programa da Folha de São Paulo, chamado *Ilustríssima Conversa*. Os outros episódios são: #128 - *Uma homenagem a Lélia Gonzalez*, por Januário Garcia, Zezé Motta, Flavia Rios e Márcia Lima do programa Rádio Companhia - O podcast que respeita a sua inteligência – e alimenta o seu amor pelos livros; *Lélia Gonzalez* do programa Rádio UFRJ - Mulheres Intelectuais de ontem e hoje; 36 - *Você conhece Lélia Gonzalez?* do programa Em Movimento - Podcast semanal sobre política e cultura através de uma perspectiva crítica, marxista e revolucionária; e no episódio *Lélia Gonzalez: uma mulher de movimento*, do programa Conversa de Portão, sendo este último, uma entrevista compartilhada com a Dra Raquel Barreto.

Além deste episódio, a doutora Raquel participou de outros 3 podcasts, sendo eles *Livro sobre Lélia Gonzalez é lançado*, do programa CBN Entrevistas; *Raquel Barreto: Lélia Gonzalez captou resistência de negros em festas populares*, do *Ilustríssima Conversa* - Folha de S.Paulo e no episódio *Dia Internacional das Mulheres: Vamos celebrar Lélia Gonzalez*, do programa Mulheres de Palavra (Rádio Câmara - Câmara dos deputados) - Programa voltado para as questões de gênero. Raquel Barreto foi a primeira pesquisadora a realizar uma dissertação de mestrado relacionando os pensamentos de Angela Davis e Lélia Gonzalez, o seu trabalho, com o título *Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: Narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez* (2005). Seu estudo e sua atuação intelectual e ativista são referências para o pensamento feminista negro.

A professora Dra Sueli Carneiro participa de 5 episódios, todos contendo o seu nome na descrição e que visam debater sobre a vida e a obra da autora. Carneiro é a única mulher negra que tem a sua teoria como foco da busca e que participa dos podcasts aqui estudados. A dra é entrevistada no episódio *Sueli Carneiro* do programa Mano a Mano - Salve, rapa! Salve, massa!, comandado pelo Mano Brown, Doutor Honoris Causa e um dos principais nomes do rap brasileiro. No programa *Ilustríssima Conversa* (Folha de S.Paulo), Carneiro é convidada em 2019 para debater sobre o feminismo e mulheres negras no episódio com o título de *Não dá para falar de feminismo sem a mulher negra, diz Sueli Carneiro*. Em janeiro de 2021, Sueli é entrevistada pelo programa Pessoas: Vidas Negras - é um podcast de histórias de vida reais, em março do mesmo ano, através do programa Único, a autora gravou o episódio #35 *Os caminhos para a equidade racial no Brasil*, com Cida Bento e Sueli Carneiro, ao lado de Vitor Macabu, advogado, Patrícia Soares,

pós-graduada e da Dra e autora do livro Pacto da Branquitude, Cida Bento. Todos os convidados deste episódio são pessoas negras e, seu produtor, Roberto Quiroga, é um homem branco. A quinta aparição de Sueli foi no episódio *Rádio Cidadania - Episódio 22 - Sueli Carneiro (Geledés Instituto da Mulher Negra)* do programa Rádio Cidadania - é um podcast da Universidade da Cidadania da UFRJ, vinculada ao fórum da cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (pág 50).

No que tange a classificação racial, os dados foram coletados a partir da autoidentificação dos participantes e de fotos disponibilizadas no card do episódio, e aos participantes que não tocaram exclusivamente nessa questão, foi realizado uma pesquisa com o nome, sobrenome e outras informações disponíveis que facilitaram a busca, os principais canais de pesquisa foram o Lattes e o LinkedIn, porque as pessoas costumam disponibilizar fotos em seus perfis desses sites. Os casos registrados no anexo I como *sem informações raciais* foram os que não existem fotos das pessoas na internet ou que não foi possível concluir a sua identidade racial sem uma conversa com a pessoa.

Dessa maneira, chegamos ao número de 70 mulheres negras, entre produtoras e entrevistadas, 39 são mulheres brancas e a Dra Julia Abdala aparece em 2 episódios, sendo eles *Episode 320: Pensamento Decolonial com Julia Abdalla (Lélia Gonzalez)*, do programa Quem somos nós? - um bate-papo com diferentes olhares sobre as questões humanas e no episódio *Julia Abdala - Pensamento decolonial: Feminismo negro e Lélia Gonzalez #ORPCAST16*, do programa O reino em pessoa ORPCAST - Esse é o Podcast do Reino em Pessoa.

No universo de homens, foram 9 homens brancos e 14 homens negros, nenhum homem participou em mais de um episódio. Em 9 episódios, 25 pessoas não foi possível aplicar a informação sobre a raça dos participantes. Fechamos o número de 157 pessoas entre produtoras e entrevistadas e dessa maneira, 44,59% são mulheres negras; 24,84% mulheres brancas; 8,92% homens negros; 5,73% homens brancos e 15,92% não identificados.

Com relação ao nível de escolaridade no momento da gravação do episódio, 4 pessoas estavam cursando o ensino médio, 42 pessoas eram graduandas e 27 graduadas das mais diversas áreas; 3 eram pós-graduadas/especialistas; 6 eram mestrandas e 11 mestres; 11 mulheres eram doutorandas, homens não estavam no estágio de doutoramento; 23 eram doutoras; 5 homens eram doutores; contamos

com 2 pós-doutores e 2 pós-doutoras. Não foi possível identificar o nível de escolaridade de 21 pessoas.

Da amostra selecionada, os dados sobre a formação acadêmica são os seguintes: 26,75% estavam cursando o ensino superior; 17,20% são graduados, 14,65% são doutoras; 13,38% não foram identificados; 7,01% são mestres; 7,01% são doutorandas; 3,82% são mestrandas; 3,18% são doutores; 2,55% são estudantes do Ensino médio; 1,91% Pós-graduados/especialistas; 1,27% são pós-doutoras e; 1,27% são pós-doutores. Dessa maneira, 84,07% dos participantes estão, no mínimo, cursando o ensino superior e, 40,12% das pessoas estão cursando, no mínimo, a pós-graduação.

Sobre a atuação profissional dos participantes, surgiram algumas profissões como advogadas/os, psicólogas/os, nutricionistas, entretanto, a maioria das pessoas que falaram sobre a sua profissão, são professoras/es. Entre professoras/es da educação básica e do ensino superior, tivemos o número de 30 pessoas que se identificaram como educadores. Uma das hipóteses desta dissertação esteve baseada na construção desses episódios como uma espécie de divulgação científica de temas do feminismo negro, e a presença dessas/desses profissionais da educação colabora para essa argumentação. A presença de intelectuais, pesquisadores, ativistas e professores engrossa a minha hipótese de que a internet e, nesse caso, o podcast são ferramentas para a propagação dos conhecimentos que influenciam na formação crítica e política do sujeito. A autoria de programas e/ou a participação em podcasts que incentivem essa reflexão tende a contribuir para a formação política.

Tivemos a presença de 88 programas, desses, 7 programas surgem 2 vezes na pesquisa, sendo ele: Feminismo e Marxismo; Práxis preta; Conversa de Portão; Rádio UFRJ; Letras Pretas; Rádio UERJ e Rádio PT. O programa Ilustríssima Conversa (Folha de S.Paulo) é o único que publica 3 episódios com as temáticas pesquisadas. Os dados sobre os programas foram, para uma melhor estruturação de análise, selecionados a partir da criação de classificações.

Na primeira categoria selecionada estão os programas que são frutos de projetos de extensão, projetos da universidade ou pesquisas acadêmicas, foram somados 18 programas, a exemplo do programa Museológicas Podcast, que é um programa de extensão produzido por professores e estudantes da UFPE e, em 2023, ganhou o prêmio ANPOCS de Divulgação Científica.

O *LetrasPretas*³⁷ é um produto do projeto de extensão com coordenação do professor Dr Henrique Marques Samyn, que também é o seu idealizador; o *História Presente*³⁸ é uma criação do Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino em História com coordenação da *Profa. Dra. Edna Maria dos Santos*, ambos os projetos estão localizados na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

Outros 3 programas, por sua vez, partem de iniciativas da UFRJ, sendo eles a *Rádio UFRJ*, que objetiva fornecer o protagonismo de mulheres intelectuais e se apresenta como “um programa que aposta na construção de uma cultura e uma tradição que valoriza o trabalho intelectual de mulheres.” O desenvolvimento do programa é realizado pelo Grupo de Pesquisa Decolonial Carolina Maria de Jesus, da UFRJ, e pelo Grupo de Estudos em Reflexão Moral Interdisciplinar e Narratividade (Germina), da UFSC. Já o *ECOcast*³⁹ | *UFRJ* se apresenta como “é um projeto experimental da Escola de Comunicação da UFRJ”, e a coordenação do programa funciona como uma espécie de revezamento, sendo assim, a cada semestre letivo, uma/um professora/or é responsável pelo andamento do projeto. A *Rádio Cidadania* possui um vínculo com o fórum de cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo um é um podcast da Universidade da Cidadania da UFRJ.

Outro projeto sediado em uma universidade do Rio de Janeiro é o PodScience⁴⁰, com a apresentação da seguinte maneira: “Amigos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) que resolveram se juntar para fazer divulgação científica.” Esse programa é fruto de uma iniciativa criada a partir do meio acadêmico e por isso está nessa categoria. O programa encerrou as suas atividades em setembro de 2020.

A UFRJ e a UERJ são as únicas universidades que possuem 2 ou mais programas nessa busca, as outras universidades tiveram uma aparição única. Como é o caso dos podcasts: Podcast da Enciclopédia mulheres na filosofia, hospedado pela plataforma de blogs científicos da UNICAMP; Lugar de Fala, da Univates que é produzido e foi idealizado pela graduanda em jornalismo Júlia Amaral e faz parte do projeto A.Woman Art; Una-se por Elas que é fruto do projeto de extensão "Una-se por Elas" da UNA/Catalão; Pílulas FEminlStAS que é uma série de podcasts

³⁷ Saiba mais em:

<https://letraspretas.com/sobre/?blogid=134830824&blogsub=confirming#subscribe-blog>

³⁸ Saiba mais em: <https://lppe.uerj.br/>

³⁹ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0RgmdrZpnebKATfJqDZFDT>

⁴⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/podscience/>

produzidos pelo NINFEIAS - Núcleo de INvestigações FEminlStAS do PPGAC da UFOP; Senta Que Lá Vem História! Um podcast de História vinculado ao projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba, com orientação da profa. Dra Priscilla Gontijo; A Rádio UEG Educativa, da Universidade de Goiás, produz o programa chamado De Gregas a Goianas, que conta a história de mulheres inventoras que marcaram a história e, o Cidades de Fato - Rádio UFTFM 96.9/Palmas/TO, da Universidade Federal do Tocantins coordenado pelo professor Dr Bazzoli.

O *Dialogando Memórias* é fruto de uma pesquisa científica realizada pelo IFSP que objetiva contribuir para a construção do entendimento do feminismo negro a partir de 3 intelectuais negras: Angela Davis, Grada Kilomba e Lélia Gonzalez; O programa Afrodiáspora expressa o seu intuito em ser um facilitador das temáticas raciais na internet, incluindo conteúdos sobre a cultura africana e afro-brasileira. A Afrodiáspora enquanto podcast é formada a partir de um programa de extensão/Neab situado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) que existe desde 2011, coordenado pela professora Dra Inês Freitas. Outro programa semelhante a este é o Corpo, Discurso e Território, que apresenta como uma maneira de produção e compartilhamento de conteúdos, com coordenação de Gabriela Leandro, uma mulher negra e o Grupo de estudos Corpo, Discurso e Território da Faculdade de Arquitetura da UFBA. O Parabolica Bahia que se apresenta como um podcast de pesquisadores na área de História e busca promover uma divulgação científica, música, boas histórias e interlocução com pesquisadoras(es) baianas(os). Dessa categoria, um podcast é produzido por alunos do ensino médio da Escola Estadual Nercy Martelini Amélia Daher, cujo o nome é Discursividades Femininas: valorização de figuras marcantes, onde objetivam valorizar personalidades femininas ao contar suas trajetórias biográficas e conquistas.

Outra categoria presente neste estudo foram os programas pertencentes a rádios. Foi encontrado 15 programas participantes que são uma rádio, seja uma web rádio ou não. 5 programas compõem duas categorias: Rádio UFRJ, Rádio Cidadania, Rádio Educativa UEG; Cidades de Fato - Rádio UFTFM 96.9/Palmas/TO que fazem parte de uma universidade, contando com o trabalho de bolsistas e pesquisadores e são apresentadas como rádios e Lugar de Fala - é um quadro que faz parte da programação da Rádio Univates Fm, 95,1.

O programa Mulheres de Palavra, produzido pela Rádio Câmara da Câmara dos deputados é voltado para questionar as relações de gênero dentro da sociedade brasileira; O programa TV Elas por Elas é produzido pela Rádio PT e objetiva colocar em pauta as desigualdades enfrentadas pelas mulheres no mundo, com o foco na preparação e formação das mulheres para a disputa política. A preparação de mulheres para o processo eleitoral surge como uma missão a ser cumprida, buscando abranger as complexidades presentes. Nos 2 episódios produzidos pela Rádio PT e aqui estudados, são aulas ministradas por Isadora Brandão, professora e doutoranda em Direito e a conversa gira em torno dos conceitos de interseccionalidade e feminismo negro.

O programa da Rádio Boitempo se apresenta como um “Um podcast para todas as esquerdas”. Dentro do mercado editorial, a Boitempo pode ser considerada uma das maiores editoras do Brasil, e nesse episódio, a editora convida a pesquisadora, professora Dra Núbia Moreira e o professor Dr Thiago Amparo para um diálogo nomeado como “*Conversas camaradas #01: Patricia Hill Collins e a interseccionalidade como teoria social crítica*”. Esse episódio vai ao ar em junho de 2022, 3 meses após o lançamento do livro de Patricia Hill Collins e Elaini Cristina Gonzaga da Silva, intitulado como Bem mais que ideias: A interseccionalidade como teoria social crítica. A editora Boitempo aparece em outros dois episódios, em um diretamente, que é no programa Lado Black e indiretamente, Ilustríssima Conversa da Folha de S.Paulo.

Com o título do episódio *Lado Black #109 - Interseccionalidade com Nubia Regina Moreira*, os produtores do programa Lado Black conduzem a conversa para o aprofundamento das teorias presentes no livro Bem mais que ideias de Collins e lançado pela Boitempo. Durante o episódio, a produtora Paula Fheper expõe que esse episódio é fruto de uma publicidade com a editora, que será lançado, esse episódio é de 2021 e o livro foi lançado em 2022. A produtora oferece o curso chamado Um Feminismo para os 99%, fruto de um livro com o mesmo nome cujas autoras são Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser.

No programa Ilustríssima Conversa (Folha de S.Paulo), a presença da Boitempo se coloca, segundo a minha avaliação, contrário ao exemplo anterior. No episódio chamado *Raquel Barreto: Lélia Gonzalez captou resistência de negros em festas populares*, a equipe conversa com a Dr Raquel Barreto, estudiosa especializada no trabalho das autoras Lelia Gonzalez e Angela Davis, sobre o livro

Festas Populares, republicado pela Editora Boitempo, onde Raquel assina o prefácio do livro. Este episódio foi ao ar no mesmo mês em que o livro foi lançado. A presença da Boitempo em episódios com o tema do feminismo negro é uma maneira de divulgação, mas ao contrário de outros que prezam a divulgação científica, nessa situação, é uma divulgação de livros produzidos pela editora, que ao serem vendidos, são revertidos em lucros para a empresa. Logo, o interesse pela temática surge como interesse mercadológico, como uma estratégia de marketing. Conceição Evaristo debate sobre essa mudança no mercado:

Creio que a primeira mudança no mercado editorial foi ter descoberto que tem um público negro leitor. E o grande momento da descoberta desse público negro foi a Flip. Primeiro, houve aquela polêmica a partir do manifesto liderado por Giovana Xavier. Naquele ano, nós estávamos em Paraty, Ana Maria Gonçalves, Roberta Estrela D'alva, outras escritoras negras e eu. Fomos muito procuradas para dar entrevista e registrar nosso descontentamento. No outro ano, a curadora da Flip foi Josélia Aguiar, a quem eu chamo de “mulher coragem”. Ela mudou a face da Flip. A presença nas mesas oficiais de escritoras negras e escritores negros tornou a Flip um evento mais democrático. Aquela Flip se tornou histórica. Nesse momento, o mercado livreiro descobriu que há um público negro que lê e que há um público, não somente negro, que lê autoria negra. Eu acho que essa foi a grande descoberta. Isso é um aspecto. Outro aspecto, eu acho que cada vez mais a sociedade brasileira tem estado disposta a pôr o dedo na ferida e discutir determinadas questões. E uma delas é a questão racial. A sociedade brasileira descobriu também que a questão racial não é uma discussão só para negros. Não somos nós que temos de buscar as soluções, pelo contrário. É como se quisesse que o pobre, que o sujeito empobrecido, resolvesse sozinho a questão da pobreza. Acho que hoje, ou melhor, nos últimos anos, a sociedade brasileira está sendo menos hipócrita, ao se tratar de racismo. Hoje, temos uma editora de grande porte publicando Osvaldo de Camargo, Carlos Assunção e, agora, está preparando a publicação da obra de Carolina Maria de Jesus. O que quero enfatizar é o seguinte: se grandes editoras e mesmo as de médio porte pretendem abarcar a diversidade do público leitor, essas editoras precisam urgentemente diversificar o rol de escritoras e escritores oferecido ao público. Além de demonstrar o vasto terreno da Literatura Brasileira, para as editoras também parece ser vantajoso, considerando a demanda de mercado: um público de novos leitores vem buscando literaturas de autoria de mulheres e homens negros, indígenas. O mesmo interesse se observa sobre a literatura de temática

homoafetiva, em que a autora ficcionaliza, muitas vezes, a sua própria experiência. Agradecemos a publicação de nossos e de nossa veterana. O passo inicial foi dado, outras editoras poderão se interessar também na tentativa de recuperar o tempo em que a autoria negra tinha pouquíssima possibilidade de publicação. Chegou o nosso bom momento, achamos ótimo. Carlos Assunção está com 93 anos e Osvaldo de Camargo é um homem que deve ter passado um pouco dos 80; foi um período de longa espera. Quanto à publicação da obra de Carolina Maria de Jesus, a filha dela, Vera Eunice, Fernanda Felisberto, Fernanda Miranda, Amanda Crispim, Rafaella Hernandez e eu fazemos parte do Conselho Editorial. Nós vamos trabalhar com afinco e fazer tudo para que Carolina possa ser colocada no espaço que é dela na Literatura Brasileira. (EVARISTO, 2020, p. 46)

O interesse da indústria editorial em literatura negra foi encontrado nesta pesquisa, a partir desses episódios citados anteriormente, e da presença do programa Rádio Companhia, o podcast da editora Companhia das Letras, que no episódio #128 - *Uma homenagem a Lélia Gonzalez, por Januário Garcia, Zezé Motta, Flavia Rios e Márcia Lima*, acionando intelectuais de peso para o movimento negro, buscou dialogar sobre a memória da autora e divulgar seu pensamento, resultando na divulgação de seu livro.

Os outros programas que possuem o termo 'rádio' em seu nome são: CBN Entrevistas - Ouça as principais entrevistas que foram ao ar na programação da Rádio Que Toca Notícia; Web Rádio Griot - Programas da Web Rádio Griot, a Rádio do povo preto, como eles mesmo se identificam; O Conversa de Portão é um programa semanal produzido pelo Nós, mulheres da periferia⁴¹, que é um coletivo de jornalistas e o podcast é feito em parceria com UOL Plural e o programa chamado RádioM, produzido igualmente por mulheres.

61 programas são categorizados como iniciativas livres, ou seja, não foram guiados por um elo acadêmico ou através de uma rádio, eles surgem a partir de demandas pessoais ou coletivas de específicos grupos e se organizam a partir desse interesse. O único episódio que possui o termo *pensamento feminista negro* foi produzido pelo programa Metodologia Científica, idealizado pela Doutoranda Sulamita Rosa, que buscava discutir sobre metodologias científicas e ferramentas utilizadas no universo acadêmico; O programa Olhar à Veras Podcast, idealizado

⁴¹ Saiba mais em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/>

pela Manoela Veras, mestranda em história para democratizar o conhecimento sobre História das mulheres, teoria feminista, estudos étnico-raciais e feminismo de maneira embasada, ética e respeitosa; História Pirata que é produzido por 2 historiadores visando a popularização de temas históricos e análises de conjunturas; Interseccionalidade Mulheres Negras, produzido por Ayla Miranda que pretende compreender e divulgar visões sobre as peculiaridades das necessidades das mulheres negras; Lado Black que se apresentam como ‘um pontinho preto na podosfera brasileira’; Encruzilhadas de Resistências - Esse podcast se propõe apresentar trajetórias de mulheres negras que se entrecruzam na história;

Sociologia PodCast produzido por Matheus Alcantara e Miriã Souza; Kula Social; Construção do coletivo; Hogarth BR Podcast; ErripêCast; Podcast: uma Ciência na rede; Filosofia de Boteco; Ecofeminismo: Mulheres e Natureza; Imobilismo e Fluxo Perpétuo; Manas na luta idealizado por Victória Gearini; Mulherão da Porra; Banco de Ideias, que é um programa organizado por um grupo de jovens que se conectaram em um intercâmbio de verão na Universidade de Yale; Introdução à - que objetiva contribuir para a formação política e social de indivíduos; Terceiro Mundo; Preta se ame; CRIANDO Prosa; Campo - um podcast de antropologia; Práxis preta é um programa feito por 3 assistentes sociais negras que pretende “denegrir o Serviço Social”; Quem somos nós?; Filosofia Pop - filosofia como parte da cultura, esse programa é o mais antigo da busca, com a data de lançamento em 02 de maio de 2015; Cidades Lacanianas - conversas psicanalistas; Apenas um Lacan Latino Americano; Hoje na Luta; Ponto G; Sociologia em podcast; Nada clara - Escureça suas ideias!; Justa Causa - Direito e arte. Informação e cultura; Pretitude Podcast (apesar de ter o mesmo nome que um grande portal de notícias negras, o programa não tem ligação com o canal); Podteste; AlternaCast convida Melina de Lima, neta de Lélia Gonzalez para desenvolver o episódio; DESCOMUNICANDO - Carnaval para a Negritude; Mais que a metade - As pessoas negras já são mais do que a metade da população brasileira;

Arroz, Feijão e Economia; Garagem - Uma igreja inclusiva, acolhedora e progressista!; O reino em pessoa ORPCAST - Esse é o Podcast do Reino em Pessoa, sendo esses 2 programas religiosos que nos episódios presentes nessa pesquisa discutem o pensamento de Lélia Gonzalez; ViniCast Brasil; Comunica O Quê?; Podcast: Filosofia & Sociologia; Mano a Mano; Dazumana: ciência sem jaleco; Pílula de esquerda Capixaba; Único; Janaina Bezerra conta histórias .

Uma semelhança encontrada nesta categoria foi a presença de programas que são frutos de outros projetos maiores, utilizados com uma ferramenta para a divulgação de ideias e conceitos a partir do meio de comunicação de podcasts. Os programas que apresentam essa ideia são: Podcast Marias é fruto do Projeto Marias que atua na tipificação de violências sofridas pelas mulheres, objetivando promover conscientização, assistência e acolhimento; Papo com Nísia é o podcast do Instituto Feminista Nísia Floresta, uma ONG de Santa Catarina que busca a promoção na da igualdade de gênero, cidadania e direitos das mulheres e debate esses temas em seu programa de podcast; HUMANAS pesquisadoras em rede, esse programma é fruto de uma iniciativa de pesquisadoras da área das Humanidades, que discutem temas, questões e problemas contemporâneos⁴²; Em Movimento - Podcast semanal sobre política e cultura através de uma perspectiva crítica, marxista e revolucionária. O podcast Em Movimento é uma iniciativa da Revista Movimento e do Movimento Esquerda Socialista; Pessoas: Vidas Negras - é um programa do Museu da Pessoa, que conta a história de vida reais através de seu acervo digital.

Foi encontrado a presença de programas oriundos de coletivos, como: PodPretas Paraíba, que teve início em março de 2022 a partir da da Coletiva de Mulheres negras na Paraíba - Abayomi⁴³ que foi fundada em 2016; Feminismo e Marxismo, que surge 2 vezes na pesquisa, se apresenta como uma iniciativa do Esquerda Diário e do grupo de mulheres Pão e Rosas que não necessariamente é um coletivo, mas contribui nessa especificação da categoria pois resulta de um movimento; GRIOT que é o podcast do ciclo de formação teórica do Coletivo Itéramãxe e tem como objetivo apoiar a formação das pessoas.

Dado o tamanho dessa categoria, outros pontos de convergência surgem entre os programas, sendo eles uma disponibilização de alimentar uma discussão específica e transpassar assuntos com os tratados em podcast, por exemplo, o Pluralize! é um podcast sobre diversidade e inclusão no mundo do trabalho, que tratando sobre o universo específico, é perpassado pela interseccionalidade e discutido no episódio aqui utilizado; Livros e Leituras que é produzido por Rodson, pós doutor em filosofia e que objetiva discutir sobre os livros e leituras que realiza; Construindo História - é o podcast do projeto Construindo Brinquedos e História 2.0

⁴² Saiba mais em: <https://hhmagazine.com.br/conheca-humanas-pesquisadoras-em-rede/>

⁴³ Saiba mais em: <https://www.abayomipb.com.br/quem-somos/>

que objetiva a contação de histórias de 20 figuras históricas femininas que foram apagadas pela história tradicional. Esse projeto foi contemplado e financiado com recursos do Edital N°10/2020, da Lei Federal 14.017/2020, Lei Aldir Blanc, em Gravataí/RS, através da secretaria de cultura esporte e lazer do município, e ele é o único de contação de histórias neste estudo.

As pessoas participantes, sejam convidadas ou produtoras, os episódios e os programas aqui pesquisados constroem um panorama heterogêneo para a análise, ao mesmo tempo que existem pontos de convergência entre os pesquisados. Apesar da minha intencionalidade em realizar entrevistas com as/os produtoras/es e participantes dos programas mapeados, não foi possível concretizar esse desejo, tendo em vista o tempo para a produção da dissertação, entretanto, pretendo desenvolver essa ação durante a minha tese.

3. Análise dos podcasts

No processo de construção dessa pesquisa, diversas hipóteses pipocaram em minha concepção, apurando a minha visão para o micro entendimento do universo pesquisado. Com o número de 96 episódios e a presença de 89 programas, as análises não podem ser genéricas, tampouco extremamente individualizadas, visando não comprometer a complexidade do campo. Durante este capítulo, foi objetivado articular narrativas e posicionamentos das participantes com a literatura estudada, com o desafio de captar os temas trabalhados pelas/os participantes dos podcasts. Dessa maneira, utilizarei as falas disponíveis na plataforma do *Spotify*, sem a realização de uma entrevista individual e privada.

Com um domínio no protagonismo dentro do universo pesquisado, a presença de mulheres negras em 44,59% dos participantes dialoga com a ideia de que, as maiores divulgadoras do pensamento feminista negro são as próprias feministas negras. Dessa forma, as principais falas aqui consideradas serão de mulheres negras, com o objetivo de examinar quais as narrativas essas mulheres constituem ao gravarem um áudio com a intenção de publicizar isso na internet.

O ponto de análise a ser focado nesse capítulo caminha em torno das maneiras em que os assuntos do feminismo negro percorrem pela arena dos podcasts. A participação de intelectuais conhecidas no âmbito do feminismo negro brasileiro, como Sueli Carneiro, Raquel Barreto, Flavia Rios, Nubia Moreira, Marcia

Lima e a participação de outras intelectuais negras que realizam trabalhos em outras frentes de atuação. A disponibilização de episódios que discutem esses assuntos pode ser vista como um resultado de ações do ciberativismo, na busca pela popularização desses temas. A presença do ciberativismo de mulheres negras, definido e explicado no capítulo II, tende a conversar com essa movimentação, iniciando com a presença da autora Sueli Carneiro em episódios que carregam seu nome.

No episódio do programa *Mano a Mano*⁴⁴, Carneiro relata momentos de sua trajetória pessoal, profissional e acadêmica. Em um pouco mais de 2 horas de conversa, os temas foram desenvolvidos, seja por perguntas realizadas pelo Mano Brown, seja por livre demanda da convidada. Quando o assunto se torna o Geledés, organização na qual Sueli é uma das idealizadoras e diretora, o produtor relembra como a instituição foi importante em sua formação política e teve a mesma importância para a formação do movimento do Hip Hop Brasileiro e consequentemente, na construção do Racionais MC's⁴⁵. Petrônio Domingues, em 2007, discorre sobre a importância do movimento do hip hop no início do século XXI:

Trata-se de um movimento cultural inovador, o qual vem adquirindo uma crescente dimensão nacional; é um movimento popular, que fala a linguagem da periferia, rompendo com o discurso vanguardista das entidades negras tradicionais. Além disso, o hip-hop expressa a rebeldia da juventude afro-descendente, tendendo a modificar o perfil dos ativistas do movimento negro; seus adeptos procuram resgatar a auto-estima do negro, com campanhas do tipo: Negro Sim!, Negro 100%, bem como difundem o estilo sonoro rap, música cujas letras de protesto combinam denúncia racial e social, costurando, assim, a aliança do protagonismo negro com outros setores marginalizados da sociedade. E para se diferenciar do movimento negro tradicional, seus adeptos estão, cada vez mais, substituindo o uso do termo negro pelo preto. (DOMINGUES, 2007, p. 120)

Dando importância ao pensamento de Petrônio, em conjunto com as bibliografias trabalhadas, o assunto tratado no episódio com os doutores Mano

⁴⁴ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCP>

⁴⁵ Os Racionais MC 's, grupo formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay, emergiram nos anos 1980 como uma das vozes mais potentes das periferias brasileiras, utilizando o rap como ferramenta de denúncia social e conscientização. Com letras marcadas pela crítica à desigualdade, à violência policial e às condições de vida da população negra e pobre, o grupo foi fundamental para a consolidação do rap nacional, inaugurando uma nova fase do gênero no Brasil ao ampliar seu alcance e legitimá-lo como expressão de resistência e identidade cultural.

Brown e Sueli Carneiro, é revestido em uma formação política que perpassa um momento temporal, ou seja, as reflexões adquiridas através do contato com o Geledés resultam em outras maneiras de difusão dos conteúdos e da estrutura de pensamento ensinadas em um espaço controlado. As reflexões seguem e Sueli define o que ela considera racismo, ordem social competitiva e cita exemplos práticos de como a sociedade brasileira se organiza objetivando realizar uma manutenção do negro em situação de vulnerabilidade social, econômica e emocional.

Sueli participa de outros 4 episódios, sendo um deles nomeado como *Não dá para falar de feminismo sem a mulher negra*, diz Sueli Carneiro do Ilustríssima Conversa (Folha de S.Paulo). Em pouco mais de 40 minutos, a autora realiza uma espécie de análise de conjuntura, utilizando seus próprios argumentos presentes em sua bibliografia e examinando dados atualizados sobre a vida de mulheres negras. Seleciono este episódio pela discussão acerca de conceitos acadêmicos que são facilitados pela autora, munido de uma didática e leveza que permitem a compreensão sem a perda da complexidade do assunto. Carneiro explica o que ela considera asfixia social em seu livro *Escritos de uma vida* (2018) e o que Patricia Hill Collins define como imagens de controle. Com o andamento do episódio, a autora explica outros conceitos essenciais de sua obra, como o que é o feminismo negro e de que maneira ele se organiza.

“Isso que se chama hoje de feminismo negro é algo que emerge da incapacidade tanto do movimento feminista tradicional de liderança de mulheres brancas, como o movimento negro tradicional de liderança masculina e negra, esses dois movimentos em diferentes momentos se mostraram incapazes de reconhecer a problemática das mulheres negras na proporção e magnitude que nós entendemos que ela deveria merecer no âmbito desses dois movimentos sociais. Isso impôs às mulheres negras a necessidade de construir formas autônomas, independentes de organização política que pudessem dar voz a essa temática obscurecida nesses dois movimentos sociais. Geledés é um pouco expressão dessa urgência de necessidade de afirmação das mulheres negras como demandadores de credoras sociais, demandadores de políticas públicas específicas que pudessem assegurar que as conquistas coletivamente gestadas pelo movimento negro e pelo movimento feminista pudessem alcançar também as mulheres negras porque na realidade, o racismo sempre permite que as mulheres brancas sejam beneficiárias principais de uma luta coletiva por emancipação das mulheres, que é travada por negras e brancas no Brasil. E o sexismo também permite que uma luta coletiva travada por homens e mulheres negras, as conquistas possam vir a ser apropriadas preferencialmente por homens negros. Ou seja, se as mulheres

negras não se tornam protagonistas, elas não têm como assegurar serem beneficiadas também por esses processos coletivos. Então, é por isso que surgiram organizações de mulheres negras em nível nacional no Brasil. O Geledés felizmente inspirou a emergência de várias outras e eu acho que um dos resultados mais importantes da nossa trajetória é ter inspirado a emergência de muitas outras organizações de mulheres negras com essa vocação política, com esse protagonismo, com esse nível de exigência em prol das mulheres negras. E sem dúvidas, eu acho que nesses 30 anos de luta, nós somos (Geledés) produto do processo de redemocratização do Brasil, e nessas 3 décadas sem dúvidas as mulheres negras construíram um caminho em que o feminismo hoje passa, necessariamente, pelo debate sobre a questão das mulheres negras no Brasil. É impossível tratar desse tema do desafio à emancipação das mulheres sem tratar da temática das mulheres negras. Acho que as mulheres negras, por força da exclusão que sofrem, são lideranças do feminismo brasileiro hoje, até porque somos o segmento que mais temos a cobrar.” (Sueli Carneiro em Não dá para falar de feminismo sem a mulher negra, diz Sueli Carneiro, 2019.)

Nesse trecho, a autora explica, de maneira breve, a dinâmica da participação de mulheres negras em outros movimentos e a principal motivação do feminismo negro brasileiro. Sueli menciona o Geledés, destacando a sua importância na formação e vocação política de diversas mulheres negras ao longo de sua existência. A mesma informação, presente na bibliografia utilizada nesta dissertação, pode ser encontrada na fala da participante em um áudio disponibilizado na internet. Embora apresentada de maneiras distintas, a importância do Geledés para a formação de pessoas negras é reiterada em diferentes programas de podcast, como nos episódios do *Mano a Mano* e do *Ilustríssima Folha*, alcançando múltiplas audiências⁴⁶ e reforçando sua relevância no debate público.

No episódio *Sueli Carneiro e o Dispositivo de Racialidade - Revisão de Literatura (feat Rosana Castro) #18*, pós-doutora Rosana Castro chama atenção para o “contato tardio” que teve no acesso a literatura do feminismo negro. A seguir, apresento uma pequena transcrição de sua fala no episódio:

Que ideia fantástica a gente poder falar sobre algumas referências que inspiram e que são aportes teóricos e metodológicos muitas vezes para os nossos trabalhos. Então, eu estou muito feliz de estar aqui e pra falar do trabalho de Sueli. Eu conheci o trabalho da Sueli, já tinha ouvido falar da Sueli Carneiro nos espaços de militância antirracistas sobretudo dentro da universidade, mas eu só vim a ler o trabalho da Sueli Carneiro no finalzinho do meu doutorado, então eu

⁴⁶ Não foi possível acessar métricas ou dados sobre a audiência dos podcasts que pudessem contribuir para este estudo, esses recursos são disponibilizados através do site/aplicativo chamado *Spotify for creators*, entretanto, somente os criadores acessam esses dados. Plataforma disponível em: <https://creators.spotify.com/>

acho um conhecimento extremamente tardio do trabalho dela, e conheci porque eu fui fazer uma disciplina com o professor Wanderson Flor do Nascimento, professor do departamento de filosofia, que é um cara que tem um peso muito importante na minha formação, e ele fez um curso sobre Racismo, Epistemicídio e Necropolítica, onde a gente leu o trabalho da Sueli Carneiro, essa tese, e o trabalho do Achille Mbembe que é um autor muito importante hoje em dia pelo conceito de Necropolítica - imagino que muitos conheçam, hoje em dia sobretudo por conta do contexto da pandemia e, quando eu conheci esse texto foi um impacto muito grande porque acho que a Sueli ela faz dois trabalhos teóricos muito importantes, o primeiro é o dialogar com os conceitos. (Rosana Castro em Sueli Carneiro e o Dispositivo de Racialidade - Revisão de Literatura (feat Rosana Castro) #18")

Nesse trecho, a participante reflete sobre a forma que acessou a bibliografia de Sueli Carneiro, através de um professor em uma disciplina específica, com a sensação de que esse contato foi tardio e, ao mesmo tempo, revolucionário. O ato de estar tratando sobre isso em podcasts aqui é interpretado como uma forma de romper com essa distância que, por vezes, existe dentro mesmo da academia, como Rosana destacou. Ao recuperar a noção de epistemicídio, conceito fundado por Sueli Carneiro e tratado no primeiro capítulo desta dissertação, se torna possível agregar ao debate levantado pela participante. Outra participante, Mariana Alves, doutoranda em educação, no programa *Podcast: uma Ciência na rede*, tem uma perspectiva semelhante a de Rosana, ao falar sobre a sua trajetória acadêmica e seu contato com a literatura feminista negra, que a própria considerava demorado. Ainda em sua fala, Mariana explica a sua estratégia para que essa corrente seja quebrada: ensinando sobre mulheres negras para seus alunos do ensino médio. No trecho a seguir, encontramos essas e outras percepções.

Bom, em relação a minha trajetória, eu sou formada em ciências sociais pela universidade federal de Uberlândia e mestre em sociologia pela Unesp. Atualmente eu estou no primeiro semestre do doutorado em educação também na Unesp e sou professora atuando na rede estadual de Minas Gerais desde 2019, no ensino médio e eventualmente na EJA. Sobre a influência do feminismo negro na minha vida e nas minhas vivências enquanto mulher negra, essas vivências a gente tem que encerrar desde muito cedo, né?

Desde criança, desde adolescente a gente encara essas vivências enquanto mulher e enquanto negra, mas a consciência crítica em relação aos atravessamentos que permeia a nossa vida vem depois, então muitas vezes essa consciência vem de forma tardia. O feminismo negro só entrou na minha vida, efetivamente, no fim da minha graduação.

Eu me matriculei em uma disciplina optativa que era sobre gênero como uma categoria de análise social e algumas das referências da disciplina eram de autoria de feministas negras, como a: bell hooks, a Kimberlé Creswall. E foi só a partir daí então que eu tive contato com a interseccionalidade de uma forma mais sistematizada. E aí, foi a partir de então também, lá com meus 23 anos, que eu me reconheci como uma jovem negra, como uma mulher negra, efetivamente. E aí eu passei a notar como todas as opressões que permeia a minha vida também são resultados das intersecções que é a raça, classe e o gênero produzem na realidade social. Então, a partir daí eu busquei me aprofundar em relação aos estudos sobre pensamento feminista negro, a interseccionalidade e nunca mais parei, praticamente.

E nesse momento de descoberta, vamos dizer assim, eu também passei a integrar um coletivo que na época era composto por mulheres negras tanto da universidade quanto da comunidade externa que se chamava Bonecas de pixel e, bom, mudei o tema da minha monografia, passei a estudar mulheres negras na mídia e até hoje eu sigo me aprofundar nessas áreas do feminismo negro, decolonial e todas as confluências que ele pode ter, inclusive a interseccionalidade. Então, feminismo negro ele influenciou na minha vivência enquanto mulher negra, sem dúvida, em uma perspectiva emancipadora, e foi a partir disso que eu criei uma consciência crítica em relação a nossa realidade e busco fazer com que a importância do feminismo negro seja percebida de uma forma menos tardia do que foi pra mim, para as minhas alunas, para os meus alunos também. (Mariana, Podcast: uma ciência)

O ponto de confluência entre a fala dessas participantes vai de encontro como que Manuela Veras, argumenta no episódio T4E9: *Feminismo Acadêmico e a Interseccionalidade* de seu programa chamado *Olhar à Veras Podcast*, que é pode ser questionável e a partir daí parte para uma discussão aprofundada sobre a ausência de mulheres negras e não brancas nas bibliografias exigidas nos cursos de graduação em diversas instituições de ensino superior pelo país. Ao longo do episódio, a mestrande analisa diversos dados, conceitos e referências bibliográficas para embasar seu argumento central, que gira em torno da problemática da presença de mulheres negras como cânones na lógica acadêmica. A discussão conduzida por Manuela se alinha a debates mais amplos no campo dos estudos feministas e da teoria da interseccionalidade, dialogando diretamente com outras produções acadêmicas e ativistas que buscam evidenciar e combater a exclusão sistemática de epistemologias negras. A seguir, seleciono uma pequena parte do episódio que estabelece conexões diretas com as reflexões de Rosana Castro realizada em outro episódio, de outro programa, ampliando o debate sobre as

barreiras enfrentadas por mulheres negras na construção, no reconhecimento de suas contribuições intelectuais e de que forma essa experiência é compartilhada por acadêmicas negras.

Hoje eu vim falar de um assunto que também é atravessado pela minha vivência, enquanto integrante de uma linha de pesquisa em estudo de gênero, que é a forma como a interseccionalidade não é colocada em prática, e também sobre como algumas teorias são o cavalo de Tróia, e teorias que são recorrentemente adotadas no âmbito do estudo de gênero, ou seja, parecem o superação da desconstrução, mas que, na verdade, possibilitam a ascensão do pensamento conservador utilizando diferentes vestes, mas que, no fundo, possuem a mesma essência. Então, antes de mais nada, eu acho importante ressaltar que eu não estou discutindo apenas uma questão da minha realidade, mas uma exclusão que é sistêmica, que está presente no estudo de gênero de maneira geral, e que é percebida em outras universidades e destacadas em alguns estudos, inclusive, nesse momento, eu estou escrevendo junto com uma das minhas companheiras de pesquisa maravilhosa sobre essa ausência das mulheres negras e mulheres não brancas, em geral, nas bibliografias que nós estamos utilizando recentemente, nas disciplinas.

Só Que em um mar de estudos passados, que tratam mulheres brancas como o principal sujeito de pesquisa, e que quando debatem mulheres negras, indígenas, lésbicas, enfim, apresentam análises limitadas, muitas vezes desumanizando essas mulheres, as mudanças são bem vindas e são necessárias. Nesse sentido, a entrada de mais mulheres na academia possui um papel fundamental, porque ela cria a tensionamentos e faz críticas à forma que o feminismo acadêmico sempre tratou essas mulheres, ou seja, quando falando delas, falando de maneira muito rasa, mas na maior parte do tempo excluindo essas mulheres na narrativa. Eu Acho que um exemplo muito comum que a gente observa em alguns livros do feminismo, que são livros considerados cano nisso da história das mulheres, e que quando a gente vai ver a divisão de capítulos tem vários temas que são bem passados, aí tem um capítulo sobre mulheres negras, um capítulo sobre mulheres indígenas, quando tem, mas enfim, é algo segregado da experiência histórica, da historicização das mulheres. Então, tem aqueles capítulos cronológicos que debatem a entrada da mulher no mercado de trabalho, a lei do divórcio, enfim, que seguem a cronologia das lutas e direitos das mulheres, e mulheres negras indígenas são tratadas como tópica parte, não como parte dessa construção.

E isso não é só na história das mulheres, né? Isso é na ciência como um todo, é uma problemática científica que se faz presente em muitos campos. Só que quando as feministas que não estão dentro dessa lógica hegemônica, e mulheres que estudam mulheres para ler feminismo entram na academia, muitas vezes fazem críticas e tensionamentos,

como eu mencionei, mas elas não são ouvidas, não são levadas em consideração. E eu acho importante a gente problematizar um pouquinho a ideia de interseccionalidade, porque, em geral, quando a gente pensa sobre interseccionalidade, utilizando uma conceituação bastante direta, objetiva e, possivelmente, que não é abrangido de maneira eficaz, tudo aquilo que a teoria coloca, mas a interseccionalidade é olhar para esses sujeitos que são atravessados por múltiplas opressões e não enxergá-los enquanto é uma soma das opressões, mas enxergar que a soma daquelas opressões faz uma violência nova. (Manuela Veras, *T4E9: Feminismo Acadêmico e a Interseccionalidade*)

Em seguida, Manuela aprofunda a discussão sobre o conceito de interseccionalidade, realçando a possibilidade de utilizá-lo como ferramenta analítica para a compreensão mais aprofundada e ampla acerca das opressões que atingem as mulheres negras. Kimberlé Crenshaw é considerada uma das primeiras autoras a conceituar interseccionalidade (2002) como um termo para tratar uma intersecção de opressões, a mesma cita que:

Utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o 'tráfego' que flui através dos cruzamentos. Esta se torna uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem simultaneamente de várias direções. Por vezes, os danos são causados quando o impacto vindo de uma direção lança vítimas no caminho de outro fluxo contrário; em outras situações os danos resultam de colisões simultâneas. Esses são os contextos em que os danos interseccionais ocorrem - as desvantagens interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo uma dimensão diferente do desempoderamento. (CRESWAL, 2002, p. 177)

A interseccionalidade como categoria analítica, de acordo com a proposta de Kimberlé, permite compreender a organização social de maneira piramidal, dentro

de uma pirâmide social a mulher negra está alocada na base da pirâmide. Partindo desse ponto, a abordagem interseccional permite analisar essas opressões tanto em sua dimensão estrutural quanto na experiência vívida, evidenciando como diferentes marcadores sociais, como raça, gênero e classe, operam simultaneamente na produção e reprodução das desigualdades.

Essa ferramenta analítica fornece uma maneira de pesquisa que articula diversas áreas para a realização de uma análise que rodeie o cerne da questão. A noção de uma sociedade que se organiza de maneira piramidal auxilia na compreensão das opressões vivenciadas por esse grupo de mulheres, de uma maneira a conversar com as bibliografias citadas anteriormente, no episódio *Saúde das mulheres negras e suas interseccionalidades*, a psicóloga Gioconda Souza discute a forma como as pessoas negras, em foco para mulheres, vivenciam o acesso à saúde. Gioconda debate sobre uma possível mudança na estrutura, a partir do momento em que outras mulheres negras e pessoas conscientes são as profissionais de saúde.

Quantas e quantos casos a gente ver que demanda um atendimento clínico, e aí eu tô falando realmente de uma outra classe profissional, que demanda um atendimento clínico, físico mesmo de toque e essas pessoas (negras) não são tocadas, elas não têm esse tipo de atendimento, existe um distanciamento entre a pessoa que atende para esse paciente, que chegam com essas queixas, e elas são apenas escutadas mas elas deveriam ser tocadas, deveriam ser cuidadosamente atendidas mas elas não são porque elas são negras. Então, são situações que a gente ainda vê porque a nossa população ainda precisa de bastante educação e letramento racial para desconstruir esses estereótipos.

Mas eu acho que a gente vem avançando muito nesse sentido, principalmente a partir dos agrupamentos, dos aquilombamento de mulheres, dos grupos de mulheres negras, a rede, enfim, como a Abayomi, e temos tantas outras e eu acho que essa é uma grande diferença que vem fazendo para a nossa população a forma de organização dessas mulheres negras que também promovem, para além da questão da subsistência, do apoio, de um cuidado, existe também esse cuidado com o letramento racial, e esse letramento racial não fica restrito a esse grupo, ele vai sendo também ampliado.

E isso é muito gratificante você perceber esse movimento e estender como a questão da educação ela faz diferença, para um cuidado, não só um cuidado que vem buscando os nossos direitos, o reconhecimento dos nossos direitos e a aplicação que vem pautando políticas públicas, mas também nesse sentido desse entendimento como pessoas negras

que vem buscando entender que no coletivo a gente consegue avançar mais, que no coletivo a gente consegue se apoiar mais, que a gente consegue se reconhecer melhor, e eu acho que essas gerações estão vindo com isso melhor estabelecido entre elas, entre pessoas negras. Coisa que a gente teve que ir aprendendo a fazer, a gente teve que ir avançando aos poucos, acho que a gente conseguiu dar alguns passos a mais e mais uma vez, eu acredito que esses avanços tenham vindo de mulheres negras. (Gioconda Souza, *Saúde das mulheres negras e suas interseccionalidades*)

A participante recupera a discussão de avanços adquiridos no percurso do movimento negro e do feminismo negro. No caso do trecho destacado, foi feita a exemplificação de como pessoas negras são tratadas de formas distintas durante sua passagem por locais hospitalares, chamando a atenção não é apenas para uma questão de desigualdade racial, mas também de gênero e de acesso a direitos básicos, demonstrando como essas camadas de opressão se sobrepõem, de acordo com o conceito de interseccionalidade.

Em seguida, de maneira a se contrapor a essa problemática, a participante destaca como a promoção do letramento racial, a construção de espaços de acolhimento e de fortalecimento, como coletivos de mulheres negras, e cita o Abayomi - coletivo organizador desse programa, auxiliando no enfrentamento a essa situação. O conceito de quilombamento⁴⁷ aparece como uma estratégia de organização política e social, na qual o conhecimento e a experiência são compartilhados para além do grupo, impactando a sociedade de forma mais ampla.

Em sua fala é possível identificar outros conceitos sociológicos e produzidos pelo movimento negro e pelo feminismo negro, como conceito básico do feminismo

⁴⁷ No livro *Quilombismo* (1980), Abdias do Nascimento conceitua o quilombamento como um processo de organização política e social fundamentado na resistência, autonomia e solidariedade entre sujeitos negros, inspirado na experiência histórica dos quilombos no Brasil. Para o autor, os quilombos não representam apenas uma forma de refúgio da população negra escravizada, mas especificamente um modelo alternativo de sociedade baseado na cooperação, na autossuficiência econômica e na valorização das identidades culturais afro-brasileiras. O quilombamento, portanto, extrapola a dimensão territorial e se estabelece como um princípio de organização coletiva, configurando-se como uma estratégia contínua de enfrentamento ao racismo estrutural e à marginalização da população negra. Nesse sentido, essa lógica de organização não apenas possibilita a construção de redes de apoio e fortalecimento comunitário, mas também atua como um mecanismo de produção e circulação de saberes que desafiam a hegemonia epistêmica eurocentrada. Assim, o quilombismo, enquanto paradigma político, reafirma a centralidade da cultura e da história negra na sociedade brasileira e propõe uma reestruturação das relações sociais a partir de valores ancestrais de coletividade, justiça e emancipação.

negro, a participante expoe como essa vivencia a construção de uma estrutura de apoio não se restringe apenas à subsistência, mas também à formação de consciência crítica e à concessão de direitos, ampliando o acesso à informação e fortalecendo pautas que resultam na criação de políticas públicas. E, na visão da participante, essa movimentação gera frutos e conscientização racial em outros indivíduos.

A utilização do ciberativismo por mulheres negras como ferramenta para a disseminação de seus conhecimentos representa uma estratégia fundamental de produção e circulação científica, conforme discutido no capítulo II. O elo entre as experiências subjetivas, o ativismo e a produção de conhecimento fortalece, além da projeção das vozes dessas mulheres e sujeitos subalternizados, e coloca ao centro o debate sobre as estruturas acadêmicas historicamente embranquecidas, objetivando uma espécie de rompimento para pensar a ciência a partir das produções de sujeitos antes marginalizados. Para Patrícia Hill Collins, o impacto do trabalho que a intersecção entre as categorias de gênero, raça e classe não apenas ressignifica o espaço acadêmico, mas também gera impactos que vão além dele, transformando a forma como o conhecimento é produzido e compartilhado na sociedade.

A interseccionalidade pode ser vista como uma forma de investigação crítica e de práxis, precisamente, porque tem sido forjada por ideias de políticas emancipatórias de fora das instituições sociais poderosas, assim como essas ideias têm sido retomadas por tais instituições. (COLLINS, 2017, p. 7)

Dessa maneira, as redes e os movimentos formados a partir de uma reivindicação, que por vezes são mobilizadas ao solicitar o fim do racismo, ou uma justiça social, atuam como uma agência perante esse poder que está acima delas. Collins (2017) retrata que “a ética está no cerne do feminismo negro, cuja razão de ser consiste em dismantelar as injustiças sociais de raça, classe, gênero e sexualidade, que produzem desigualdades sociais nas experiências das mulheres de cor.” (COLLINS, 2017, p.14) A forma como essa agência é manifestada varia dentro do feminismo negro de maneira plural, e a forma aqui analisada, caminha partir do momento em que essas mulheres negras, utilizam sua voz para expor suas vivências, demandas e seus conhecimentos em programas de podcasts.

Falar como um ato de resistência é bastante diferente de uma conversa corriqueira, ou da confissão pessoal que não tem nenhuma relação com alcançar consciência política, desenvolver consciência crítica. (hooks, 2019, p. 48)

A utilização da ferramenta de podcasts para expandir as vozes e suas produções acadêmicas contribui para o endossamento dessa pesquisa. A seleção dos termos utilizados para a realização da netnografia requer uma preparação e um estudo prévio que contemple a complexidade dos temas abordados. Em sua totalidade, os participantes dos episódios fazem referências a conceitos, autoras/es e obras, evidenciando um repertório teórico que fundamenta suas discussões. Sendo assim, o universo estudado vai de encontro com a citação de hooks, essa fala como resistência está articulada e objetivada em fornecer uma espécie de formação política e consciente para outros indivíduos.

Esse processo pode ser compreendido como uma prática educacional que se aproxima à tradição oral presente em grupos de mulheres negras ao longo da história. A oralidade, enquanto ferramenta de transmissão de saberes, assume um papel central na construção e disseminação do conhecimento, preservando experiências e fortalecendo laços comunitários. Patricia Hill Collins - entre outras teóricas, chamam atenção para a maneira como dentro do feminismo negro a sabedoria, que por vezes se é adquirida com a partir de sua vivência coletiva, individual e através dos estudos, se torna conhecimento transmitido a partir da oralidade que é essencial para a sobrevivência de mulheres negras.

Nos episódios analisados, a abordagem dos conceitos ocorre por meio de uma didática própria de quem comunica, permitindo que os ouvintes acessem e assimilem as informações de maneira acessível e contextualizada. Além disso, a linguagem se apresenta como um elemento estruturante da identidade, influenciando a forma como os sujeitos percebem a si mesmos e seu lugar no mundo. Dessa forma, a escolha das palavras, as referências mobilizadas e a construção discursiva adotada não apenas informam, mas também situam o indivíduo em um campo mais amplo de pertencimento e significado.

Para as mulheres negras, é raro que novas reivindicações de conhecimento sejam elaboradas de maneira isolada de outros indivíduos, e em geral são desenvolvidas em diálogos com outros membros da comunidade (...) Essa valorização da conexão e do uso do diálogo como critérios de

adequação metodológica tem raízes africanas. (COLLINS, 2019, p.416)

Collins continua analisando o impacto do dialogo na epistemologia do pensamento feminista negro, e inclusive, referencia o texto *Erguer a Voz de bell hooks* em alguns momentos de sua argumentação.

A centralidade das mulheres negras nas famílias, igrejas e outras organizações comunitarias proporciona um grande apoio as afro-americanas para invocar o diálogo como uma dimensão da epistemologia feminista negra. No entanto, quando nós, mulheres negras, usamos o diálogo na avaliação de reivindicações de conhecimento, podemos estar invocando modos de saber que as mulheres são mais propensas a usar. (COLLINS, 2019, p.419)

Como citado no capítulo 2, existe um movimento do ciberativismo de mulheres negras chamado #JulhoDasPretas, que incentiva o protagonismo dessas mulheres, principalmente, no mês de julho. No episódio *Afrodíaspóra #20| JULHO DAS PRETAS | Gênero e Raça: A importância da interseccionalidade*, Marilene Pereira reflete sobre a importância desse movimento para a luta do feminismo negro. Marilene inicia a sua fala demonstrando sua trajetória pessoal, profissional e acadêmica, e no decorrer do programa, ao ser questionada sobre o #JulhodasPretas, responde o seguinte:

Você (entrevistadora) falou, Raiane, a respeito da lei 12.987/2014, que essa lei, ela estabeleceu como 25 de julho o Dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, mas (em conjunto) o dia de Teresa de Benguela no Brasil, homenageando essa mulher quilombola que foi essa grande empreendedora, no sentido de que ela comandou um quilombo e do quanto que ela foi uma mulher de luta, uma mulher de resistência, uma mulher de coerência e que foi invisibilizada pela história brasileira que é eurocêntrica, que não deu espaço de visibilidade para as mulheres negras, as nossas heroínas negras, como foi um projeto da A Cor da Cultura⁴⁸ que falava de várias mulheres como Dandara, como a Tia Ciata, que é um outro projeto que eu tenho dentro do coletivo Afoxé, que nos falamos das nossas baianas, através da Tia Ciata que foi uma mulher de vanguarda no samba no Brasil, veio da Bahia para o Rio de Janeiro e trouxe, abrigou em sua casa a essência do samba. Então, Teresa é uma mulher do meu coração, assim, é uma data que desde 1982, outros países comemoravam o dia da Mulher negra Latino Americana, e o Brasil ainda ficou nessa dívida, só em 2014 que nós tivemos essa lei promulgada.

⁴⁸ Saiba mais sobre o projeto que a participante cita em: <https://futura.frm.org.br/projeto/cor-da-cultura>

É muito sintomático, isso faz parte de uma construção social que invisibiliza as nossas mulheres e quando você me pergunta sobre o diagnóstico, eu acredito que nós ainda temos a necessidade extrema de combate e de superação ao racismo estrutural. Eu acredito que nós precisamos avançar para alcançarmos espaços que não foram pensados para nós, mulheres negras. Precisamos avançar na área política, o número de mulheres negras nos cargos das cagarras de vereadores é muito pequeno, não temos representatividade na assembleia legislativa do Espírito Santo, pelo menos assim, de mulheres que se autodeclaram negras. Os espaços que chamamos de espaços de poder não contemplam as nossas especificidades, não contemplam as mulheres negras e precisamos ocupar esses espaços de poder para produzir representatividade. Estados como Rio de Janeiro, São Paulo e até no Sul do país avançaram um pouco mais nessa esfera, e nós (Espírito Santo) ainda não avançamos. (Marilene Pereira, *Afrodíaspóra* #20 | JULHO DAS PRETAS | Gênero e Raça: A importância da interseccionalidade)

Em sua resposta, Marilene reforça como o Estado brasileiro demorou para reconhecer a importância de um dia que homenageia mulheres negras e expõe a sub-representação política de mulheres negras, principalmente no Espírito Santo. Com o decorrer do episódio, a perspectiva sugere que a ausência de mulheres negras nos espaços de decisão contribui para a produção de teorias e políticas que não contemplam plenamente suas experiências e necessidades, como o caso da demora do Brasil ao reconhecer o 25 de julho. Outro episódio que vai ao ar em julho é o do programa *Parabólica Bahia*, chamado #01 - *Interseccionalidade de raça e gênero na trajetória científica*, com a doutoranda Mayara Santos se baseia em sua dissertação de mestrado que é sobre Maria Odília Teixeira, a primeira mulher negra a ser médica na Bahia. Mayara expõe o processo em que sua pesquisa ganhou visibilidade e o momento em que passa a ser convidada para conversar com outros núcleos educacionais para contar a história da primeira mulher negra a ser médica da Bahia.

E no sentido do trabalho em si, enquanto pesquisadora, enquanto uma academia, eu acho que a grande expectativa é que o seu trabalho seja reconhecido pelos seus pares, é a primeira coisa que você pensa. Professor que me formou e estava na banca, meu orientador, que é a relação mais íntima que a gente tem na academia nesse sentido, é ser reconhecido, que o trabalho seja visto como uma contribuição historiográfica, principalmente porque eu tenho ciência que o meu tema tem uma direção política muito forte, é uma mulher negra, a primeira médica negra da Bahia, isso é uma dimensão política muito forte, e sobre tudo pra mim. Eu sempre senti o peso dessa responsabilidade, eu sempre achei “já que eu me meti

a pesquisar a Odília, eu tenho que fazer a melhor coisa possível” porque isso aqui não é meramente um tema para eu ter um título no final de 2 anos, ter um diploma. Isso aqui é, primeiramente, uma questão política pra mim. Me indignava e me indigna até hoje, que bom porque eu não quero nunca perder isso. Me indignava não ter um trabalho sobre ela, ou os trabalhos que citavam estavam ela, não mencionar a cor dela e o quanto que o feito dela foi grandioso, então isso aí martelou na minha cabeça o tempo todo, essa dimensão política do trabalho. Mas, a primeira coisa é ser reconhecida pelos pares, com certeza.

E, mais uma coisa que foi cada vez tomando mais dimensão pra mim, é pensar que o trabalho não pode ficar em uma prateleira, tomando poeira, que, sei lá, 10 pessoas vão ler e vão falar que é bom, no caso os meus pares, e cadê o meu retorno, sabe? O meu retorno a minha comunidade, a crianças que como eu, não tiveram essa oportunidade de ter um exemplo, um personificação de pessoas negras ilustres ou de sucesso ou que tivesse nessas profissões, que me fizesse sonhar. Foi muito difícil pra mim uma criança dos anos 90, negra, conseguir sonhar em estar nesses espaços, então eu ficava pensando, eu penso nisso o tempo todo e pensava nisso desde o começo, que eu comecei a pesquisar a Odília e tal, ‘como eu vou traduzir isso para as pessoas? Para a minha família, por exemplo?’ E aí eu acho que a oportunidade interessante que eu tive foi um prêmio que eu recebi a pouco tempo da Fundação Pedro Calmon, através da lei aldir blanc, o prêmio memória que premiou 200 pesquisadores que desenvolveram pesquisas sobre a história da Bahia em diversas áreas. E aí eu tive o insight de fazer uns cards contando a história da Odília, só que com um emoji, um bonequinho que simbolizasse a Odília. E nossa, foi fantástico pra mim. Além do reconhecimento dos meus pares porque assim, no dia que eu soltei esses cards eu recebi convite de tudo que foi lugar pra falar, eu fiquei muito feliz, lugares, outras universidades, professores meus - a coisa que eu fico mais feliz, né? Professores que me viram lá na graduação me reconhecendo como uma pesquisadora que pode falar no curso de pós-graduação e até mesmo pro curso de graduação, fiquei feliz demais. Mas, o mais interessante foram os convites de lugares que eu nunca imaginei, né? Já tive oportunidade de falar em alguns lugares, eu fui chamada para uma escola para falar com a turma do infantil 4 e infantil 5, crianças de 4, 5 anos, acho que tinha de 6 anos também, e foi fantástico porque eu nunca imaginei que uma dissertação, aquela coisa mais acadêmica, conseguisse chegar em crianças pequenas, e foi muito legal, eles fizeram uma plenária comigo, me perguntaram coisas da Odília. E eu só consegui isso por causa dos cards, porque é um desenho, é uma coisa que chama a atenção, o texto tá bem diluído, em uma linguagem bem fluida, bem fácil. (Mayara Santos, #01 - Interseccionalidade de raça e gênero na trajetória científica)

O trecho analisado destaca a intersecção entre produção acadêmica, representatividade negra e democratização do conhecimento. A pesquisadora entrevistada evidencia a dimensão política de seu trabalho ao abordar a trajetória da primeira médica negra da Bahia, Odília, reconhecendo que a ausência de pesquisas sobre figuras históricas negras não é um acaso, mas um reflexo do apagamento

estrutural dessas narrativas na historiografia tradicional. A reivindicação da memória e a busca por visibilidade para mulheres negras consideradas heroínas e pioneiras em suas ações de sua época contrapõe o discurso de passividade que a lógica colonialista aplicou a história dessas mulheres, inserir essas figuras no debate promove um ganho, inclusive para as futuras gerações.

A participante relata como durante o seu trabalho, a sua maior preocupação se tornou fazer uma boa dissertação, não para a academia mas sim para honrar com a história da homenageada. A trajetória de Mayara demonstra a importância de estratégias inovadoras que mulheres negras utilizam para romper com a elitização do saber e garantir que a produção acadêmica negra se transforme em um instrumento de emancipação coletiva, alcançando a divulgação e a transmissão de conhecimentos entre elas.

Escrever dentro das noções do feminismo negro requer uma responsabilidade dessas mulheres, responsabilidade que carrego juntamente. Apesar da escrita carregada de escrevivência, ao retratar as maneiras como essas mulheres comunicam seus conhecimentos, suas trajetórias e seus encontros requer um enquadramento analítico sensível. Como citado anteriormente, dentro do universo pesquisado, foram encontradas mulheres negras que são ciberativistas e ativistas conhecidas em âmbito nacional, e as que são referências em audiências específicas.

A análise caminha a partir da presença do ciberativismo, que ao utilizar o mecanismo do podcast, auxilia na decodificação de assuntos/autoras, que por sua vez, estão na academia, e aproxima as discussões realizadas a partir do debate dos conceitos. Dessa forma, os conhecimentos desenvolvidos na academia, que possuem um rigor científico, podem ser absorvidos no cotidiano de mais mulheres negras, como mais uma maneira de compreensão da realidade das mesmas.

No programa *Preta se ame*, a estudante de comunicação Liz Filardi, no episódio *interseccionalidade* explica como o seu principal objetivo no podcast é alocar as discussões do Twitter⁴⁹ dentro do debate acadêmico realizado pelo

⁴⁹ Rede social criada em 2006, que permite a publicação de mensagens curtas (*tweets*). Amplamente utilizada para debates públicos e disseminação de informações, tornou-se um espaço relevante para a mobilização social e política.

feminismo negro. Nesse podcast, Liz aproxima o assunto de opressões sociais com o conceito de interseccionalidade, buscando resolver os possíveis embates que surgem ao “compararem um tipo de opressão ao outro”, segundo palavras de Liz.

O programa *Práxis Preta*, organizado e apresentado por assistentes sociais, objetiva “denegrir o serviço social” e, com essa perspectiva, demonstra a sua agência perante uma estrutura. Esse podcast aparece 2 vezes no anexo, com episódios sobre Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, demonstrando uma espécie de regularidade ao promover as discussões sobre autoras/es negras/os. São 25 episódios, com início em fevereiro de 2021 e continuidade até outubro de 2024, que discutem, em sua maioria, obras e as trajetórias de escritoras/es negras/os e intelectuais que buscaram explicar a situação racial do Brasil e do mundo. Dentro dessa lista foram encontrados nomes como: Beatriz Nascimento; Matilde Ribeiro (ex-ministra); Carolina Maria de Jesus, Clovis Moura; Luiza Bairros, entre outras figuras que permitem refletir, analisar e criticar a atuação e a presença do serviço social brasileiro.

Práxis Preta, a gente chegou a esse nome porque nós entendemos que ele representaria muito o nosso ideal, muito do que a gente queria discutir aqui. E aí a gente entende essa práxis como uma categoria tão importante, como uma categoria crítica marxista que vai entender e vincular a capacidade humana que é de pensar e agir sobre a realidade, mas para transformar, então, essa unidade dialética entre a teoria e a prática para superar os modos de produção capitalista, e que isso para nós também perpassa para uma tomada de consciência antirracista. Então, Práxis Preta tá aí para confrontar, Práxis Preta tá aí para revolucionar, Práxis Preta tá aí para pensar teoria e prática no serviço social, minha gente. (*Priscila Lira, Práxis Preta | Apresentação*)

Ao seguir com as justificativas para a formação desse programa, outra integrante explica como a ideia surgiu e como chegaram ao formato de podcast:

A ideia surgiu a partir da nossa companheira, a Priscila, ela nos motivou a construir uma página no Instagram, e nesta página a gente tinha o propósito de socializar e difundir com a categoria profissional de assistentes sociais, a importância do debate etno-racial no seio da nossa profissão. Inicialmente a proposta era apresentar publicações de autores e autoras do serviço social que abordassem a questão etno-racial em seus textos, na sua prática

profissional e aí a gente fazer comentários sobre a importância dessa incorporação desses referenciais teóricos e metodológicos na nossa prática profissional, na nossa práxis. Além da valorização da produção preta no seio da profissão.

No entanto, a partir dessa motivação da página nas redes sociais, a gente foi aprofundar as pesquisas nas redes, especialmente em instagram e facebook, que são as mais acessíveis, e a gente identificou que já haviam diversas contribuições valorosas da categoria profissional e de estudantes do serviço social super alinhadas com esses mesmos objetivos iniciais. Então, pra que que a gente vai ser mais uma? Acho que a gente tem que fortalecer as iniciativas que já existem. Bom, a partir disso a gente deu uma desmotivada e surgiu uma reviravolta na nossa história. Essa reviravolta também surge a partir de uma provocação da Priscila, ela não deixou a gente desanimar e trouxe uma nova sugestão, uma sugestão de que a gente poderia trazer esse mesmo conteúdo, essa mesma proposta, para um formato que também é muito acessível, que é muito disseminado que é a ideia do podcast. (Aila Santos, *idem*)

O reconhecimento de que o formato de podcasts pode contribuir para a disseminação dos conteúdos tratados e que, dessa maneira, poderão impactar mais indivíduos e a força que esse relato evidencia, ao tratar do uso das redes sociais como espaços de resistência e produção de conhecimento vão de encontro com as dimensões da construção dessa pesquisa. A migração do *Práxis Preta* para o formato de podcast ilustra um movimento característico do ciberativismo negro contemporâneo, que explora a acessibilidade e o potencial viral das plataformas digitais para ampliar a conscientização e o engajamento político. Assim, a iniciativa se insere em um contexto mais amplo de disputas narrativas e afirmação de epistemologias negras no espaço digital.

A decisão de não apenas ocupar as redes sociais, mas também potencializar as vozes negras dentro da profissão, reflete a perspectiva do ciberativismo negro como uma prática política que tensiona estruturas hegemônicas e fortalece a formação crítica, nesse caso, de assistentes sociais sendo possível a percepção de que esse impacto atinge outros indivíduos. Priscila, durante a sua fala, se posiciona de uma maneira como quem propõe uma revolução, e, mesmo sem citar diretamente esse conceito, aconselha que profissionais negras/os tomem consciência antirracista, principalmente ao alinhar teoria e prática.

Aproximo essa afirmação com as noções do conceito de autodefinição, trabalhado por Collins (2019), anteriormente exposto nesta pesquisa. A promoção

do empoderamento pela autodefinição resulta no combate a imagens de controle que circulam socialmente, e, segundo Collins, essa tomada de consciência de si surge a partir de espaços seguros, onde mulheres negras se reúnem para expressarem suas faces, sem a lógica de estar performando socialmente uma imagem.

E no caso desta dissertação, as mulheres negras utilizaram podcasts para realizar a propagação de seus conhecimentos, em uma espécie de combinação com as escritoras negras que anteriormente utilizam da ferramenta da escrita para ecoar as suas vozes, escritos e saberes. Fecho este capítulo com uma citação de Collins, que, em minha concepção, retrata o caminho que foi e estar sendo trilhado dentro do feminismo negro e do ciberativismo de mulheres negras para que a liberdade dos corpos, a legitimidade do nosso conhecimento, juntamente com o processo de autodefinição, alcance cada vez mais outras mulheres:

Ao enfatizar a autodefinição, as mulheres negras questionam não apenas o que já foi dito sobre as afro-americanas, mas a credibilidade e as intenções daqueles que têm o poder de definir. Quando nós, mulheres negras, nos autodefinimos, rejeitamos claramente o pressuposto de que aqueles em posição de autoridade para interpretar nossa realidade têm o direito de fazê-lo. Independentemente do conteúdo real das autodefinições das mulheres negras, o ato de insistir em nossa autodefinição valida nosso poder como sujeitos humanos. (COLLINS, 2019, p. 206)

Considerações Finais

A realização desta dissertação foi desafiadora em diversos sentidos, além de ser um marco em minha vida pessoal, acadêmica e profissional. Com base na literatura de bell hooks, me propus analisar ao centro a produção de mulheres negras e seus mecanismos a partir de uma ferramenta de divulgação.

Minha postura de colocar as mulheres negras no centro não foi uma ação para excluir as outras; foi, ao contrário, um convite, um desafio para aqueles que nos ouviriam falar, para mudar paradigmas ao invés de apropriar, para fazer todos os leitores ouvirem a voz de uma mulher negra falando de um assunto, e não como desprivilegiada. (hooks, 2019, p.51)

Ao iniciar as conclusões desta dissertação, reafirmo que não pretendo, de maneira nenhuma exaurir as discussões, compreendo as limitações que se fazem presente. Dessa maneira, ao analisar o material disponível, pude concluir que as/os participantes precisaram de uma leitura e domínio do assunto anteriormente a gravação do podcast, ou seja, as pessoas que participaram, convidadas ou produtoras/es possuíam um conhecimento prévio sobre o feminismo negro, considerando que as discussões eram pautadas em escritos, obras, pensamentos e/ou trajetória de autoras e do pensamento feminista negro.

Na estrutura desta dissertação, ao realizar a introdução busquei apresentar o caminho da pesquisa, as escolhas apresentadas e as explicações das metodologias utilizadas. Construí a introdução deste trabalho com ajuda do texto de qualificação do mesmo, comprometida em explicar as razões pelas quais escolhi esse tema, qual é o cenário virtual onde essa pesquisa se constrói e como apliquei o método da netnografia durante a trajetória. O uso da netnografia me permitiu encontrar um universo complexo e repleto de particularidades ao refletir sobre as temáticas do feminismo negro e comprovando a presença dessas pautas no cotidiano de programas que não se propoem e discutir exclusivamente temas raciais.

Prosseguindo, no primeiro capítulo busquei construir uma explanação sobre a trajetória do feminismo negro brasileiro, acionando a memória de mulheres negras que foram agentes em busca da transformação e da justiça social e racial desde o pós abolição. No segundo capítulo parte, busquei apresentar os pensamentos das autoras discutidas durante a pesquisa e, foi desenvolvido um panorama acerca da relação do pensamento feminista negro, considerando que a principal premissa é a transmissão de conhecimento de forma didática, abarcando toda a complexidade necessária.

Assim também, no percurso do segundo capítulo, foi apresentado o conceito de ciberativismo, e mapeado a ação das principais instituições de mulheres negras dentro do mundo do ciberativismo, com isso, busquei refletir sobre o impacto que esse movimento do mundo virtual possui no mundo físico, considerando que o mundo virtual faz parte do mundo real e como feministas negras utilizam da ferramenta do podcast a seu favor para disseminar seus conhecimentos. Ainda durante o capítulo II, demonstrei os dados encontrados na netnografia sobre as/os

participantes, produtoras/es como a raça, a escolaridade e em algumas situações, a profissão. Assim como, extrai dos dados dos programas, quais são de origem orgânica, quais são iniciativas de universidades ou instituições de ensino, quais são rádios e as possíveis determinações para manter o podcast.

Por fim, no terceiro capítulo, selecionei uma pequena amostra de episódios e analisei as falas presentes nos episódios, articulando com os conceitos trabalhados pelo feminismo negro e como, em minha concepção, essa movimentação de estar utilizando os podcasts como mecanismo de erguer a voz, contribui para a autodefinição de outras mulheres negras.

Dessa maneira, a principal intencionalidade desta pesquisa caminhou no sentido de registrar os passos e os mecanismos utilizados por feministas negras no Brasil dentro do universo de podcasts, com enfoque em conceitos. Acredito ser de grande relevância acadêmica, política e social deixar documentado o empenho dessas intelectuais, que, mesmo em iniciativas pequenas ou mais pontuais, estão, em pleno século digital, espalhando as produções do pensamento feminista negro. Registrar essas experiências é também valorizar a diversidade de formas com que esse pensamento tem reafirmado o seu espaço.

Compreender a importância desse movimento, que me atravessa diretamente e influenciou a construção da minha subjetividade, é também pensar em como ele pode continuar impactando outras ouvintes. As reflexões trazidas nos episódios podem, aos poucos, se transformar em algo maior — um ponto de partida para o processo de autodefinição e, conseqüentemente, para o empoderamento de outras mulheres negras. E nem sempre isso acontece de forma consciente desde o início; é no fluxo de episódios, na escuta constante e nas referências compartilhadas que esse processo vai sendo alimentado.

Cada novo episódio que traz essas temáticas, ancoradas em autoras e conceitos do feminismo negro, contribui para movimentar o debate e despertar questionamentos. Mais do que conteúdo informativo, esses áudios se tornam lugares de troca, pertencimento e resistência, ajudando a construir pontes entre experiências individuais e lutas coletivas.

Este trabalho de pesquisa de dissertação representa o início de uma pesquisa maior, que tem como objetivo identificar quais são os mecanismos, a linguagem e as estratégias que mulheres negras estão utilizando no espaço virtual, buscando responder qual e como está sendo a atuação do ciberativismo de mulheres negras no Brasil. Dessa maneira, pretendo continuar a desenvolver esse tema em minha tese de doutorado e em minhas produções científicas. E com os ensinamentos de Nêgo Bispo escolho fechar esta dissertação para lembrar que não existe o fim, nós somos o começo, o meio e o começo:

“Nós, caminhando pelos penhascos,

atingimos o equilíbrio das planícies.

Nós, nadando contra as marés,

atingimos a força dos mares.

Nós, edificando nos lamaçais,

atingimos a firmeza dos lajeiros.

Nós, habitando nos rincões,

atingimos a proximidade da redondeza.

Nós somos o começo, o meio e o começo.

Existiremos sempre,

sorrindo nas tristezas

para festejar a vinda das alegrias.

Nossas trajetórias nos movem,

Nossa ancestralidade nos guia. (Nêgo Bispo)

Referências bibliográficas

- ALCÂNTARA, Livia Moreira de. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v. 8, n. 23, p. 73–97, jun–set. 2015;
- AMARAL, Alexandre; NATAL, Gabriel; VIANA, Luiz. *Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital*. Porto Alegre: Famecos/PUCR, 2008;
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117–132, 2003;
- CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser: o discurso da branquitude como lugar de manutenção do racismo. 2005. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005;
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 31, p. 19–42, 2008;
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2011;
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016;
- COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução: feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*, jan/jun. v.5, n.1, 2017;
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019;
- CORRÊA, Márcia Veloso; ROZADOS, Hélia Beatriz Freitas. A netnografia como método de pesquisa em ciência da informação. *Encontros Bibli*, Santa Catarina, v. 22, n. 49, p. 1–18, 2017;
- CUNHA, Elisabete Soares de Melo; ARAÚJO, Carlos Eduardo Lima. *Process tracing nas Ciências Sociais: fundamentos e aplicabilidade*. Brasília: Enap, 2018;

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016;

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo, v. 12, n. 23, p. 100–122, 2007;

DOMINGUES, Petrônio. Fretenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. 2007;

FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1080–1099, jun. 2018;

FREITAS, Viviane Gonçalves. Mulheres negras e imprensa feminista: vozes, interseccionalidade e cidadania. Revista Compolítica, Brasília, v. 8, n. 2, p. 1–22, 2018;

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar. 2020;

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. Universidade de São Paulo. 2003;

HOOKS, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Elefante; 2019;

HOOKS, bell. E eu não sou uma mulher?. São Paulo: Cortez, 2019.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. Cobogó, 2019;

MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. Revista Gênero, Niterói, v. 16, n. 2, p. 55–69, jan.–jun. 2016;

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, pp. 275-297;

MOVIMENTO MULHERES NEGRAS DECIDEM. Mulheres negras pela transformação do Poder Judiciário: Relatório de Análise. Brasil, 2023.

PEREIRA, Amilcar Araújo. O movimento negro brasileiro e a Lei nº 10.639/2003: da criação aos desafios para a implementação. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017;

QUEIROZ, Eliani de Fátima Covem. Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais. *Panorama da Educação*, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 1–12, ago. 2014.

RIOS, Flávia Mateus; FREITAS, Viviane Gonçalves. Nzinga Informativo: Redes comunicativas e organizacionais na formação do feminismo negro brasileiro. *Cadernos Adenauer*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 25–45, 2018.

RODRIGUES, C; Freitas VG. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. *Rev Bras Ciênc Polít* [Internet]. 2021;

SILVA, Ana Beatriz da. “Coisa de Mulher” e “Criola”: um estudo sobre aprendizagens decoloniais em ONGs de mulheres negras. 2018. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018

SILVA, Cristina. Aprendizagens outras com as narrativas de Esperança Garcia: memória e luta de mulheres escravizadas no Brasil. 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018;

SILVA, Evelin Vaz D'Avila da. Enegrecer o feminismo: a trajetória das mulheres negras na construção de um movimento identitário. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016;

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010;

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2005;

Anexo I

TÍTULO	PRODUTOR	RAÇA	PODCAST/PROGRAMA	DATA DE LANÇAMENTO	TEMPO DE DURAÇÃO	FORMATO:
O Pensamento feminista negro na escrita acadêmica	Sulamita Rosa (Produtora) - Pedagoga, mestre em educação - Doutoranda em Educação pela USP	Negra	Metodologia Científica - O programa tem como foco a discussão sobre metodologias científicas e ferramentas para adentrar este universo. A discussão proposta neste episódio é a de como encontrar estratégias e aprender ferramentas para realizar uma escrita acadêmica quando escrevem sobre temas considerados 'identitários' pela academia, então, a Sulamita expõe maneiras que escrita, que não sejam neutras mas que fazem o jogo acadêmico	mar. 2021	16:14	Entrevista SERIA INTERESANTE UMA ENTREVISTA
EP. 02 - Interseccionalidade	Larissa Melo Vieira (Convidada) - graduada Advogada e comunicadora - Convidada para o 2º episódio do projeto - ativista e fundadora de um coletivo negro no curso de direito da Universidade de Franca/SP	Negra, outras 3 produtoras, brancas	Podcast Marias - Podcasts é fruto do Projeto Marias que se iniciou em 2021 e teve como principais pautas a tipificação de violências sofridas pelas mulheres; em 2023 o projeto passa por uma repaginação e tem como principal objetivo promover	dez. 2023	34:37:00	Entrevista - Durante a entrevista, uma das produtoras traz questões que apareceram na

			conscientização, assistência e acolhimento. O programa é produzido por mulheres brancas			caixinha de perguntas do Instagram
T4E9: Feminismo Acadêmico e a Interseccionalidade	Manoela Veras (Produtora) - Internacionalista e mestrande em História e criadora do Clube de leituras feministas Insubordinadas. A sua pesquisa de mestrado é sobre Mulheres negras nos anos 60 e os direitos reprodutivos	Negra	Olhar à Veras Podcast - Teve início em maio de 2021, com o objetivo de: “democratizar o conhecimento sobre História das mulhers, teoria feminista, estudos étnico-raciais e femininsmo de maneira embasada, etica e respeitosa.”. Os programas são postados quinzenalmente e podem partir de entrevistas ou programas solos.	jul. 2024	21:24	Explicação - Durante o episódio, a apresentadora foi desenvolvendo o termo Interseccionalidade e, denuncia a dificuldade que encontra ao tentar legitimar algumas leituras de mulheres negras e não brancas de maneira geral. A autora cita que

					está produzindo um estudo que trata sobre a ausência de literatura feita por mulheres negras em disciplinas de cursos universitários. Durante o episódio ela esclarece que o episódio não está discutindo somente sobre ela e sim pelo coletivo. E tornando mulheres negras como protagonistas.
--	--	--	--	--	---

3. Interseccionalidade	Allyne Andrade (Convidada) - Superintendência Adjunta do Fundo Brasil - Advogada, mestre e doutora em direito (USP) e especialista em teoria crítica racial e ativista pelos Direitos Humanos	Negra	Pluralize! - “podcast quinzenal sobre diversidade e inclusão no mundo do trabalho” .	fev. de 2021 - Ficou no ar até abril de 2021	32:08:00	Entrevista - Allyne é entrevista da por uma das produtoras e o foco do episódio é sobre a importância de pessoas negras e com outras diversidades dentro das empresas .
Episódio #5- Interseccionalidade (Camille Gomes)	Camille Gomes (Convidada) - psicóloga e mestre em antropologia pela UFPE e Felipe Bernardo, graduando em Ciências Sociais (Produtor) Durante o episódio, Camille expõe a interseccionalidade juntamente a discussão sobre a saúde da mulher	Negra; Negro	Museológicas Podcast - “é um programa de extensão produzido por estudantes e professores da UFPE do departamento de Antropologia e Museologia.” Bio oferecida pelas redes sociais do projeto, que teve início em 6 de maio de 2019 com o formato de entrevistas com convidados. Em 2023, ganhou o prêmio ANPOCS de Divulgação Científica. Este programa contém 26 avaliações na plataforma.	ago. 2023	19:32	Entrevista /Produto do projeto Enegrecedo Currículos: as relações raciais nos cursos de medicina das universid

	negra, assim como o racismo obstétrico. A mesma realizou uma pesquisa sobre esse assunto					ades públicas de Pernambuco que busca discutir a inserção de temáticas ligadas à Educação Para As Relações Étnico-raciais (ERER) na formação médica. O Enegrece r durou 10 episódios Bom programa para uma entrevista
História Pirata #22 - Raça, Gênero, Classe e Interseccionalidade com Keilla Vila Flor e André Honor	Keilla Vila Flor graduada Historiadora e professora, colaboradora do projeto Pretitudes e idealizadora do projeto	Negra; Branco	História Pirata - Produzido por 2 historiadores visando a popularização de temas históricos e análises de conjunturas.	ago. 2020	01:36:34	Aula/Entrevista

	Tem cor no ensino e André Honor - doutor e Historiador (Convidados)					
#4 - Interseccionalidade e Planejamento Urbano	Mayara de Paula (Convidada) - Arquiteta urbanista, mestranda em arquitetura e urbanismo na UFBA - Durante a sua fala, Mayara cita dados sobre acesso ao saneamento básico, territórios marginalizados e violências que são direcionados para pessoas negras e pobres. Mayara chama a atenção para a importância do planejamento urbano	Negra	Corpo, Discurso e Território - "plataforma para a produção e compartilhamento de conteúdos coordenado por Gabriela Leandro (Gaia) - Mulher negra, arquiteta urbanista, pesquisadora e idealizadora de outros projetos - e o Grupo de estudos Corpo, Discurso e Território (FAUFBA); O podcast teve início dia 15 de março de 2020 sendo mais um produto do espaço, e não sua principal produção. O último episódio do podcast é postado em 14 de dezembro de 2021	mar. 2020	24:35:00	Entrevista
Conversas camaradas #01: Patricia Hill Collins e a interseccionalidade como teoria social crítica	Nubia Moreira (Convidada) - Pesquisadora, Doutora em Sociologia; Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); . Líder do Grupo de Pesquisa Oju Obinrin Observatório de Mulheres Negras (UESB), pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Curriculares e	Negra; Negro	Rádio Boitempo - é um podcast da editora que se apresenta como "Um podcast para todas as esquerdas" Há a possibilidade dos ouvintes avaliarem o programa.	jun. 2022 - Data de lançamento do episódio próxima a data de lançamento do livro Bem mais que ideias de Patricia Hill Collins.	01:13:37	Explicação/ Bibliografia de Patricia Hill Collins - Resenha do seu livro Bem mais que ideias - Discussão sobre a sua teoria.

	Educativas (GEPPCE-UESB) e do Grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento (CMD-UnB) .Integrante da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras; filiada ao Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLASCO) e da Rede Latino-Americana e Caribenha de Pesquisas sobre Feminismos de Terreiros(RELFET). e Thiago Amparo (Convidado) - Advogado; Doutor e Professor de direitos humanos e discriminação na FGV Direito SP. Estuda políticas de diversidade, discriminação, direito internacional dos direitos humanos e direito constitucional comparado. Coordena a área de diversidade da FGV Direito SP e leciona, como professor horista, direito internacional na FGV RI SP. Coordenador do Núcleo de Justiça					
--	---	--	--	--	--	--

	Racial e Direito (FGV Direito SP). Integra o Núcleo de Direito Global e Desenvolvimento (FGV Direito SP) e o Núcleo de Direito e Democracia no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). Escreve semanalmente para o jornal Folha de São Paulo. É professor na SIPA/Columbia (School of Int Public Affairs).					
Saúde das mulheres negras e suas interseccionalidade s	Gioconda Sousa (Convidada) - Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE. Coordenadora Regional Nordeste II da ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es. Estudiosa de temáticas relacionadas à raça, desenvolve pesquisa cujo eixo principal são processos de aquilombamento, saúde mental e a Psicologia antirracista.	Negra	PodPretas Paraíba - “Aqui o papo é de pretas pra pretas porque como diz Angela Davis, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. Então vamos falar sobre nossas lutas, desafios, afetos e resistência. Nossas vozes estão em pauta, por todas que vieram antes e pelas que estão por vir: Pretas na rede é revolução.” Com essa definição, o programa teve início em março de 2022 e é fruto da Coletiva de Mulheres negras na Paraíba - Abayomi. O coletivo foi fundado em 2016.	jul.2024 - Julho das pretas -	28:40:00	Entrevista SERIA INCRÍVEL UMA ENTREVISTA

	Durante a sua fala, chama atenção para a “a saúde tem cor e não é a nossa” - Debate sobre a saúde física e saúde mental.					
A Importância da Interseccionalidade para o movimento feminista	Joana Duah (Produtora) - sem informações sobre escolaridade Durante o episódio, a produtora aproxima o discurso da interseccionalidade com a questão de olhar mulheres a partir de uma perspectiva humanista e não como seres animalizados.	Branca	Ecofeminismo: Mulheres e Natureza - “é uma série que busca discutir a importância da conexão das mulheres com os seres não-humanos e o meio-ambiente. A série tem como objetivo abordar as questões éticas e morais, além das questões culturais, sociais e econômicas, relacionadas ao feminismo, veganismo e ecologia.”	out. 2019	07:48	Aula/Explanação
Angela Davis - ativista filósofa da interseccionalidade	Rodison Roberto Santos (Produtor) - Filósofo, pós-doutor em Filosofia; Rodison faz uma discussão sobre a vida e a obra de Angela Davis	negro	Livros e Leituras - Sobre os livros e leituras que faço sobre os próprios livros, sobre os temas que os livros tratam e sobre a abordagem do autor ou dos autores sobre o tema. O programa tem 4 avaliações	abr. 2024	27:49:00	Aula
EP#103 - Interseccionalidade, o direito à cidade e as mulheres negras	Fabiana dos Anjos (Convidada) - Graduada em direito, integrante do grupo Direito e Africanidades da UNEB; Autora de um texto que faz uma análise de mulheres	Negra; branco	Cidades de fato - (Rádio UFTFM 96.9/Palmas/TO) é um podcast conduzido semanalmente pelo professor Bazzoli e sua equipe. - Explora temas relevantes com entrevistas temáticas conectando as discussões acadêmicas com a sociedade.	mai. 2024 - 4 anos de atividades semanais	34:10:00	Aula / Entrevista

	negras e o direito à cidade; Professor Bazzoli - pós-doutor		Em destaque estão assuntos relacionados com planejamento urbano, mobilidade, moradia, mudanças climáticas, entre outros. Uma proposta inovadora de se constituir um espaço de diálogo amplo, democrático e interdisciplinar para discutir CIDADES.”			
Feminismos e Interseccionalidade - Podcast: Senta que lá vem história #6	Ana Veiga (Convidada) - professora doutora vinculada ao Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba..	sem informações raciais	Senta Que Lá Vem História! - “Uma outra maneira de abordar a história. - Podcast de História - Projeto de extensão vinculado à Universidade Federal da Paraíba - Orientação prof. Dra Priscilla Gontijo. Dedicamos este episódio de forma simbólica, à Maríá Lugones, uma das principais teóricas do feminismo decolonial, que infelizmente veio a falecer ontem, no dia 14 de Julho de 2020. - Durante a sua fala, Ana reafirma sobre a análise de FeminismoS ao falar sobre o tema - Pontua o papel do movimento social na pauta do feminismo negro; fala sobre a experiência do ativismo online em lives, tendo quase 2500 visualizações	jul. 2020 - Último episódio publicado pelo programa foi em 2022	35:06:00	Entrevista - Durante este programa, a convidada aproxima a sua discussão com o ciberativismo, pretendo retornar
Interseccionalidade de mulheres no Brasil	Ayla Miranda (Produtora) - A produtora não se apresenta, não foi possível encontrar	Negra	Interseccionalidade Mulheres Negras - O objetivo desse podcast é para entendermos a visão sobre as peculiaridades das necessidades das mulheres	mar. 2023 Esse foi o único episódio	10:53	Aula

	mais informações sobre sua formação acadêmica ou trajetória pessoal.		negras. Estas peculiaridades estão relacionadas à inseparabilidade estrutural entre patriarcado, sexismo, racismo e suas articulações que implicam em múltiplas situações de opressão sofridas por este grupo de mulheres.	do programa		
S1 Ep70: Interseccionalidade é marxismo?	Diana Assunção-graduada historiadora e ativista (produtora) - Letícia Parks - graduada em letras portugues-espanhol, professora e militante e Flávia Telles-graduada (Convidadas)	Branca; Negra; Branca	Feminismo e Marxismo - “Uma iniciativa do Esquerda Diário e do grupo de mulheres Pão e Rosas.”	set. 2021 - O programa teve o seu primeiro episódio publicado no dia 05 de março de 2020 e se mantém ativo em 2024.	41:50:00	Entrevista
Lado Black #109 - Interseccionalidade, com Nubia Regina Moreira	Paula Fepher - graduada, John Razen - sem informações Rafael Chino - graduado e Luiza Braga - graduada convidam Núbia Regina Moreira - (2º vez como convidada) - apresentada neste programa como Socióloga;	Negros	Lado Black - Somos um pontinho preto na podosfera brasileira. Durante este episódio, aparecem 2 publicidades: A primeira, “a gente está reunido aqui hoje pra bater um papo maravilhoso sobre interseccionalidade a partir da perspectiva da grandiosa Patricia Hill Collins. Nós estamos fazendo esse episódio através	mar. 2021 O programa teve início dia 19 de janeiro de 2016 - O último episódio foi publicado dia 17 de	01:15:42	Entrevista/Aula

			de uma parceria maravilhosa, que a gente tem que exaltar, com a Boitempo, que estará lançando o livro de Interseccionalidade da Patricia Hill Collins e a gente já vai estar aqui destrinchando sobre os tratados, sobre os dizeres deste livro. Ano retrasado a Patricia Hill Collins esteve aqui no Brasil e a gente teve a oportunidade de estar na fala que ela fez no evento da Boitempo sobre Democracia em Colapso.” (Transcrição do áudio; Fala da Paula Fheper.) - Além dessa publicidade sobre o livro, existe uma outra sobre um curso oferecido pela Boitempo que fala sobre Um Feminismo para 99%. E a segunda publicidade é sobre uma marca de camisas chamada Veste Esquerda. E, durante a fala, a apresentadora relembra que o podcast conta com uma espécie de "Apoio" onde recebe valores dos ouvintes que desejam incentivar o podcast. Esses anúncios e avisos duram 7:51.	fevereiro de 2023		
Interseccionalidade - Lélia Gonzalez - 2 termos	Miriã e Matheus (Produtores) sem informações sobre escolaridade	Não identificados	Sociologia PodCast - Este é um podcast apresentado por Matheus Alcantara e Miriã Souza e aborda temáticas do campo sociológico. Com ele, buscamos introduzir conceitos	fev. 2024	04:18	Explicação

			presentes em nosso cotidiano acadêmico utilizando como fundamentação teórica a perspectiva de autoras e autores contemporâneos - Este é o único episódio do podcast			
Kula 11 - Falando sobre interseccionalidade, raça, gênero e sexualidades	Raíla de Melo (Convidada) - Advogada com atuação na defesa pelos direitos humanos; LGBTQ+;, pesquisadora e doutoranda em Direitos Humanos e cidadania, Debora (produtora) - doutora, socióloga e professora universitária. Durante o programa, é conversado sobre a interseccionalidade de raça, gênero e sexualidade. Raíla chama atenção para a discussão sobre mulheres negras lésbicas, assim como indica leituras que falem sobre essa população.	Negra; Branca	Kula Social - "É um podcast para troca significativa de saberes e afetos. Falamos sobre comportamento, sociedade e educação. Eu sou Débora Machado, socióloga, e na roda a há sempre uma pessoa convidada para trocar ideia com empatia e respeito. Assim construímos uma rede de troca de sentidos. E conto com você."	abr. 2023 O programa teve início em janeiro de 2022; o último episódio foi dia 18 de dezembro de 2023;	58:00:00	Entrevist a

	Esse foi o primeiro episódio que apontou essa questão.					
[Tv Elas por Elas] - 30/11 Aula 4 Interseccionalidade e feminismo negro - parte 1	Isadora Brandão - graduada, mestre, doutoranda em direito e professora no programa Incluir Direito; Secretária Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. Defensora pública; e tem histórico de luta por igualdade social e racial e de estudos de raça. Integra o Grupo de Pesquisa "Direitos humanos, centralidade do trabalho e Marxismo" da FDUSP. Tem experiência profissional em Direito Penal, Processo Penal, execução penal, violência doméstica contra a mulher, promoção da equidade étnico-racial e defesa da diversidade de gênero e sexual. Pesquisa nas áreas de: Direitos Humanos, Justiça Racial, Estudos interseccionais, criminologia crítica e criminologia feminista. É autora do livro "Da	Negra	Rádio PT - Possui 4 programas de podcasts; O programa 'TV Elas Por Elas' coloca em pauta os desafios enfrentados pelas mulheres no mundo contemporâneo com foco na preparação e formação das mulheres para a disputa política.	nov. 2023 "Neste mês falamos sobre o Novembro Negro e as diversas lutas das mulheres para conquistar espaço	31:06:00	Aula

	invisibilização ao reconhecimento institucional: limites da proteção jurídica das trabalhadoras domésticas" (2019) (Convidada) Esta é a quarta aula da série sobre o tema "Novembro Negro - Parte 3".					
[Tv Elas por Elas] - 01/12 Aula 5 Interseccionalidade e feminismo negro - parte 2	Isadora Brandão (Convidada) - Mesma convidada, com as mesmas especificações do episódio anterior.	Negra	Rádio PT	dez. 2023	25:35:00	Aula
Podcast#7 - Interseccionalidade	Jackeline Análio (produtora) - doutoranda em educação; Sua fala é uma explanação e articulação entre duas autoras que trabalham com a interseccionalidade.	branca	Pílulas FEminIstAS - é uma série de podcasts produzidos pelo NINFEIAS - "Núcleo de INvestigações FEminIstAS (PPGAC-UFOP), com o intuito de tratar de temas caros à agenda feminista, tais como violência doméstica, abuso sexual e masculinidades tóxicas, sempre sob um viés de análise interseccional e em linguagem bastante acessível."	mai. 2020 - O primeiro ep foi lançado dia 18 de abril de 2020; Último episódio dia 7 de junho de 2023	06:46	Explanação
Interseccionalidade	Gisele Braz (Produtora) - nenhuma informação	Não identificado	Construção do coletivo - não possui descrição na plataforma; Nenhuma avaliação;	set. 2021	02:45	Explanação

			Primeiro episódio dia 2 de maio de 2021; Último episódio dia 29 de setembro de 2021			
Hogarth BR: Interseccionalidade em pauta com Brenda Vital	Brenda Vital (Convidada) - LGBTQIA+; graduada - jornalista cultural e musical; Poetisa; autora de um livro de poesias;	Negra	Hogarth BR Podcast - Um salve do nosso time de Hogarthianxs! Esse é um espaço para reunir os brasileiros da Hogarth (e às vezes alguns convidados de fora) e abrir papos sobre criatividade, diversidade e trabalhos incríveis que produzimos. Seja bem-vindo à roda de conversa da maior produtora criativa do mundo.	set. 2021	38:00:00	Aula
Interseccionalidade	Alice Ruanda (Convidada) - graduanda em relações públicas. “Retratar um pouco da vivência de uma mulher preta, perante as individualidades da sociedade”; Durante a sua fala, Alice afirma que está envolvida com outros debates sobre a temática da mulher negra dentro da internet.	Negra	ErripêCast - A descrição conta com a frase “interseccionalidade de raça e gênero”;	out. 2023 Programa de um único episódio.	14:40	Entrevista
Interseccionalidade #28	Mariana Alves - Mestre em Ciências Sociais; Doutoranda em	Negra	Podcast: uma Ciência na rede - “busca discutir como a ciência e principalmente a Sociologia	jun. 2021 Primeiro episódio	29:03:00	Entrevista -

	Educação; Estudos mulheres negras retratadas na mídia; Professora da educação básica (Convidada)		podem contribuir para uma reflexão sobre questões que estão presentes no nosso cotidiano e na sociedade.”	dia 27 de julho de 2020; Último episódio dia 15 de novembro de 2023;		Iniciativa legal
#38 - Especial Mulher (O microfone é delas: Assédios e Interseccionalidade)	Ana Catarina - graduanda de direito, Suellen Ciccotti - professora de portugues e ilustradora, graduada e pesquisadora na área da linguística , Maiara Fidalgo - graduada nutricionista; (convidadas) e Carla Danielle - educadora infantil - graduada (Produtora)	negra; branca; branca; negra	Philosophia de Boteco - “possui a leve pretensão de ser um espaço fértil e ideias e acolhedor de boas discussões. Democrático e abrangente como deve ser todo o botequim desse país.” Na descrição deste episódio, os produtores explicam que estão gravando esse episódio única e exclusivamente com mulher em decorrência do dia das mulheres;	mar. 2020 Último episódio dia 18 de novembro de 2021	01:16:53	Entrevist a
Afrodíaspóra #20 JULHO DAS PRETAS Gênero e Raça: A importância da interseccionalidade	Marilene Pereira - Ativista social, mestre, produtora cultural, Administradora; Integrante do NMU; Diretora do coletivo Afroxé; integra o colegiado NEAB-UFES; pesquisa mulheres negras que foram potências e tiveram a sua trajetória inviabilizadas; Produtora executiva do seminário “Somos	Negra	Afrodíaspóra - é um Programa de extensão-Neab/UFES desde 2011, coordenado por Inês Freitas. Situado na rádio universitária da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) atualmente mantém sua audiência por meio das redes sociais e traz conteúdos sobre a cultura africana e afro-brasileira em forma de Podcast. Por meio de entrevistas, comentários e conversas descontraídas, o Podcast tem como objetivo ser uma ferramenta de discussão de	jul. 2021 O primeiro episódio foi dia 19 de outubro de 2020; O Último episódio foi dia 22 de novembro de 2024; logo, o	27:52:00	Entrevist a -

	todas Terezas” (Convidada) “Nessa entrevista traça um diagnóstico sobre a sociedade brasileira pras mulheres pretas.” Uma pauta discutida é sobre o dia 25 de julho no Brasil		assuntos que permeiam a população negra.	programa segue sendo produzido		
Interseccionalidade: Mulheres negras no ambiente acadêmico	Pamela Guimarães - mestra e doutoranda em comunicação social (Convidada) e Jean Costta e Lucas Loyo (apresentadores) graduandos	Negra; Negro; Branco	ECOcast UFRJ - é um projeto experimental da Escola de Comunicação da UFRJ. - A orientação muda semestralmente, logo, diversos estudantes e professores tocam o projeto;	fev. 2022	43:19:00	Projeto de Extensão
#01 - Interseccionalidade de raça e gênero na trajetória científica	Mayara Santos - Doutoranda, com pesquisa sobre Maria Odília Teixeira, primeira médica negra da Bahia (Convidada)	Negra	Parabólica Bahia - , um podcast de pesquisadores na área de História. Aqui vai ser o nosso espaço de divulgação científica, música, boas histórias e interlocução com pesquisadoras(es) baianas(os)!	jul. 2021 Esse foi o primeiro episódio do podcast 30/12/2022 foi o último episódio	41:37:00	Entrevista
Racismo Estrutural e interseccionalidade no caso Marielle Franco	Sofia Brun Cotrim (Produtora) - graduanda Conversa sobre o caso de Marielle e	branca	Imobilismo e Fluxo Perpétuo	jun. 2021	06:32	Explicação

	relacionando com o Racismo Institucional					
#1 Classe, raça e gênero: a interseccionalidade do feminismo	Adriana Vasconcellos - Especialista em estudos étnicos raciais e mestre em educação, professora da rede municipal de SP e Jaceguara Dantas - Especialista em direito difuso e procuradora da Justiça Criminal do Ministério Público do Estado de Mato Grosso do Sul (Convidadas)	Negras	Manas na Luta - é um podcast organizado e apresentado pela jornalista Victória Gearini. O programa busca compreender o processo da luta feminista ao longo dos séculos, trazendo importantes personagens da História, analisando as nuances enfrentadas pelo movimento em diferentes gerações, entrevistas exclusivas e muito mais.	out. 2020 O 1º episódio foi dia 20 de outubro de 2020 e o último dia 18 de novembro de 2020	14:26	Entrevista/Explicação
Feminismo, mulheres negras e interseccionalidade com Aline Cruz	Aline Cruz - Militante do movimento feminista e representante de Coletivo Antonieta de Bairro; graduada - comunicadora Social; No início do episódio, Aline pontua que não é uma socióloga ou historiadora, mas que a sua vivência contribui para a legitimação dentro do feminismo negro. (Convidada)	Negra	Papo com Nísia - O podcast do Instituto Feminista Nísia Floresta vem pra informar, debater, problematizar e discutir assuntos referentes a feminismo, trazendo temas transversais como direitos humanos, direitos sociais, educação, saúde, cultura e muito mais.	set. 2020 Primeiro episódio dia 14 de abril de 2020; Último episódio foi dia 01 de março de 2021	47:17:00	Entrevista
Ep. 16 Interseccionalidade e algumas novidades!	Natália Neves, Fernanda Estanislau, Thaise Mattar Assad e	Branca; Branca; Negra; Negra.	Mulherão da Porra - Um podcast pensado para reverberar vozes de mulheres plurais de forma leve, responsável e libertadora.	set. 2020 O último episódio foi ao ar	27:44:00	Explicação

	Fernanda Amorim (Produtoras) Durante o episódio não existem informações sobre suas formações e trajetórias acadêmicas			dia 30 de setembro de 2022		
Interseccionalidade	Alice Inácio; Camila Leão e Gabriel Pedroso (Produtores) - Na época da gravação do programa, todos eram estudantes do ensino médio.	Branca; negra; negro	Banco de Ideias - É comum ouvir que adolescente é maria-vai-com-as-outras; aqui, somos do time "Maria, vem comigo"! Um grupo de jovens que se conheceram em um programa de verão na Universidade de Yale, vindos de diferentes regiões do Brasil, com personalidades e perspectivas divergentes, mas indo ao encontro quando o assunto é debater e se divertir com respeito, união e muita cultura. Bem-vindo ao nosso Banco de Ideias! Toda quinta-feira, às 14 horas, você encontra um novo debate, sempre relacionado a elementos culturais.	jul. 2020 O último episódio foi dia 30 de abril de 2021.	15:09	Explicação
Introdução à interseccionalidade	Théo Souza (homem trans)- graduando em serviço social (produtor) e Jow Araujo (mulher trans) (convidada) mestrande em Antropologia, Advogada e pesquisadora	Negro; Negra	Introdução à - Sua formação política e social pode começar aqui! #AquecimentoParaAsEleições2022	jun. 2021 Último episódio dia 05 de junho de 2021	21:54	Aula

Interseccionalidade: Discussão sobre Gênero e raça na vivência das mulheres trans com Elisha Silva de Jesus	Elisha Silva de Jesus - Mestra em educação, Travesti, negra, periférica, educadora e militante pelo reconhecimento das identidades travestis pretas diaspóricas e andinas(Convidada) Primeiro episódio que fala sobre mulheres negras trans	Negra	Terceiro Mundo - é um programa de conversação onde discutimos questões relacionadas às vivências da comunidade afro e indígena do país, bem como as relações étnico-raciais, aspectos históricos e os símbolos de resistência que cercam esses grupos sociais. Buscamos destacar, evidenciar e denunciar uma realidade que muitas vezes é pouco compreendida, revelando as incoerências e dores de um país na periferia do capitalismo.	out. 2021 Último episódio dia 13 de outubro de 2021	44;38	Entrevista
Interseccionalidade	Liz Filardi - graduanda (Produtora)	Negra	Preta se ame - Um programa que vai debater sobre o que está nos assuntos mais comentados do twitter através de uma perspectiva de uma jovem mulher negra estudante de comunicação	set. 2020 Esse episódio foi o único do programa	06:12	Explicação
EP2: Lélia Gonzalez e Sojourner Thuth: O conceito de interseccionalidade	Tássia do Nascimento - professora doutora, Thayane Menezes - graduanda (produtoras)	Negras	Dialogando Memórias - Para a construção do entendimento sobre Feminismo Negro: diálogos sobre raça, memória e gênero contamos com a análise das obras de 3 intelectuais negras: Angela Davis, Grada Kilomba e Lélia Gonzalez. O objetivo dos episódios é contemplar as especificidades das mulheres negras na sociedade. Assim, demonstrando sua importância para a cultura nacional - Esse programa é fruto de uma	dez. 2022 Este foi o último episódio do programa, dia 19 de dezembro de 2022.	16:24	Entrevista

			pesquisa científica realizada pelo IFSP escrever sobre ele			
Livro sobre Lélia Gonzalez é lançado	Raquel Barreto (Convidada) doutora	Negra	CBN Entrevistas - Ouça as principais entrevistas que foram ao ar na programação da Rádio Que Toca Notícia. - Esse programa funciona de um jeito diferente, os episódios são deletados da plataforma a cada mês, logo, ao tentar acessar o episódio em questão, me deparei com esta situação.	jul. 2024 Mês do lançamento do livro;	27:14:00	Entrevista
Lélia Gonzalez e a História do Racismo no Brasil	Ana Paula Campos - Indígena, graduada, educadora, contadora de histórias, escritora. (convidada)	Negra-Indígena (convidada)	CRIANDO Prosa - “Venha conhecer um universo de possibilidades, trazendo um pouco dessa insanidade que chamamos de vida, um novo olhar sobre tudo que é belo”	jun. 2022 Último episódio dia 7 de julho de 2023	55:28:00	Aula
Lélia Gonzalez	Paula Lacerda - doutora - professora de antropologia da UERJ e Carol Parreiras - Doutora (Produtoras)	Branças	Campo - um podcast de antropologia - Esse podcast apresenta de forma simples debates importantes no campo da Antropologia, em episódios curtos e organizados em temporadas temáticas. Nosso trabalho de pesquisa está voltado ao levantamento da produção de autoras mulheres não-brancas, de países periféricos e/ou associadas a outros tipos de minorias sociais. Com isso, nosso objetivo é fomentar esse tipo de produção acadêmica e de debate intelectual.	set. 2021 Último episódio dia 24 de maio de 2022	24:55:00	Aula/Projeto de Extensão

Lélia Gonzalez: Racismo e sexismo na cultura Brasileira	Priscila Lira - Assistente social, doutoranda em Serviço Social; Dani Augusto - graduada, assistente social e Aila Santos - Doutoranda, assistente social. (Produtoras)	Negras	Práxis preta - Denegrindo o Serviço Social	jul. 2021 - O primeiro episódio foi 30 de março de 2021 e o último foi dia 10 de outubro de 2024, as redes sociais estão atualizadas.	01:00:00	Aula - SERIA INCRÍVEL UMA ENTREVISTA
Entenda a originalidade de Lélia Gonzalez, expoente do feminismo negro	Flavia Rios - Doutora em Sociologia, pesquisadora de Lélia Gonzalez, professora universitária no departamento de sociologia na UFF; co-organizadora, com Márcia Lima, da coletânea "Por um Feminismo Afro-latino-americano" (Zahar) (Convidada)	Negra	Ilustríssima Conversa (Folha de S.Paulo) - A equipe de jornalistas da "Ilustríssima, da Folha, entrevista autores de livros de não ficção ou de pesquisas acadêmicas.	nov. 2020 - próximo da data em que o livro foi lançado Segue ativo	53:19:00	Entrevista
Raquel Barreto: Lélia Gonzalez captou resistência de negros em festas populares	Raquel Barreto 2ª aparição - Doutora, pesquisadora especializada no trabalho das autoras Angela Y. Davis e Lélia Gonzalez, tendo escrito a dissertação "Enegrecendo o	Negra	Ilustríssima Conversa (Folha de S.Paulo) - A equipe de jornalistas da Ilustríssima, da Folha, entrevista autores de livros de não ficção ou de pesquisas acadêmicas.	jun. 2024 Este episódio foi ao ar no mês de lançamento do livro, pela	37:32:00	Entrevista

	feminismo ou feminizando a raça: Narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez" - Curadora chefe do Museu de Arte Moderna do Rio; Autora do prefácio de Festas Populares no Brasil, da edição de 2024. (Convidada)			editora Boitempo		
Episode 320: Pensamento Decolonial com Julia Abdalla (Lélia Gonzalez)	Julia Abdalla - Socióloga, doutora em sociologia, (Convidada) Celso Loducca - graduado em publicidade	Branca; Branco	Quem somos nós? - um bate-papo com diferentes olhares sobre as questões humanas. Apresentado por Celso Loducca	mai. 2020 Último episódio foi publicado dia 4 de janeiro de 2022 - Foi feito um episódio de encerramento	51:48:00	Entrevista
#081 - Lélia Gonzalez, com Matilde Ribeiro	Matilde Ribeiro - professora na Unilab, ex-ministra da igualdade racial entre 2003-2008, doutora em serviço social (Convidada)	Negra	Filosofia Pop - filosofia como parte da cultura Eles tem um apoia-se e fazem essa propaganda na introdução do episódio	nov. 2019 - O último episódio foi publicado dia 09 de dezembro de 2024, logo, seguem ativos.	01:21:21	Entrevista

				Com a data de lançamento em 02 de maio de 2015. O programa mais antigo		
Humanas Ep. 04 Lélia Gonzalez: Teórica do amefricanidade	Gloria Oliveira - doutora - professora da UFRRJ (Produtora), Maiara Gonçalves - historiadora, professora da UFRN, mestra em história; Aryana Costa - historiadora, doutora em história social, professora universitária e Livia Barbosa - - historiadora, mestre em história, professora universitária (Convidadas)	Branca; Negra; Branca e Negra	HUMANAS pesquisadoras em rede - Série de programas produzidos por pesquisadoras da área das Humanidades, que discutem temas, questões e problemas contemporâneos. HUMANAS - pesquisadoras em rede pretende promover reflexões críticas e colaborativas, através do diálogo transdisciplinar, de intervenções públicas e da defesa dos ideais democráticos.	jun. 2020 O último episódio foi ao ar dia 19 de janeiro de 2023	41:20:00	Entrevist a
#128 - Uma homenagem a Lélia Gonzalez, por Januário Garcia, Zezé Motta, Flavia Rios e Márcia Lima	Juliana Freire - mestranda (Produtora), Zezé Motta - Doutora Honoris Causa pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). - atriz, ativista, cantora;	Branca, Negra; Negro; Negra; Negra	Rádio Companhia - O podcast que respeita a sua inteligência – e alimenta o seu amor pelos livros. Quinzenalmente, às quartas-feiras, autores, editores e convidados especiais trazem histórias e conversas sobre lançamentos, bastidores e grandes temas da literatura. Um	fev. 2021 O último episódio foi publicado dia 11 de dezembro de 2024, logo, o	34:07:00	Entrevist a

	Januário Garcia - graduado em comunicação visual Fotógrafo, ativista do movimento negro e fotógrafo de Lélia; Flavia Rios - 2º aparição, professora doutora e Márcia Lima - Doutora, pesquisadora e professora de sociologia da USP, organizadora do livro com textos de Lélia e publicado pela ZAHAR (Convidada)		espaço para quem quer estar mais perto do universo dos livros da Companhia e fazer parte de uma comunidade de leitores apaixonados. Podcast da Companhia das Letras - editora	programa continua ativo.		
S2 Ep106: Lutadoras: o feminismo de Lélia Gonzalez	Leticia Parks - 2º participação graduada em letras portugues-espanhol, professora e militante e Flávia Telles sem o informações 2º participação (Produtoras)	Negra; Branca	Feminismo e Marxismo - 2º aparição	jun. 2024	54:43:00	Explicação
A madame saiu (Lélia Gonzalez e a subversão do sujeito)	Danielle Menezes - Mestre em psicanálise e Geisa Assis - Mestranda em psicanálise (Convidadas)	branca; negra	Cidades Lacanianas - conversas psicanalistas	abr. 2021 Último episódio dia 23 de novembro de 2021	24:06:00	Entrevista
Racismo e sexismo segundo Lélia Gonzalez pt 1	Pedro Zanola - psicólogo, mestre em psicologia clínica (produtor)	Branco	Apenas um Lacan LATino Americano - Usaremos a psicanálise lacaniana para extrair dela uma forma de	set. 2023 - Último episódio dia 10 de	46:24:00	Explicação

			interpretar textos para pensar problemas políticos contemporâneos e conceitos psicanalíticos, em uma linguagem coloquial que se esquia do lacanês estabelecido.	setembro de 2024		
Lélia Gonzalez	Aline Rosa - graduanda Drica Madeira, graduanda Raísa Inocêncio - graduanda Susana de Castro - graduanda e Vitória França - graduanda (produtoras) Fala de Flávia Rios que foi retirada de outro podcast, o do Ilustríssima - 3ª aparição	As produtoras não fornecem informações sobre a raça Negra	Rádio UFRJ - Mulheres Intelectuais de ontem e hoje - é um programa que aposta na construção de uma cultura e uma tradição que valoriza o trabalho intelectual de mulheres. Para isso, o programa apresenta semanalmente breves biografias e o pensamento de mulheres de diversas áreas, locais geográficos e tempos históricos distintos. O programa é desenvolvido em conjunto pelo Grupo de Pesquisa Decolonial Carolina Maria de Jesus, da UFRJ, e pelo Grupo de Estudos em Reflexão Moral Interdisciplinar e Narratividade (Germina), da UFSC	jul. 2021 Último episódio dia 14 de setembro de 2022	13:25	Projeto de Extensão
Lélia Gonzalez 1.fev.2021	A produtora não revela seu nome durante o episódio, não foi possível encontrar no site do podcast ou nas redes sociais quem é a dona da voz; sem informações	Não foi possível encontrar informações sobre	Hoje na Luta - O que personagens e acontecimentos históricos nos ensinam sobre desigualdade, opressão, coletividade, resistência e luta? Não perca nosso podcast de fatos diários! Quem sabe mais, luta melhor! 🚩	fev. 2021 O último episódio publicado foi dia 09 de dezembro de 2024;	06:06	Explicação

			Um podcast produzido por “formação política - MTST”			
Ponto G 108 - Lélia Gonzalez	Luiza Braga - graduada, produtora Cultural, artista e podcaster no Lado Black (Convidada)	Negra	Ponto G - Uma narrativa sobre mulheres que marcaram a história. Um podcast feito por mulheres para todos os gêneros.	ago. 2019 Último episódio dia 11 de dezembro de 2019 e o primeiro dia 15 de outubro de 2017 Produção anterior a pandemia	44:01:00	Entrevist a
Você conhece Lélia Gonzalez?	Diana - graduanda Ana Beatriz - graduanda e Mayra Rodrigues - graduanda - todas de Ciências Sociais (Produtoras)	Branças	Sociologia em podcast - Discussões de conceitos sociológicos aplicados a assuntos atuais, sem deixar de lado a pluralidade de pensamentos e como podemos melhorar o ensino de sociologia.	jul. 2021 Último episódio dia 01 de março de 2023	18:02	Explicação
#3 Papo Reto sobre Lélia Gonzalez	Clara Xavier Obirin - Graduada em Terapia Ocupacional pelo IFRJ; Membro do NEABI da instituição (Produtora) - Durante a sua fala, a autora fala sobre a sua trajetória dentro da academia como uma mulher negra; e como a sua experiência se encontra com a escrita de Lélia Gonzalez	Negra	Nada clara - - Escureça suas ideias! Às vezes um papo reto é tudo que a gente tá precisando ter entre nós. Aqui você pode esperar um pouco de tudo. Vai ter biografias, poemas, escriturinhas, desabafão. Às vezes um papo regado a vinho, talvez algum episódio gravado em algum transporte público em terras cariocas. A referência? A rua! A intenção é trocar cura,	set. 2021 - O primeiro episódio foi ao ar dia 07 de maio de 2021 e o último, dia 24 de setembro de 2021.	24:17:00	Explicação

			construir possibilidades de vivências que subvertem a dor, tudo entre nós, pessoas racializadas, à margem, inconformadas! Bora?			
Mulheres Inadequadas que nos inspiram - Lélia Gonzalez	Priscilla Ribeiro - não existem informações sobre a formação acadêmica (Produtora)	Branca	Garagem - Uma igreja inclusiva, acolhedora e progressista! Nossa teologia, nossa ideologia política, nossa forma de ver e compreender o mundo, nossa espiritualidade, nossa forma de lidar com as questões da nossa fé, tudo isso é inadequado.	mai. 2021 - O último episódio foi ao ar dia 29 de dezembro de 2022	21:18	Explicação
Temporada 9 Episódio 5 - A luta pela resistência e representação da negritude de Lélia Gonzalez	Veronica Silva, Ana beatriz Santos, Monalisa Daffine e Natany Porto (Produtoras) graduandas	Negras	Letras Pretas - Rádio Uerj -	mai. 2024	12:13	Explicação
Julia Abdala - Pensamento decolonial: Feminismo negro e Lélia Gonzalez #ORPCAST16	Julia Abdala (Convidada) - 2ª aparição	Branca	O reino em pessoa ORPCAST - Esse é o Podcast do Reino em Pessoa. Um canal de conteúdo sobre espiritualidade cristã. As demandas da religião cansam e oprimem. A fé cristã é liberdade, alívio, refrigério. O que falta à religião é alma. A alma da fé é a Espiritualidade	nov. 2020 - Último episódio foi ao ar dia 29 de abril de 2024	53:38:00	Entrevista
T03E03 - Justa Causa - Bora conhecer: histórias	Roberta Araújo - Advogada, mestre em direito (Produtora)	Branca	Justa Causa - Direito e arte. Informação e cultura.	abr. 2022 - O último episódio	36:47:00	Aula

de quem fez história: Lélia Gonzalez			Luta feminista, antirracista, anticapacitista e lgbtqu+ Esse episódio faz parte de um quadro chamado: “Bora conhecer: história de quem fez história”	foi ao ar dia 13 de abril de 2022 e o primeiro dia 11 de janeiro de 2021		
NIC #3 - Lélia Gonzalez	Rafaela Barbosa - Graduanda (Produtora)	Branca	PodScience - Amigos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) que resolveram se juntar para fazer divulgação científica. A nossa proposta é falar de ciências trazendo, sempre que possível, pessoas especialistas dos assuntos abordados, que possam nos agregar conhecimento e nos fazer pensar sob novas perspectivas. Esse podcast tem apoio-se; Na introdução deste episódio, a apresentadora explica que esse tema surgiu após as violências policiais vividas por pessoas negras no BR e EUA no mês de junho de 2020	jul. 2020 - O primeiro episódio foi ao ar dia 15 de setembro de 2018 e o último dia 17 de agosto de 2020	35:04:00	Explicação
Episódio 7 - Lélia Gonzalez	Maria Eduarda - Estudante do ensino médio (Produtora)	Negra	Discursividades Femininas: valorização de figuras marcantes - Trata-se de uma iniciativa coletiva dos alunos de ensino médio da E. E. Nercy Martelini Amélia Daher, que possui como intuito revalorizar grandes	abr. 2024 - O primeiro e o último episódio foram ao ar no mesmo dia, dia 25	06:06	Explicação

			personalidades femininas por meio da divulgação de suas trajetórias biográficas e conquistas.	de abril de 2024		
Afrolivros - Lélia Gonzalez	Liliane Moreira - sem informações sobre a sua formação acadêmica (Produtora)	Negra	Web Rádio Griot - Programas da Web Rádio Griot, a Rádio do POVO PRETO. "Web rádio da Negritude"	fev. 2023 - O último episódio foi ao ar dia 02 de agosto de 2024;	06:43	Explicação
36 - Você conhece Lélia Gonzalez?	Flavia Rios (Convidada) - 3ª aparição	Negra	Em Movimento - Podcast semanal sobre política e cultura através de uma perspectiva crítica, marxista e revolucionária. O podcast Em Movimento é uma iniciativa da Revista Movimento e do Movimento Esquerda Socialista.	mar. 2022 - O último episódio foi ao ar dia 13 de dezembro de 2024	37:29:00	Entrevista
Lélia Gonzalez	Silvio José de Mello Neto - Graduando de História (Produtor)	Negro	Pretitude Podcast - Podcast voltado para a história dos pretos e pretas.	ago. 2022 - O primeiro e o último episódio foram ao ar dia 19 de agosto de 2022	03:50	Explicação
#2 Que mulher é essa? Lélia Gonzalez	Carol Motta - graduanda de direito (Convidada) Os episódios são elaborados por Júlia Amaral, graduanda de jornalismo e	Negra; branca	Lugar de Fala - é um quadro que faz parte da programação da Rádio Univates Fm, 95,1. Os episódios são elaborados por Júlia Amaral, estudante de jornalismo e idealizadora do projeto A.Woman Art,	mar. 2020 - O primeiro e o último episódio foram ao ar dia 08 de março	15:00	Entrevista

	idealizadora do projeto A.Woman Art			de 2020 - antes da pandemia		
Lélia Gonzalez: uma mulher de movimento	Flavia Rios - 4º aparição e Raquel Barreto - 2º aparição	Negras	Conversa de Portão - Um encontro semanal onde a conversa entre mulheres vira notícia Apoie o jornalismo independente feito por mulheres, apoie o Nós. O Conversa de Portão é um podcast produzido pelo Nós, mulheres da periferia em parceria com UOL Plural, publicamos novos episódios toda terça-feira. Com produção de Carol Moreno, identidade sonora e edição: Trilhará. O podcast tem um apoia-se	jul. 2021	28:46:00	Entrevista
Torna-se negra e amefricana: a trajetória de Lélia Gonzalez	Daniella Silva dos Santos de Jesus - pós-graduada em estudos interdisciplinares em estudos de gêneros e feminismos na UFBA (Produtora)	Negra	Podteste - Apresentar a categoria amefricanidade através da trajetória de sua autora.	dez. 2022 - O primeiro e único episódio do programa foi postado dia 13 de dezembro de 2022	08:26	Explicação
#03 Sobre o legado de Lélia Gonzalez, com Melina de Lima	Melina de Lima - graduada historiadora, co-fundadora do projeto "Lélia Gonzalez Vive"; Diretora cultural no Instituto Memorial	Negra; As produtoras são duas	AlternaCast - Você deve estar cansado das análises de política internacional com olhares hegemônicos, não é mesmo? Giovanna Soares e Renata Gonzalez, duas amigas curiosas	jan. 2022 - O último episódio foi postado dia 25 de	32:27:00	Entrevista

	Lélia Gonzalez (Convidada e neta de Lélia) falar sobre esse movimento e o projeto	mulheres brancas	e faladeiras, recebem convidadas para debater criticamente sobre Relações Internacionais, Sul Global e Feminismo.	agosto de 2022 e o primeiro dia 10 de novembro de 2021		
Amefricanidade com Tainara Machado, a Lélia Gonzalez entre nós Episódio 01	Tainara Machado - Graduanda em Serviço social, Educadora Social (Convidada)	Negra	Encruzilhadas de Resistências - Esse podcast propõe apresentar trajetórias de mulheres negras que se entrecruzam na história. É uma homenagem aquelas que vieram antes de nós mas também aquelas que ainda virão. A oralidade faz parte da nossa constituição enquanto povo negro, ressignificando a vida e a história de mulheres e homens negras e negros. Nada de nós sem nós! Nós contaremos nossas próprias histórias.	mai. 2022 - O último episódio foi ao ar dia 20 de julho de 2022 e o primeiro dia 20 de novembro de 2020	50:17:00	Entrevist a
Podcast do CAFE#2 - Lélia Gonzalez e a Economia Feminista	Jannes - mestre - jornalista Camila Rebustini - Graduanda em Economia (Produtoras)	branca; branca	Arroz, Feijão e Economia -	abr. 2021 - O primeiro episódio foi ao ar dia 23 de fevereiro de 2021 e o último dia 27 de abril de 2021	07:54	Explicação
DESCOMUNICANDO - Carnaval para a Negritude - Uma análise de Lélia	Vitória Alves - graduanda de comunicação social (Produtora)	Negra	DESCOMUNICANDO - Carnaval para a Negritude - Uma análise de Lélia Gonzalez e bell hooks - Oh abre alas, que a negritude brasileira quer passar! E numa	mai. 2022 - Esse foi o único	06:06	Explicação

Gonzalez e bell hooks			festa tão importante quanto o carnaval, é de suma importância que essa participação seja exigida. No entanto, o carnaval possui algumas problemáticas, que vão ser estudadas nesse primeiro episódio a partir da ótica de Lélia Gonzalez e bell hooks. Texto, apresentação e edição por Vitória Alves	episódio postado		
MULHERES NO MUNDO #6 Lélia Gonzalez	Alícia Bastos - Graduada em história (Produtora)	Branca	História Presente - é uma criação do Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino em História da UERJ com a proposta de levar os projetos desenvolvidos pelo laboratório e por diversos outros espaços da universidade a um público amplo, além de debates sobre temas que envolvem o cotidiano da sociedade em sua leitura através da História, com conteúdos e informações relevantes na construção do conhecimento histórico e da cidadania, distribuídos por diversos programas. é um projeto de extensão	mai. 2021 - O último episódio foi postado dia 23 de dezembro de 2024 e o primeiro dia 21 de maio de 2019	06:01	Explicação
Dia Internacional das Mulheres: Vamos celebrar Lélia Gonzalez	Raquel Barreto - 3º aparição (Convidada)	Negra	Mulheres de Palavra (Rádio Câmara - Câmara dos deputados) - Programa voltado para as questões de gênero	mar. 2023 - O último episódio foi ao ar dia 18 de dezembro de 2024 e o primeiro	14:39	Entrevista

				foi ao ar dia 20 de abril de 2020 esse programa é muito interessante		
#04 - Tributo á Lélia Gonzalez	Andrew Fischer -- graduado jornalista (Produtor)	Negros	Mais que a metade - As pessoas negras já são mais do que a metade da população brasileira. Mas, onde estão todas essas pessoas, além dos lugares e imagens estereotipados e racistas que a sociedade construiu ao longo dos séculos? Guiado por essa pergunta, sendo orientado por vivências e protagonismos das negras e negros dentro e fora do solo brasileiro, o podcast Mais que a metade fala das pluralidades das negritudes e suas relações com outros temas, como comunicação, direitos humanos, alimentação e entretenimento.	mai. 2021 - O primeiro episódio foi ao ar dia 7 de abril de 2021 e o último dia 20 de maio de 2021	28:52:00	Explicação
A história de Celina Guimarães, Alfonsina Strada e Lélia Gonzalez	Eduarda (Produtora) - sem informações sobre sua trajetória acadêmica	sem informações	Construindo História - é o podcast do projeto Construindo Brinquedos e História 2.0! Aqui iremos reinventar a história que conhecemos para construir uma nova. Sendo assim, apresentaremos 20 figuras históricas femininas que foram apagadas pela história tradicional. Nesse segundo	jan. 2021 - o último episódio foi dia 06 de maio de 2021 e o primeiro dia 28 de janeiro de 2021	10:59	Contação de História/Explicação

			episódio, apresentaremos a história de Celina Guimarães, Alfonsina Strada e Lélia Gonzalez. Aproveite essa jornada! Narração e roteiro: @e.savio Design da capa: @jvliaterra Trilha sonora e edição: @barthvieira Projeto contemplado e financiado com recursos do Edital N°10/2020, da Lei Federal 14.017/2020, Lei Aldir Blanc, em Gravataí/RS através da secretaria de cultura esporte e lazer do município. Um programa de contação de histórias; neste estudo, este é o único deste gênero			
Episódio #64 - LUCIA SANTIAGO: Lélia Gonzalez	Lucia Santiago - artista visual e graduada estilista de moda (Convidada)	Branca	ViniCast Brasil - O Jornalista Vinicius Cabral recebe convidados para conversas leves e descontraídas. Falam sobre a vida, o Brasil e o mundo. Não deixe de assinar o canal e receber atualizações grátis.	mar. 2021 - O primeiro episódio foi ao ar dia 18 de janeiro de 2020 e o último dia 10 de abril de 2021	01:05:47	Entrevistada
EP008 - Por que Angela Davis disse: "leiam Lélia Gonzalez"?	Rafaela Florencio - pós doutora em educação, professora do Instituto Federal, historiadora e Zuleide Queiroz - doutora em história,	Negras	RádioM - Sejam bem-vindas à Rádio M. De mulher? Mudança! Mídia. E tudo mais que o M nos permitir! Me escuta?	jul. 2021 - O último episódio foi ao ar dia 07 de abril de 2022 e o primeiro	01:29:57	Entrevistada

	professora universitária (Convidadas)			dia 02 de abril de 2021 Elas falam sobre o #Julho das pretas		
Essa Conversa: "Lélia Gonzalez: um marco para história brasileira!"	Isabela, Carol, Manuel Nicole - os 4 graduados são jornalistas e não existem outras informações sobre (Produtores)	sem informações	Comunica O Quê? - Quando aspirantes a jornalistas se juntam para explicar e tentar entender como funciona o jornalismo surge uma dúvida para solucionar: Eae, Comunica o Quê?	mar. 2022 O último episódio foi dia 23 de março de 2022 e o primeiro dia 31 de setembro de 2021	12:35	Explicação
Lélia Gonzalez	Emanuele, Fernando, Flavio, Kauane, Glória e Nicole (Produtores) Não existem informações sobre os produtores	sem informações	Podcast: Filosofia & Sociologia - Podcast sobre Filosofias Negras (África e Diáspora).	dez. 2021 - Este foi o único episódio do programa	08:06	Explicação
Sueli Carneiro	Mano Brown - Doutor honoris causa (Produtor) Sueli Carneiro - Doutora em educação, escritora e um dos principais nomes do feminismo	Negros	Mano a Mano - Salve, rapa! Salve, massa! Mano Brown vem para ampliar a visão e o debate trazendo diversidade de ideias e pensamentos com profundidade e respeito. Se prepare para ouvir assuntos importantes, interessantes, relatos inéditos e	mai. 2022 - O último episódio postado foi dia 27 de novembro de 2023 e	02:19:41	Entrevista com a autora

	negro brasileiro (Convidada)		controversos com convidados amados ou odiados - você decide!	o primeiro 26 de agosto de 2021		
#02 - Sueli Carneiro	Coletivo Itéramaxe - Um Coletivo-Quilombo que acredita em universidades mais plurais, com diversidades de ideias e de pesquisas a partir do ingresso de grupos ditos minoritários, sendo estes compostos por pessoas Negras, Quilombolas, indígenas, LGBTQIAPN+ e com Deficiência; que tiveram suas trajetórias na educação comprometidas por desigualdades estruturais (Produtoras) não existem informações de pessoas, só do coletivo	Negras	GRIOT - é o podcast do ciclo de formação teórica do Coletivo Itéramaxe e tem como objetivo apoiar a formação das pessoas mentoradas no processo preparatório para os exames de seleção. Semanalmente debates a obra de autoras e autores importantes para compressão de temas voltados à desigualdade, justiça social e direitos humanos no campo das Ciências Sociais, Humanidades e Educação.	jan. 2023 - O primeiro episódio foi ao ar dia 18 de janeiro de 2023 e o último dia 03 de março de 2023	25:56:00	Aula / iniciativa de um coletivo, gostaria de uma entrevista
Sueli Carneiro e o Dispositivo de Racialidade - Revisão de Literatura (feat Rosana Castro) #18	Rosana Castro - pós-doutora em antropologia (Convidada)	Negra; Brancos	Dazumana: ciência sem jaleco - Divulgamos e debatemos pesquisas daquelas áreas “não exatas”. Estamos falando das Ciências Humanas, Sociais, Artes e Letras. Foi idealizado por Juliana Mendes, doutoranda em	fe2° v. 2021 - O último episódio foi ao ar dia 13 de dezembro	39:15:00	Entrevista

	Juliana Mendes, doutoranda em Cinema e Audiovisual e Leyberson Pedrosa, doutor (produtores)		Cinema e Audiovisual e Leyberson Pedrosa, doutor em Mídia e Tecnologia	de 2023 e o primeiro dia 03 de abril de 2020		
Não dá para falar de feminismo sem a mulher negra, diz Sueli Carneiro	Sueli Carneiro (Convidada e autora) - 2° aparição	Negra	Ilustríssima Conversa (Folha de S.Paulo) - 3° aparição desse podcast	nov. 2019	43:53:00	Entrevista com a autora
Sueli Carneiro	Sueli Carneiro (Convidada e autora) - 3° aparição	Negra	Pessoas: Vidas Negras - é um podcast de histórias de vida reais. Cada episódio apresenta a edição de uma entrevista que compõe o acervo do <u>Museu da Pessoa</u> , um museu virtual e colaborativo de histórias de vida que tem como missão transformar a história de toda e qualquer pessoa em patrimônio da humanidade. #somossashistórias	jan. 2021 - O primeiro episódio foi postado dia 19 de novembro de 2020 e o último dia 25 de fevereiro de 2021	33:04:00	Entrevista com a autora
Sueli Carneiro	Vinicius Santana - mestrando em filosofia política; pesquisador da obra de Sueli Carneiro (Convidado)	Negro	Podcast da Enciclopédia mulheres na filosofia - hospedado pela plataforma de blogs científicos da Unicamp	mar. 2023 - O primeiro episódio foi dia 10 de março de 2022 e o último dia 20 de dezembro de 2024	01:07:11	Entrevista

				próximo ao lançamento do livro de Sueli		
Sueli Carneiro: contribuições para o Serviço Social	Priscila Lira, Dani Augusto e Ayla Santos (Produtoras) - 2° aparição dessas produtoras	Negras	Práxis preta - 2° aparição deste podcast	set. 2021 - primeiro episódio foi dia 17 de fevereiro de 2021 e o último dia 10 de outubro de 2024	01:16:04	Aula
Biografia - Sueli Carneiro	Elilany Elias da Silva - mestre; professora Thais Ferreira dos Santos - doutora e Leonardo Aires de Castro - doutor (Produtores)	branca; branca; branco	Una-se por Elas - O podcast Una-se por Elas é uma iniciativa do projeto de extensão "Una-se por Elas" da Una/Catalão e grupo educacional Ânima, com episódios realizados pelas discentes da Unidade Curricular "Psicologia, gênero, raça e sexualidade". As professoras responsáveis por esta UC são as professoras Elilany Elias da Silva, Thais Ferreira dos Santos e Leonardo Aires de Castro	dez. 2022 - O primeiro episódio foi dia 05 de dezembro de 2022 e o último dia 06 de dezembro de 2022	07:51	Explicação / Projeto de Extensão
Ep58_Sueli Carneiro De Gregas a Goianas	Manuela Rodrigues - Graduanda em Cinema e AudioVisual (Produtora)	Branca	De Gregas a Goianas - O que o inventor do colete à prova de balas, da fralda descartável e do limpador de para-brisa têm em comum? Todos esses inventores eram mulheres! Você sabia disso? No podcast "De Gregas a Goianas", você vai ter a	mai. 2024 - O primeiro episódio foi ao ar dia 10 de outubro de 2022 e o	03:36	Explicação / Projeto de Extensão

			oportunidade de saber muito mais sobre mulheres fantásticas que marcaram a história. Esse é um podcast produzido pela Rádio UEG Educativa.	ultimo dia 22 de novembro de 2024		
Você pegaria o bastão de Sueli Carneiro?	Bianca Santana - Doutora, Jornalista e escritora do livro "Contínuo preta: A vida de Sueli Carneiro" - Seria incrível uma entrevista	Negra	Conversa de Portão - 2º aparição do programa	mai. 2021	26:18:00	Entrevista
Sueli Carneiro	Amanda Soares - graduanda, Bianka Carrilho-graduanda Júlia Sofia - graduanda , Keice Farias - graduanda (Produtoras)	Sem informações	Rádio UFRJ - Mulheres Intelectuais de ontem e hoje - é um programa que aposta na construção de uma cultura e uma tradição que valoriza o trabalho intelectual de mulheres. Para isso, o programa apresenta semanalmente breves biografias e o pensamento de mulheres de diversas áreas, locais geográficos e tempos históricos distintos. O programa é desenvolvido em conjunto pelo Grupo de Pesquisa Decolonial Carolina Maria de Jesus, da UFRJ, e pelo Grupo de Estudos em Reflexão Moral Interdisciplinar e Narratividade (Germina), da UFSC 2º aparição do programa	set. 2021	13:41	Explicação / Projeto de Extensão
Pílula Vermelha #9 - Sueli Carneiro no ES	Ricardo Nespoli - mestre e jornalista (Produtor)	Branco	Pílula de esquerda Capixaba - PodCast produzido por Ricardo Nespoli e que pretende diariamente falar sobre a política	nov. 2022 - o primeiro episodio	04:30	Explicação

			do Espírito Santo por um viés de esquerda.	foi ao ar dia 31 de outubro de 2022 e o ultimo dia 29 de novembro de 2023		
#35 Os caminhos para a equidade racial no Brasil, com Cida Bento e Sueli Carneiro	Cida Bento - doutora em Psicologia e diretora-executiva do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert), Sueli Carneiro - 4º aparição; Vitor Macabu - graduado dvogado; e Patrícia Soares - pós-graduada (Convidados), Roberto Quiroga - graduado advogado (Produtor)	Negra, Negra, Negro, Negra e Branco	Único - Nossos especialistas analisam os principais temas jurídicos da atualidade e apontam soluções inovadoras para o dia a dia das empresas de todos os setores da economia.	mar. 2021 - o primeiro episodio foi ao ar dia 09 de abril de 2020 e o ultimo dia 19 de dezembro de 2024	52:00:00	Entrevist a
5ª Temporada Episódio 5 - Luta e Resistência: a trajetória de Sueli Carneiro	Amanda Lourenço, Larissa França e Veronica Silva (Produtoras) - 2º aparição das produtoras	Negras	LetrasPretas - Rádio Uerj - 2º aparição do podcast	out. 2021	06:31	Explicação / Projeto de Extensão
Rádio Cidadania - Episódio 22 - Sueli Carneiro (Geledés Instituto da Mulher Negra)	Sueli Carneiro (Convidada e autora) 5º aparição	Negra	Rádio Cidadania - é um podcast da Universidade da Cidadania da UFRJ, vinculada ao fórum da cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.	out. 2020 - o primeiro episódio foi ao ar dia 13 de	27:46:00	Entrevist a com a autora

				maio de 2020 e o último dia 12 de dezembro de 2024		
Sueli Carneiro - Mulher Preta	Janaina Bezerra - graduanda em história (Produtora)	Negra	Janaina Bezerra conta histórias - Esse podcast é dedicado a contar histórias sobre acontecimentos, história e pessoas.	dez. 2020 - o primeiro episódio foi ao ar dia 12 de dezembro de 2020 e o ultimo dia 21 de dezembro de 2020	09:28	Explicação